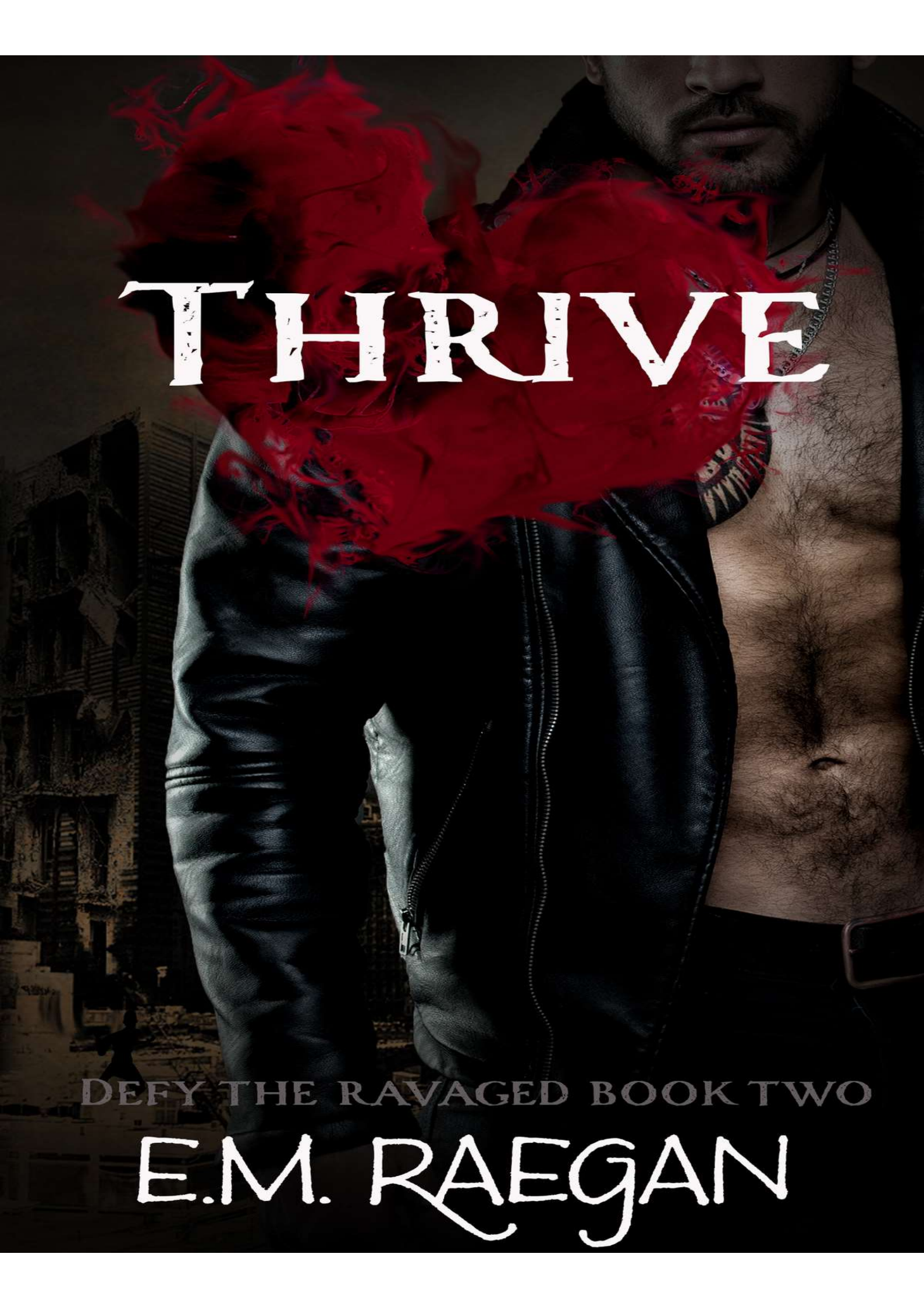




THRIVE

DEFY THE RAVAGED BOOK TWO

E.M. RÆEGAN

VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM



Olá caro leitor...

Como vocês sabem, nosso trabalho é feito de forma gratuita, e por ser feito apenas pelo prazer a leitura, saibam que pode conter erros...



Pedimos que NÃO seja compartilhado, pois são de leitura individual, é estritamente PROIBIDO a divulgação nas redes sociais, como: Tik tok, Kwai, Facebook, Twitter, Instagram, YouTube, Docero entre outros....

FLORESCER

Os dias estão se confundindo. Não consigo manter os olhos abertos à noite. O terror nos segue onde quer que vamos. Nenhum lugar é seguro. Está se espalhando. Prosperando. Não podemos fugir disso. Tudo o que podemos fazer é nos esconder e rezar para que isso passe por nós. Mas isso é uma ilusão. Os devastados nos encontrarão e não há nada que possamos fazer para detê-los. Eles estão em toda parte.

Eu não o vi. Eu não falei com ele. Mas eu sei que ele está lá. Eu sei que ele estará lá se eu precisar dele.

Não demora muito para que eu faça isso.

Meu nome é Willow.

O nome dele é Jason.

Eu o odeio – ou costumava odiar. Agora eu só preciso dele. Quero ele. Saudades dele. Os devastados estão chegando. Eles sempre estão, e ele está sempre lá para ficar entre eles e eu.

Mas os Devastados não são os únicos perigos que espreitam em cada esquina. Há algo mais sinistro me perseguindo. E quando me encontrar, estou sozinha.

ÍNDICE

[Capítulo 1](#)
[Capítulo 2](#)
[Capítulo 3](#)
[Capítulo 4](#)
[capítulo 5](#)
[Capítulo 6](#)
[Capítulo 7](#)
[Capítulo 8](#)
[Capítulo 9](#)
[Capítulo 10](#)
[Capítulo 11](#)
[Capítulo 12](#)
[Capítulo 13](#)
[Capítulo 14](#)
[Capítulo 15](#)
[Capítulo 16](#)

Para minha irmã, D, cujo amor por zumbis e romance pode superar o meu. E quem ouviu esse sonho maluco que tive há dois anos e me disse para escrever a história dele.

CAPÍTULO UM

Eu girei uma folha de grama entre meus dedos enquanto estávamos sentados na beira da estrada. Carros alinhavam-se na estrada até onde a vista alcançava. As pessoas abandonaram seus carros e estavam andando. Mas não nós. Aqueles de nós que estavam desarmados estavam sentados enquanto os membros do clube nos cercavam, com as costas retas, os olhos percorrendo a multidão crescente.

Estávamos a algumas centenas de metros da estrada e subíamos uma colina, mas eu ainda estava nervosa. Se alguém fosse mordido aqui, estaríamos fritos. Se apenas uma pessoa fosse infectada num grupo tão grande, seria pior do que a parada de caminhões na noite passada.

Mas não sabíamos mais o que fazer. Não sabíamos para onde ir. Paulie nos instruiu a deixar nossos carros quando algumas pessoas desesperadas começaram a espremer seus carros entre as pistas, empurrando-as. Não queríamos ser apanhados dentro dos carros se tivéssemos que correr.

Eu não entendia por que estávamos esperando. Devíamos ter saído a pé há muito tempo. Já estávamos sentados aqui há horas. Depois que o trânsito parou e percebemos que não estávamos nos aproximando da zona segura, Paulie disse a Ren e alguns outros para pegarem algumas motos e irem na frente para ver o que estava acontecendo - mas quão longe? A que distância ficava a zona segura? Eles poderiam ficar fora por mais horas.

Paulie e Jay tentaram manter nosso grande grupo unido, mas foi difícil – muitas pessoas tinham uma opinião sobre o que deveríamos fazer. Ficar ou ir? E as centenas de pessoas correndo a pé pela estrada deixaram nossos nervos à flor da pele. Na minha opinião, não foi inteligente esperar aqui.

Olhei para Jay. Ele estava discutindo com Paulie e apontando para a floresta atrás de nós, mas o homem mais velho apenas balançou a cabeça.

Blue deu uma risadinha e olhei para ele e Jan. Jan tinha uma filha de um ano, Marcy, e ela e Blue estavam brincando enquanto esperávamos. Estiquei os braços, gemendo. Foi bom que Blue tivesse relaxado o suficiente para brincar com o outro bebê e sua mãe – meus braços estavam com câibras por segurá-lo por tanto tempo.

Wiley, seu marido - outro membro do The Matron's Watchmen - ficou onde eles estavam brincando no chão e monitorou o tráfego colina abaixo. Ele estava tenso e eu sabia que, se alguma coisa acontecesse, ele levantaria a esposa e os bebês e estaria pronto para correr num piscar de olhos. Mas eu ainda sentei perto, observando.

Blue não era meu bebê, mas me senti responsável por ele desde que encontramos Fin. Ele viajava com o bebê desde que estavam em Maryland. Mas eu assumi o comando há duas noites.

Olhei colina abaixo para o carro cinza estacionado na segunda faixa. Eu não conseguia ver através das janelas escuras, mas poderia jurar que senti seus olhos em mim lá do alto da colina. Eu sufoquei um tremor. Fin foi proibido de chegar perto de Blue e de mim, na verdade, ele foi proibido de chegar perto do clube e do nosso grupo. Mas os punhos de Jay não devem ter sido convincentes o suficiente, porque ele estava nos seguindo desde ontem à noite.

Havia algo nele que enfiou facas em meu estômago. Me encurralar em um banheiro e me apalpar definitivamente provou que meus instintos sobre ele estavam certos. Eu não o queria perto de mim, e especialmente Blue. O bebê chorava incontrolavelmente quando estava perto de Fin, e me matava não saber que tipo de homem ele tinha que ser para fazer uma criança de dois anos temê-lo tanto – as coisas que ele deve ter feito com o bebê para conseguir esse tipo de reação.

Engoli em seco, passando pela espessura da minha garganta e desviei o olhar, de volta para Jay. Ele não tinha ido muito longe de mim desde que abandonamos os carros, mas ele não tinha olhado para mim também. Ele não tinha falado comigo. Não desde esta manhã. Não desde que ele me tocou. Me beijou.

Jay enrijeceu e balançou a cabeça com raiva para o tio. Paulie cortou o ar com a mão. Jay se virou e saiu furioso.

Observei Paulie enquanto ele esfregava o rosto com força. As coisas pareciam piorar entre eles também desde o nosso beijo. Paulie nos pegando parecia ter piorado as coisas entre eles. A culpa me consumiu, mas eu não entendia o porquê. Jay me beijou.

"É rude ficar olhando, Willoweed."

Eu enrijei e olhei por cima do ombro para Dahlia. Ela estava deitada na grama, a saia cigana dobrada sobre as coxas, mostrando os joelhos nodosos, e as mãos abertas acima da cabeça. Eu não conseguia ver seus olhos por baixo dos enormes óculos de sol amarelos em seu rosto, mas senti seu olhar fixo.

"Volte para o seu banho de sol." Revirei os olhos e olhei para a trança de grama que estava fazendo há uma hora. Dália bufou. Somente Dahlia tentaria pegar um bronzado quando poderíamos ser atacados por zumbis a qualquer momento – quando poderíamos ser levados para o inferno por uma explosão nuclear a qualquer momento.

Soltei um suspiro e procurei por Billy. Nas últimas horas, ele ajudou os sócios do clube a separar os suprimentos e embalá-los em sacolas que poderiam ser carregadas ou amarradas em uma motocicleta.

Eu não sabia qual era o plano, mas estava começando a fazer minha pele coçar. Eu me senti muito vulnerável, sentada ao ar livre. O sol iria se pôr em breve e sair à noite me assustava ainda mais.

Quanto tempo ficaríamos sentados aqui? Será que um mordedor devastado teria que nos atacar para que o grupo decidisse se mover?

Um tapinha no meu ombro me assustou e me virei. Lacy passou os braços em volta dos meus ombros e olhou para a trança no meu colo. Lacy era filha de oito anos de Goon. Ela não tinha mãe – desde que nasceu – então ela ficou andando pelo grupo a tarde toda enquanto seu pai observava o grupo e fazia planos com os outros.

Ficar sentada aqui tinha feito pelo menos uma coisa boa. Sem mais nada para fazer, aprendi alguns nomes do grupo – pelo menos aqueles que estavam dispostos a me dizer. Ainda não fui exatamente recebida de braços abertos, mas a animosidade a que estava acostumado nos últimos três anos estava visivelmente ausente hoje.

Sorri para a menina e a guiei para sentar no meu colo. "Quer tentar?"

Ela assentiu e sorriu timidamente. Olly, o cachorro de Jay, cheirou os dedos ao nosso lado enquanto eu mostrava a ela como fazer a trança de grama, e ela rapidamente assumiu o

controle. Seus cachos ruivos estavam uma bagunça emaranhada, então, enquanto ela trançava a grama, penteei seu cabelo com os dedos e fiz uma longa trança nas costas.

Foi onde o pai dela e Jay nos encontraram. "Lace, querida, o que você aprendeu?"

Lacy ergueu sua longa trança de grama e sorriu para o pai. Goon sorriu de volta e se agachou na frente dela. Ele era um homem grande, alto e largo, mas em boa forma. Seu cabelo escuro estava preso em um coque na nuca. Óculos escuros cobriam seus olhos, mas senti que eles me examinavam. "Obrigado por observá-la."

"Sem problemas," eu disse e rapidamente amarrei a ponta do cabelo dela. Ela girou e me entregou a trança. "Uau." Sorri largamente e enrolei-o no topo de sua cabeça, amarrando-o em uma coroa. "Lindo."

Ela me abraçou e pulou nos braços do pai. "Tchau, Willow."

"Tchau querida." Acenei como ela fez por cima do ombro do pai.

Quando eles se foram, mordi o lábio e olhei para o homem que me encarava. Jay não desviou o olhar e me perguntei por que ele estava me procurando agora. "O que?"

Ele tinha uma expressão estranha no rosto. Ele balançou a cabeça e se agachou na minha frente. "Estamos saindo em breve."

"Ren está de volta?" Eu olhei em volta. Eu não o tinha visto voltar.

Jay balançou a cabeça novamente e semicerrou os olhos para o sol. "Não, ele já deveria ter feito isso e não está atendendo o telefone via satélite."

"Ainda está funcionando?" Os telefones celulares não funcionavam – pelo menos não deste lado da zona segura.

"Por enquanto," Jay suspirou e olhou para mim.

"Você está preocupado com ele." Cerrei os dedos em punhos para não alcançá-lo.

"Sim," ele disse rispidamente. "Vai escurecer em breve. Temos que nos mudar. Mal posso esperar por ele."

Eu balancei a cabeça. "Ele sabe onde nos encontrar?"

"Sim, vamos começar a andar por ali. "

"Por que?" Eu não queria andar na estrada à noite – não perto de pessoas. Eu não queria sair à noite de jeito nenhum. Mas para onde mais poderíamos ir?

"Paulie quer ver se eles estão deixando as pessoas entrarem a pé."

A zona segura supostamente ficava a alguns quilômetros da estrada. Havia uma espécie de barricada militar, mas o trânsito não andava há horas.

"Você não concorda com ele?" Eu perguntei hesitante. Eu estava observando eles discutirem e Jay parecia nervoso.

Jay balançou a cabeça novamente, mas não disse mais nada.

Olhei em volta desconfortavelmente. Ele estava apenas me observando. Era estranho ter a atenção dele quando ele passou o dia todo me evitando. Jay era um cara quieto, mas eu o vi conversando e brincando com o clube. Ele não era assim comigo. Não antes de ontem à noite.

Ele estendeu as mãos sobre as coxas grossas, chamando minha atenção. "Eu quero você na minha motocicleta."

"Eu tenho Blue", murmurei para suas botas, ignorando a pequena emoção que senti ao pensar em voltar para sua motocicleta. Segurando-o.

"Iremos devagar. Ele ficará bem entre nós."

Olhei para o rosto dele. Isso foi inteligente? "Não sei." Qual foi a decisão certa aqui? Eu não era a mãe de Blue. Mas ele não tinha mãe e eu odiava pensar no que poderia ter acontecido com ela. Ou seu pai. Fin disse que encontrou Blue sozinho em uma casa, chorando. Mas ele poderia estar mentindo. Talvez os pais de Blue estivessem procurando por ele. Sua mãe o colocaria em uma motocicleta? Eu não sabia – eu estava tão longe de ser mãe. Mas provavelmente seria mais seguro do que tê-lo em meus braços enquanto caminhávamos. Qualquer coisa poderia acontecer conosco no escuro.

"Dahlia precisa ir com alguém. Ela não pode andar muito."

Dahlia disse algo vil atrás de mim e eu olhei para ela. Ela rolou de bruços, me ignorando. Jay riu.

"Ela está viajando com Monty."

Dahlia sentou-se com isso. Ela ergueu os óculos escuros até os cabelos prateados e sorriu para Jay.

"E quanto a Olly?" Passei meus dedos pelo cachorro ao meu lado e ele lambeu meu cotovelo.

"Ele vai me seguir", foi tudo o que Jay disse. O cachorro gemeu e rolou de costas, expondo a barriga. Eu o arranhei obedientemente.

"E os outros cachorros?"

O clube tinha outros três cães além de Olly. Eles estavam viajando na carroceria de uma caminhonete, mas se não pudéssemos levar nada além de uma motocicleta, eles teriam que caminhar com o resto do grupo. Simplesmente não havia motos suficientes para todos. A maioria dos membros tinha motocicletas e suas esposas ou filhos podiam viajar com eles. Mas também havia irmãos, pais, mães, irmãs e filhos. Alguns membros tinham mais de uma pessoa para cuidar. Muitos de nós estaríamos andando.

"Eles seguirão o grupo. Filhos e esposas estarão de motos."

Eu olhei em volta. Dahlia era a mais velha do nosso grupo, mas também havia algumas pessoas mais velhas que precisavam de uma carona mais do que eu – uma pessoa mais jovem e mais fisicamente apta.

"Low," Jay me chamou suavemente. Olhei para ele. Seus olhos estavam duros. Sua boca é uma linha fina e imóvel. "Você vai comigo."

Eu bufei quando ele se levantou e foi embora. Billy tomou seu lugar. Ele se jogou no chão ao meu lado e gemeu.

"Você está bem?" Perguntei.

Ele gemeu novamente e se espreguiçou. "Sim, iremos embora em breve."

"Isso foi o que Jay disse."

Billy olhou para mim e depois para as costas de Jay se afastando. "Você está com ele."

"Ele disse isso também," eu resmunguei.

Billy balançou a cabeça. "Não discuta, Will. Prefiro que você cavalgue do que ande."

Olhei para baixo e comecei a puxar mais grama.

"Ei." Billy passou o braço sobre meus ombros. "Você está bem?"

"Não sei", eu disse. Olhei de volta para Jay. Ele estava conversando com alguns outros membros que amarravam mochilas em suas motos. Alguns viajantes chegaram muito perto das motos estacionadas e os rapazes ficaram rígidos, olhando para eles até passarem.

"Você quer que eu diga a ele para recuar?" Billy perguntou, rispidamente. Deixei cair minha cabeça em seu ombro. Ele faria isso. Ele confrontaria Jay se eu pedisse. Ele era assim desde que o conheci. Eu era sua irmã não oficial. O no momento em que Dahlia me reivindicou, seu neto também o fez. Eu os reivindiquei de volta.

"Não." Eu balancei minha cabeça. Um confronto entre os dois era a última coisa que precisávamos agora. Eu não sabia quem sairia na frente depois daquela luta. Billy era um cara grande e um lutador amador que passou algum tempo na prisão - uma consequência de salvar uma mulher de seu marido abusivo - mas Jay era um fuzileiro naval e se comportava de uma forma que gritava *não brinque comigo*. Sem mencionar que havia quase vinte irmãos de seu clube aqui que dariam uma surra em Billy por olhar para ele de forma errada.

E eu... eu não queria que Billy avisasse Jay.

"Basta dizer a palavra," Billy rosnou ameaçadoramente.

"Deixe o menino em paz, filho," Dahlia gritou atrás de nós. "Ele só quer um pouco de Willoweed."

"Vovó," Billy avisou. Eu gemi e me sentei, olhando para ela novamente.

"Não há vergonha em querer, querido. Eu também quero um garoto mau." Dahlia sorriu e piscou para Monty quando ele passou por nós. O homem mais velho riu e continuou andando. Dahlia tinha quase o dobro da idade dele, oitenta e dois anos, mas isso não a impediu. "Não há nada de errado com um pouco de alívio do estresse em tempos como estes."

Billy corou e olhou para ela. Ele se levantou e a ajudou a se levantar. "Eu não preciso ouvir sobre essa merda."

Dahlia soltou uma risada e cambaleou, apoiando-se rapidamente em sua bengala. Billy olhou para as pernas dela, preocupado. Dahlia era uma força a ser reconhecida, mas isso tornava fácil esquecer a sua idade. Não poderia ser bom para ela viajar tanto. Ela precisava de mais descanso, mas isso não era possível agora.

Um apito ecoou no ar e nos voltamos para Paulie. Ele acenou para o nosso grupo. "Estamos nos mudando!"

Como um só, o grupo desceu a colina até a estrada abaixo. Wiley me entregou Blue e eu o coloquei no quadril. Blue agarrou meu cabelo enquanto eu descia a colina com cuidado, com Olly ao meu lado. Billy ajudou Dahlia e Jay me encontrou no meio do caminho, agarrando meu cotovelo e me guiando pela colina íngreme.

"E quanto aos outros?" Uma mulher – Elena, eu acreditava que era o nome dela – perguntou do meu lado. Achei que o irmão dela poderia estar explorando com Ren.

Paulie cerrou a mandíbula. "Mal podemos esperar por eles. Logo vai escurecer e precisamos chegar o mais perto possível da zona segura."

Um murmúrio frenético percorreu o grupo.

Paulie ergueu as mãos. "Tenho certeza de que eles estão bem, mas vamos nessa direção. Se estiverem voltando, nos verão. Caso contrário, descobriremos o que os está impedindo." Paulie olhou para cada um de nós. "Vamos formar pares nas motos. Crianças primeiro. O resto irá caminhar." Outro murmúrio ansioso. "Você receberá um membro. Você fica com eles na estrada. Estamos indo devagar. Ninguém se afasta." Eu olhei em volta. Éramos um grupo grande – pelo menos quinze pessoas caminhariam. Os sussurros ansiosos ficaram mais altos e Paulie assobiou novamente. "Isso é o que está acontecendo. Precisamos ir."

Várias pessoas correram para as motos, mas as crianças foram carregadas primeiro e depois as mulheres atrás delas, segurando as crianças menores como eu faria com Blue. Billy ajudou Dahlia a ficar atrás de Monty, e o tempo todo ela sorriu maliciosamente, fazendo um grande show ao se pendurar nas costas dele. O ombro de Monty tremeu enquanto ele ria baixinho, mas o rosto de Billy contraiu-se. Isso não a impediu de envolver Monty tanto quanto possível.

Fui até Jay enquanto ele se sentava, mas alguém pulou atrás dele e eu parei. Era Gia. Ela olhou para mim e eu recuei.

"Gia, o que você está fazendo?" Jay enrijeceu e olhou por cima do ombro.

"Rayna está com tio Paulie. Ele me disse para ir com você," ela cuspiu, ainda olhando para mim. Seu lindo rosto estava distorcido.

"Não. Você está viajando com Burman."

"Não, ele está com Carrie", ela disse entre dentes.

Jay olhou para a garota que subia atrás de Burman. Ela era jovem – talvez onze ou doze anos. Ela era uma garota magra, mas Burman era enorme, então não havia como outra pessoa se encaixar nele.

"Low tem Azul. Você pode caminhar ao nosso lado." Jay olhou para ela e acenou com a cabeça para ela descer.

— Jay — gritou Paulie. Jay olhou para frente e viu Paulie olhando para nós com Rayna nas costas. "Leve sua primo."

Jay suspirou e olhou para as mãos, cerrando a mandíbula. "Pegue Blue."

Eu automaticamente apertei o bebê com força. Não parecia certo entregá-lo a Gia. Ele não a conhecia. Gia estendeu as mãos e eu hesitei.

"Low." Olhei para Jay. "Ele vai ficar bem. Você precisa de suas mãos livres."

Olhei para Blue. Seus grandes olhos azuis estavam no meu rosto. Suspirei. Se algo acontecesse, seria melhor para ele estar com Jay. Ele seria capaz de afastar Blue rapidamente. Eu o entreguei.

Blue apertou brevemente seu aperto, mas me deixou entregá-lo quando viu Jay. Hesitei enquanto Gia o segurava no colo.

"Eu o peguei", disse Gia, surpreendentemente gentil. Olhei para o rosto dela. Ela rapidamente desviou o olhar e olhou para o bebê. Ele olhou para ela e ela sorriu um pouco.

Jay assobiou e Olly trotou até ele. "Fique com Low," ele ordenou. O cachorro olhou para ele solenemente e depois veio para o meu lado. Às vezes, eu me perguntava se o pit bull conseguia nos entender, ele era tão obediente. "Fica perto de mim."

Balancei a cabeça para Jay e Billy veio para o meu lado, agarrando minha mão.

Os motores das motos aceleraram e começamos a andar, seguindo ao lado da fila de motocicletas lentas.

"Você vai ficar bem?" Billy olhou para meu tornozelo enfaixado.

Eu flexionei. Ainda doía, mas não tanto quanto quando aquele homem pisou nela. Ainda era difícil para mim pensar no que havia acontecido naquele bairro algumas noites atrás. O que aconteceu com Alyssa.

Apenas o nome dela enviou uma pontada de dor no meu peito.

Balancei a cabeça e peguei Jay olhando para meu tornozelo com preocupação. Eu rapidamente coloquei de volta no lugar. Eu não queria expulsar uma criança da moto – isso seria

uma bagunça. Doía, mas eu conseguia andar. Eu sabia que Jay faria Gia sair se achasse que eu não conseguiria andar, e sabia que Paulie ficaria chateado.

Não precisava dar mais motivos para o presidente do clube me odiar.

"Estou bem." Olhei para frente, apertando sua mão.

CAPÍTULO DOIS

Eu não estava bem.

Duas horas depois, eu estava mancando.

Estava tão escuro que mal conseguia distinguir o que estava à minha frente. A única razão pela qual não caí de cara no chão foi porque as luzes da moto iluminaram nosso caminho e Billy não soltou minha mão.

Eu sabia que ele estava chateado com o quão rígido ele estava. Ou ele estava bravo ou estava tão apavorado quanto eu. Billy tinha uma arma na outra mão e seus olhos vasculhavam a escuridão com tanta urgência que diminuimos a velocidade. Procurando o perigo real que pode estar à espreita no escuro.

Goon e Lacey estavam agora ao nosso lado, mas nosso outro lado estava aberto para a escuridão. Tivemos que andar na grama porque a estrada estava tão lotada que não havia um centímetro de espaço no acostamento.

Ainda não havia sinal de Ren ou dos outros – e estávamos procurando. Eu não queria pensar no que poderia tê-los impedido. Estávamos indo para onde eles tinham ido, e o fato de eles não voltarem há tanto tempo era extremamente preocupante. Mas mesmo assim seguimos em frente, sem parar por nada.

Assim que o sol se pôs, pudemos ver um brilho fraco à distância. Havia luzes à frente, mas eu não sabia se eram de carros ou de alguma outra coisa – como uma barricada ou algo assim.

Meus nervos estavam à flor da pele e não ajudava o fato de não estarmos sozinhos. Quanto mais caminhávamos, mais e mais pessoas se aglomeravam ao nosso redor. As pessoas entravam e saíam dos carros, algumas caminhando, outras correndo. O pânico em seus rostos e em seus movimentos era palpável.

Isso já era bastante assustador, mas o fato de eu não saber se Fin estava logo atrás de nós deixou minhas costas retas. Eu estava prevendo um ataque a qualquer momento – fosse de Fin, de um mordedor ou de uma pessoa desesperada. Eu só queria sair da estrada e encontrar um lugar para me esconder.

Jay estava nos chamando para alcançá-los, mas estava muito lotado e agora as pessoas nos cercavam por todos os lados. Eu nem sabia mais se as pessoas ao nosso redor eram membros do nosso grupo. Estava muito escuro para dizer. Não consegui reconhecer um único rosto.

Chegamos a uma colina e Billy tentou me fazer subir em suas costas quando comecei a tropeçar. Mas eu o afastei. Ele precisava de mãos livres.

No topo do outro lado da colina, o brilho tornou-se uma luz branca e brilhante e eu estremeci. Alguém me empurrou por trás e Billy rosnou. A pessoa avançou, passou por mim, e então fui empurrada por todos os lados.

Eu não sabia como isso aconteceu, mas num minuto estávamos ao lado de Goon e dos outros membros do nosso grupo, e no minuto seguinte Billy e eu estávamos completamente engolidos por uma multidão de pessoas.

"Não consigo vê-los", gritei acima da conversa alta. "Você pode?"

"Não", Billy gritou de volta. "Vovó!"

As pessoas estavam me martelando de todos os lados, e tive que dar-lhes uma cotovelada para que Billy e eu não nos separássemos. De onde vieram todas essas pessoas? Eles eram todos da estrada? Não parecia que havia tantos antes.

Alguém estava gritando no alto-falante, mas soou apenas como um grito estridente. Eu não sabia de onde vinha e o pânico só piorou com o barulho insuportável. Cobri uma orelha com a mão livre e Billy me puxou para ele, ficando atrás de mim com o braço em volta da minha cintura. Ele usou o outro braço para nos empurrar no meio da multidão, mas não adiantou – estávamos amontoados como sardinhas.

Minha respiração acelerou junto com meu batimento cardíaco. Isto foi muito, muito péssima ideia. Levei uma cotovelada no rosto – meu nariz torceu e Billy curvou os ombros em volta de mim. Houve mais gritos vindos de um alto-falante e a multidão pareceu avançar. Alguém me chutou no tornozelo e eu gritei.

Billy me pegou e usou o ombro para empurrar. Fiz o melhor que pude para ajudar com as mãos, mas foi impossível. A multidão estava muito frenética, muito aterrorizada.

Um gemido alto chamou minha atenção e eu engasguei com a respiração seguinte. Balançando a cabeça, procurei por Olly, mas não consegui vê-lo. "Olly!"

"O que?" Billy gritou em meu ouvido.

"Olly!"

Billy praguejou e olhou para trás. Houve outro gemido e depois um rosnado alto. Empurrei Billy e ele baixou meus pés. Nós nos viramos. Chamei Olly várias vezes e comecei a abrir caminho no meio da multidão por onde viemos.

As pessoas gritavam comigo enquanto eu me contorcía e abria caminho, mas eu as ignorei e procurei freneticamente no chão.

Encontrei-o rosnando e atacando a perna de um homem. O homem estava gritando e chutando-o com o outro pé. Eu cutuquei o homem no peito e ele me empurrou de volta. Tropecei e Olly bateu a cabeça nas minhas pernas. Eu me virei e caí no chão, raspando minhas mãos para o inferno.

Eu gritei e Olly lambeu meu rosto. Alguém pisou na minha mão e eu gritei. Então Billy estava lá, me levantando e gritando com as pessoas ao nosso redor. Olly rosnou para outro homem, e Billy se abaixou e o pegou no colo. Agarrei a cintura de Billy enquanto ele abria caminho no meio da multidão.

Um tiro disparou no ar – um tiro – e a multidão gritou. Fui empurrado para Billy, mas ele continuou se movendo. Ele estendeu a mão e envolveu meu pulso com o punho. Eu podia ver Olly por cima do ombro, rosnando e rosnando para as pessoas ao nosso redor. O cachorro não estava facilitando para Billy segurá-lo com um braço, mas Billy não o deixou ir – nem a mim.

Houve outro tiro e fui agredida novamente por pessoas desesperadas. Estremeci quando alguém puxou meu cabelo. Billy de repente avançou e me arrastou atrás dele.

De repente, havia uma luz brilhante no meu rosto, então enterrei-a no peito de Billy. Ele se virou e me empurrou na frente dele, e eu tropecei para frente. Outro tiro, tão perto que minhas mãos foram até minha cabeça, fez Billy me segurar enquanto eu instintivamente tentava cair de joelhos.

"Eu não estou mordido! Eu não estou mordido!" alguém gritou de algum lugar à minha frente.

Olhei para cima e levei um minuto para meus olhos focarem nas luzes brilhantes. Olhei para frente e vi uma fileira de militares armados. Eles estavam empurrando as pessoas para trás enquanto homens e mulheres de uniforme agarravam pessoas na multidão. Olhei para a minha esquerda e vi o homem que estava gritando. Uma mulher de uniforme balançou a cabeça e empurrou o homem.

"Eu não estou mordido!" ele gritou, com o rosto vermelho e encharcado de suor.

Um militar apontou uma arma para o rosto do homem. "Cópia de segurança!"

Billy me derrubou para a direita e eu vi Paulie. Ele estava parado atrás de um portão alto – uma boa altura acima das pessoas ao seu redor – conversando com dois militares. Ele apontou para nós e Billy me empurrou com mais força. Tropecei para frente e um homem camuflado agarrou meu braço, me puxando no meio da multidão. Segurei a mão de Billy e tropecei no portão. Fui sacudida novamente e minha bochecha arranhou o metal do portão. O homem me puxou com mais força, e então um homem de uniforme me agarrou, me girando. Minha camisa estava rasgada até as costas e mãos enluvadas percorriam minha pele. Então, ele me girou e inspecionou minha barriga, peito, braços e ombros. Billy arrancou as mãos do homem de mim quando ele foi pegar meu jeans.

"Deixe-os olhar!" Paulie gritou a alguns metros de distância, além do portão.

"Entendi," Billy rosnou e me ajudou a abaixar as calças. Minhas bochechas queimaram quando o homem me inspecionou, mas ele não me agarrou de forma inadequada. Minhas calças estavam de volta antes que o constrangimento pudesse ser totalmente absorvido. Billy deixou o homem examinar ele e Olly enquanto outra mulher limpava com algodão em meu braço e me furava com uma agulha. Eu gritei da força. Ela puxou uma seringa cheia de sangue e inseriu-a em uma pequena máquina.

Uma arma estava enfiada em meu peito e eu tropecei para trás. Billy praguejou e me puxou para trás enquanto a mulher observava a máquina. Acendeu-se em verde e então o militar me puxou para frente e passou pelo portão alto. Eu me virei e observei Billy ser furado com uma agulha, prendendo a respiração até que a máquina acendesse em verde. Olly rosnou enquanto o furavam, e então ele e Billy estavam ao meu lado novamente. Havia outro portão na frente de Paulie, e dois homens nos empurraram em direção a ele, arrancando minha mochila das costas.

Billy praguejou e eu me virei. Sua arma foi tirada dele e ele foi empurrado pelo outro portão, em direção a Paulie. Ele gritou meu nome e me virei para ver um homem despejando o conteúdo da minha mochila no chão. Ele mexeu nela e depois me jogou a mochila. "Você está bem."

Ajoelhei-me e empurrei tudo de volta enquanto outra mulher era empurrada para frente. Ela segurou sua bolsa, mas o homem a empurrou, arrancando-a dela. Levantei-me e uma mão nas minhas costas empurrou-me bruscamente em direção ao portão. Ela se abriu e Billy me puxou.

Minhas mãos tremiam quando ele me puxou para seus braços. Paulie acenou para que avançássemos e cambaleamos para alcançá-lo.

Olly correu ao nosso lado e Billy me levantou nos braços enquanto eu tropecei no tornozelo machucado. A estrada que passava pelo portão estava significativamente menos movimentada, mas havia veículos militares por toda parte. As pessoas estavam sendo carregadas nas costas de alguns deles como homens armados apontados para a escuridão que nos rodeava.

"Subam." Paulie apontou para um caminhonete com um grupo de pessoas. Ele se virou e subiu na moto depois de dar um tapinha no braço de um soldado. O soldado assentiu e levantou a mão, indicando que a caminhonete estava cheia. A caminhonete fez barulho quando Billy e eu nos sentamos em um banco. Olly deu um pulo e sentou-se aos meus pés e o caminhonete acelerou pela estrada.

"Onde estão todos os outros?" Chamei Billy por cima do vento.

Ele balançou a cabeça, seu rosto sombrio.

Paulie seguiu a caminhonete e olhei além dele para a barricada iluminada. Agora que estávamos do outro lado, pude ver o mar de pessoas tentando abrir caminho através dos portões. Eu não conseguia acreditar que havíamos passado por todos eles. Havia dezenas e dezenas de soldados nas altas cercas que passavam pelos dois lados da estrada.

Mas Paulie estava sozinho. De alguma forma, ele nos avistou no meio da multidão e instruiu os soldados a nos agarrar. Eu não sabia como ele poderia tê-los persuadido a fazer isso e, honestamente, não conseguia acreditar que ele se importasse. Mas ele *esperou* por nós. Não havia mais ninguém do nosso grupo, e eu esperava e rezava para que fosse porque todos os outros haviam conseguido passar.

Dirigimos um pouco e eu tremi durante todo o caminho. Finalmente paramos no lado de uma estrada fora de um prédio de escritórios alto. Os soldados nos tiraram da caminhonete e aceleraram na direção oposta enquanto novos soldados nos encurralavam para dentro do prédio. Entramos em um enorme saguão e tudo que vi foram centenas de pessoas circulando – tanto soldados quanto civis.

Seguimos Paulie no meio da multidão. Ele olhou em volta ansiosamente e então pareceu disparar para o lado. Billy me puxou atrás dele, e então lá estavam eles – pelo menos *alguns* deles.

Dahlia gritou e acenou para nós. Billy estremeceu ao meu lado e correu para ela. Eu manquei atrás dele. Mãos me agarraram por trás e eu gritei. Fui girada e empurrada contra um peito grosso. Jay colocou o rosto em meu pescoço e me apertou com força. Ele praguejou e se afastou, agarrando meu queixo.

Ele cutucou meu nariz e eu estremei. "O que aconteceu?" Seus dedos saíram molhados de sangue.

Eu nem tinha percebido que estava sangrando. Balancei a cabeça e tremi.

"Low?" Olhei para cima e as lágrimas que estavam se acumulando caíram pelo meu rosto. "Ei, princesa, nada disso." Ele limpou os polegares sob meus olhos. "Você está bem." Ele me puxou de volta para seu peito enquanto eu chorava. Minhas costas estremeeceram e minhas mãos se torceram em sua camisa. Ele se afastou novamente e me agarrou pelos lados da cabeça. Ele se inclinou e beijou meus lábios molhados. "Você está bem." Ele beijou meus olhos. "Você está bem." Ele beijou minhas bochechas e depois meus lábios novamente, sussurrando que *você está bem* repetidamente. Deixei escapar um soluço e ele me levantou contra seu peito, me levando até o grupo.

"O que aconteceu?" ele perguntou enquanto eu enterrava meu rosto em seu pescoço.

"Eu não sei," Billy rosnou. "Fomos apanhados pela multidão."

"Todos nós fizemos." Paulie suspirou.

— Ela está sangrando — Jay rosnou.

Mãos tiraram meu rosto do pescoço de Jay e Billy cutucou meu nariz. "Você está bem?"

Eu balancei a cabeça. Poderia ter sido muito pior. "Obrigada", eu disse a Paulie, minha voz embargada.

Paulie olhou por cima da minha cabeça para Jay. Então ele acenou para mim e caminhou até suas sobrinhas. Rayna estava sentada ao lado de Gia. Ambas estavam brincando com Blue. Eu queria agarrá-lo delas. Vê-lo, ileso, foi um grande alívio – tudo aconteceu tão rápido. Mas Jay me abraçou com força e eu não tinha pressa em deixar seus braços. Ver Blue rir das caretas bobas que Gia estava fazendo foi o suficiente por enquanto.

"Você conseguiu", disse uma voz atrás de nós, e Jay se virou.

"O que diabos aconteceu com você?" Jay rugiu.

Ren balançou a cabeça. "Eles nos empurraram e não nos deixaram voltar. Nós só queríamos perguntar o que diabos estava acontecendo, mas eles não disseram nada até passarmos pelo portão e então não nos deixaram voltar. Estou tentando ligar para você. Ren ergueu o telefone via satélite. "Está morto."

"Eles não deixariam você voltar?" Paulie perguntou, vindo ao nosso lado.

Ren balançou a cabeça novamente. "Muitas pessoas tentando passar por aquele portão. Eles estão se esforçando para acompanhar a multidão que chega, e suas ordens mudam com tanta frequência que eles estão apenas tentando eliminar o maior número possível. Estou surpreso que todos vocês tenham conseguido – pensei com certeza que vocês se separariam."

"Paulie mencionou alguns nomes e eles nos empurraram para frente." Monty sorriu. "Gritando com aqueles garotos, agindo como se ele ainda fosse um merda."

Paulie olhou feio para Monty e ele riu.

"Então, o que está acontecendo?" Goon veio com Burman.

Ren suspirou e olhou em volta. "Isto é temporário. Eles estão levando as pessoas mais longe a cada duas horas. Disse para esperar até que mais alguns ônibus voltassem. Deixamos nossas motos nos portões."

Ren tinha uma expressão tensa no rosto.

Monty deu um tapinha no ombro dele. "Conseguimos a nosso, embora Wiley tenha perdido a dele ao ser empurrado."

Paulie olhou de volta para o grupo. "Tenho que fazer uma contagem."

"Já fiz isso", Jay disse acima da minha cabeça. "Conseguimos todos."

"Maldito milagre," Burman murmurou.

— Quase não consegui — disse Jay, num silêncio mortal. Suas mãos se apertaram ao meu redor. Ele se virou e foi até uma mesa dobrável. Ele me sentou na mesa e deu um tapinha na minha coxa. "Espere aqui."

Suspirei enquanto ele se afastava, enxugando meu rosto. Olhei para cima e vi Paulie e Ren olhando para mim. Paulie ficou para nós. Eu me forcei a encarar seu olhar. Eu devia isso a ele, pelo menos.

Dahlia e Billy ficaram entre nós e então Dahlia me abraçou. "Eu estava tão preocupada. "

"Eu também," murmurei em seu pescoço quente.

Ela fez um pequeno som e cutucou meu nariz. Eu estremei e chorei, me afastando dela. Não achei que estivesse quebrada, mas definitivamente doeu.

Jay voltou com uma garrafa de água e toalhas de papel. Ele grunhiu e Dahlia se afastou.

Dez minutos depois, meu nariz foi limpo e Jay inspecionou cada parte de mim. Minha mão era a pior – havia alguns arranhões, mas quem quer que tivesse pisado nela quebrou meus dedos. Depois havia meu tornozelo. Jay embrulhou-o novamente, fervendo o tempo todo.

Depois que ele terminou, ele me trouxe Blue. O bebê adormeceu em meus braços.

Esperamos duas horas pelos ônibus.

A exaustão pesava no rosto de todos. Estávamos cansados, com fome, irritados e assustados.

Enquanto saíamos noite adentro e entramos nos ônibus, vários outros caminhões pararam com pessoas no portão. Observei-os descarregar as pessoas e vi um rosto familiar na multidão – um rosto que me causou um arrepio na espinha.

Apertei os olhos pela janela do ônibus.

Fin piscou para mim.

CAPÍTULO TRÊS

Os ônibus tinham escolta de motocicleta.

Pessoas desconhecidas no ônibus ao nosso redor observavam The Matron's Watchmen do lado de fora das janelas com cautela enquanto viajavam ao lado dos três ônibus. Sentei-me ao lado de Dahlia, com Billy no banco do outro lado do corredor. Ren estava ao lado dele, olhando ao redor do ônibus como se isso o ofendesse pessoalmente.

Dirigimos por duas longas horas. Todas as áreas pelas quais passamos estavam completamente abandonadas. As lojas foram fechadas e tapadas com tábuas. As estradas foram totalmente desobstruídas, exceto pelos veículos militares que passavam por nós ou estacionavam.

Quando paramos, era fora de uma pequena universidade. Uma mulher olhou para Olly nervosamente enquanto ela descia do ônibus na nossa frente. Os outros cachorros estavam aos pés de Ren, e ele nos instruiu a esperar o ônibus esvaziar antes de nos mudarmos. Descendo do ônibus, olhei em volta para todas as pessoas circulando. Havia soldados – muitos deles – e pessoal médico. Mas também havia filas de pessoas – filas e filas de pessoas fora das tendas e dos caminhões.

Um soldado nos conduziu até uma tenda, onde ficamos em fila. Paulie estava à nossa frente e conversou com uma soldada com uma prancheta. Um por um, dissemos nossos nomes e de onde éramos. Eu não sabia para que servia. A lista de sobreviventes? Ou apenas uma maneira de acompanhar todos nós? Um crachá me foi entregue e eu o coloquei, um pouco atordoada.

Então, uma mulher estava parada na minha frente, olhando para Blue. "O nome dele?"

Eu hesitei.

"Carter," a resposta áspera de Jay veio atrás de mim.

Fiquei imóvel enquanto ela olhava para mim e depois para Blue. Não éramos nada parecidos. Eu, com meu cabelo loiro - quase branco - e olhos castanhos, não era nada parecido com o cabelo castanho macio e os olhos azuis brilhantes de Blue. Sua pele era muito mais escura do que a minha pele pálida. Ele parecia mais com Jay do que comigo. Ela olhou para Jay e a suspeita desapareceu de seu rosto.

Suspirei. Jay realmente poderia ter sido o pai de Blue. Ela assentiu enquanto escrevia "Carter" e depois "Howler", o sobrenome de Jay, em seu papel. Então ela passou por nós.

Esperei até que ela estivesse muito mais longe antes de me virar para encarar Jay. "Deveríamos ter feito isso?" Segurei Blue perto.

Jay procurou meu rosto.

"E se os pais dele estiverem procurando por ele?" E se tivéssemos apenas tentado encontrar o filho? Essa lista realmente poderia ser uma lista de sobreviventes. Mas nós o reivindicamos - se tivéssemos dito a eles que o encontramos, eles poderiam ter tido uma chance de encontrar seus pais. Se eles ainda estivessem vivos.

“Não sabemos o nome dele, Low. Blue teria ficado arrasado. Eles não pensarão duas vezes sobre um nome como Carter.” Nós dois olhamos para Blue enquanto ele brincava com meu cabelo. Ele provavelmente tinha cerca de dois anos de idade. Ele deveria ser capaz de falar um pouco na sua idade, pensei. Eu não sabia muito sobre crianças. Mas não eram possíveis respostas de uma ou duas palavras? Não o ouvimos dizer uma única palavra, mas isso pode ser devido ao que ele passou.

“Qual é o seu nome, garoto?” Eu perguntei suavemente. Blue olhou para mim, piscando seus grandes olhos. Ele poderia ter dois anos; ele poderia ter dezoito meses; ele poderia ter mais de dois anos - eu não tinha ideia de quantos anos ele tinha ou qual era seu nome.

Blue sorriu e avançou, abrindo um pouco a boca. Ele beijou minha bochecha molhada e riu.

“Eles vão levá-lo, Low”, Jay disse calmamente. Ele se aproximou tão de nós que pude sentir o calor saindo dele. “Eles vão pegá-lo e colocá-lo com uma um monte de outras crianças, e ele pode nunca ser reivindicado. Ele se perderá em um sistema que está um caos neste momento.”

Pisquei para afastar as lágrimas. “Mas e se eles estiverem procurando?”

Jay balançou a cabeça tristemente. “Não se esqueça de onde acabamos de vir.”

Eu não poderia esquecer. Foi morte, caos e terror. Eu sabia o que ele estava dizendo, no entanto. As chances de que seus pais o tivessem deixado sozinho em casa - ou em qualquer lugar - e ainda estivessem vivos e procurando por ele eram muito baixas.

“Por enquanto, ele é nosso. Nós o manteremos seguro.”

Eu olhei em volta. Ele estava certo. Eles o levariam. Eu sabia que eles fariam isso. Blue estava mais seguro conosco, e talvez um dia... talvez um dia tudo isso acabasse e poderíamos olhar. Poderíamos tentar descobrir o que aconteceu com seus pais.

Talvez fosse uma ilusão. Mas era melhor do que a alternativa – que talvez nunca tivéssemos a oportunidade. Que estávamos todos com tempo emprestado.

Blue riu novamente.

Ele estava mais seguro conosco. Com os Matron’s Wacthmen. Comigo.

Balancei a cabeça e abracei Blue com força.

Jay soltou um suspiro e me pegou pelo braço, me guiando.

Fomos transferidos para outra tenda, onde ficamos em outra longa fila. Jay e os outros estavam tensos e vigilantes. Estar perto de todas essas pessoas era uma tortura para eles.

As outras pessoas aqui devem ter sido escaneadas e perfuradas com agulhas como nós, mas como poderíamos saber o que realmente fez com que uma pessoa se transformasse em uma das devastadas? Uma mordida bastaria - já tínhamos visto isso. Mas o que começou tudo? Poderia estar no ar. Pode ser uma tosse, um espirro. Não tínhamos como saber se uma dessas pessoas estava prestes a se transformar.

Se um de nós estivesse prestes a se transformar.

Foi assustador.

Outro soldado nos conduziu para dentro da tenda, um de cada vez, e descobri que era uma tenda médica. Cada um de nós foi inspecionado mais minuciosamente do que no portão, ficando apenas de cueca atrás de uma pequena tela.

Quando chegou a minha vez, a mulher de uniforme me deixou segurar Blue e Jay nos seguiu atrás da tela. Um soldado foi detê-lo, mas um momento deles, silenciosamente palavra falada por Jay e o soldado recuou com uma carranca, as mãos no rifle.

A mulher olhou primeiro para Blue, enquanto eu o segurava. Então entreguei-o a Jay enquanto me despia, meu rosto queimando o tempo todo. A mulher me observou, junto com outros dois soldados, um mulher e outro homem. Ela passou as mãos enluvadas pela minha pele, até mesmo por baixo do sutiã e da calcinha. Cada um dos meus cortes e arranhões foram cuidadosamente inspecionados. Só então ela me deixou vestir.

Virei-me para ver a raiva acumulada no rosto de Jay e tirei Blue dele. Ele se despiu e tentei não olhar, mas foi impossível. Até a enfermeira teve dificuldade em se concentrar no trabalho enquanto olhava para ele. Ela corou e se atrapalhou enquanto passava as mãos pelo corpo fortemente tonificado dele.

Eu não poderia culpá-la. Jay era impressionante em pé, de cueca boxer. Sua barriga era cortada como aço e seu peito era tonificado, com uma pequena camada de pelos escuros. Suas coxas eram grossas e a protuberância entre as pernas era... olhei para cima. Jay estava me observando com um calor ardente nos olhos. Soltei um suspiro trêmulo e olhei para o chão.

Depois que ele se vestiu, todos nós tiramos mais sangue. Blue gritou o tempo todo. Cantei baixinho para ele, e ele deitou a cabeça em meu ombro, apontando seus olhos feridos e lacrimejantes para a enfermeira.

Depois que as enfermeiras nos consideraram saudáveis, nos mandaram para outra tenda. Lá, recebemos instruções e a chave de um quarto. Paulie assumiu, conversando com os soldados sobre nosso grupo. Eles não conseguiram manter todos os nossos quartos juntos, mas conseguiram colocar todos nós no mesmo prédio.

Jay estava atrás de mim, com a mão no meu quadril, o polegar percorrendo a fina faixa de pele ali.

De lá, fomos até um caminhão onde nos foram entregues sacolas com suprimentos. Conseguimos cobertores, comida, água e uma pequena quantidade de produtos de higiene pessoal.

Um soldado nos acompanhou até nosso prédio e entregou uma lista de regras. Havia toque de recolher e não deveríamos sair do prédio à noite, a menos que fôssemos instruídos. Havia guardas estacionados em todas as saídas do prédio.

"Todo mundo puxa seu peso. Venha me ver pela manhã e um trabalho será atribuído a você", disse o soldado a Paulie. "Já estamos bem cheios aqui. Você tem sete quartos – faça funcionar."

Ele nos trancou dentro do prédio e outro soldado nos acompanhou até as escadas.

Tínhamos três quartos no segundo andar, um no quarto, um no quinto e dois no último andar.

Em cada andar, Paulie e os outros nos separaram em grupos de quatro. Antes de entrarem em uma sala no segundo andar, Paulie sussurrou algo para os membros do clube. Eles assentiram e então subimos para o próximo andar.

Jay me guiou até uma sala no último andar, e Billy e Dahlia me seguiram para dentro. O quarto tinha duas camas de solteiro e um sofá pequeno. Uma das camas tinha uma colcha rosa, mas a outra estava completamente vazia. Havia pôsteres e pinturas nas paredes e pequenas bugigangas nas cômodas.

Eu olhei em volta. Alguém morou aqui – duas pessoas. O que aconteceu com elas? Eles foram para casa? O quarto deles parecia arrumado como se estivessem com pressa.

"Vou acomodar as meninas com Paulie. Eu volto já." Jay pegou meu queixo e beijou minha testa. Billy suspirou quando fechou a porta atrás de si.

Dahlia sentou-se na cama nua e saltou um pouco.

Estávamos todos quietos.

"Então, conseguimos", eu disse em meio ao silêncio.

"Sim," Billy disse asperamente. Ele olhou entre nós. "Eu não gosto disso."

Eu balancei minha cabeça. "Não parece seguro." Uma zona segura não deveria parecer segura?

"Não creio que nos sentiremos assim por muito tempo", murmurou Billy. Ele foi até o sofá e deitou-se, gemendo.

Durante duas horas, Dahlia e eu vasculhamos a sala. Encontramos algumas roupas femininas e mais alguns produtos de higiene pessoal. Encontramos um conjunto extra de lençóis para a outra cama, mas o sofá só tinha os cobertores finos dos suprimentos. Blue ficaria em uma cama comigo, Dahlia dormiria na outra e Billy insistia em ficar no sofá.

Fizemos uma pequena refeição com os MREs – refeições prontas para comer – que nos foram servidas anteriormente. Deviam ser quase quatro da manhã e eu queria tanto me deitar, mas precisava de um banheiro, e o quarto não tinha.

"Deixe-o comigo," Dahlia murmurou. Ela estava deitada na cama, lendo um livro que encontrou sobre zumbis. Tinha um homem na capa, coberto de maquiagem para fazê-lo parecer um morto-vivo. Será que realmente pensávamos que zumbis eram divertidos há não muito tempo? Olhei para o quadril dela para ver outro sobre um vampiro e tive que reprimir um arrepio. Eu não achava que zumbis fossem possíveis, a ideia de qualquer outra coisa que transformássemos em filmes ou livros saltando para a vida real me dava arrepios.

Coloquei um cobertor ao pé da cama e coloquei o corpo adormecido de Blue do outro lado para que ele não rolasse. "Eu volto já."

Ela assentiu e virou a página, com os olhos já caídos. Eu hesitei. Eu confiei em Dahlia para cuidar de Blue, mas ela dormiu como a analogia: ruim ou não. E se ele rolasse para fora da cama enquanto ela dormia?

"Seremos rápidos", Billy disse calmamente e me puxou até a porta.

No corredor estava silencioso e escuro. As luzes de emergência estavam acesas, mas as sombras pareciam escapar das paredes.

Revistamos o último andar, mas todas as portas estavam trancadas.

Descendo as escadas, encontramos Jay, Paulie e Ren conversando baixinho no quinto andar. Suas expressões eram graves e Ren estava pálido, sua pele bronzeada completamente desbotada. Eu estremei.

"Banheiro?" Billy perguntou a eles quando passamos.

"Eu levo você," Jay murmurou e se separou de Paulie e Ren.

Havia um banheiro comunitário naquele andar e Jay apontou para ele. "O feminino está aberto, mas o masculino está fechado."

Ele seguiu Billy e eu para dentro e usamos os banheiros. Saí e fui para o fundo da sala. Quando avistei os chuveiros, praticamente corri até eles. Girando a maçaneta, a água fria saiu.

"Frio?" Billy perguntou da pia atrás de mim.

"Eu nem me importo," murmurei e peguei a mochila dele. Procurando, encontrei um frasco de sabonete 3 em 1 e uma toalha. Eu também tinha uma legging e uma camisa lilás que encontrei no quarto. Parecia estranho e nojento roubar a calcinha de uma pobre garota, então eu ficava sem ela enquanto lavava a minha.

Os dois caras conversaram baixinho enquanto eu me lavava no chuveiro, eu não consegui fazer ouvir o que eles estavam dizendo acima do som da água, e a cortina bloqueou tudo, menos meus pés.

Eu estava secando meu cabelo com a toalha fina quando saí com meu moletom novo. Parei, olhando entre eles. Billy estava com as mãos na pia e curvado, muito, muito imóvel. "O que está acontecendo?"

Jay veio até mim e puxou a toalha das minhas mãos rígidas. Ele começou a passar pelo meu cabelo enquanto falava. "Chegou no oeste."

Minhas mãos caíram para os lados, dormentes.

"C-como você sabe?" Eu engasguei.

"Paulie. Ele descobriu nos portões."

Afastei-me dele, ficando descalço. Olhei em seus olhos graves e senti meu estômago cair em queda livre. "Quão ruim?"

Jay balançou a cabeça e se aproximou de mim, puxando meu corpo congelado para o dele. Ele não disse nada. Não havia nada a dizer.

Eu tolamente comecei a ter esperança. Pensando que, se conseguíssemos chegar *até aqui*, poderíamos fugir dele. Poderíamos nos esconder disso.

Mas não conseguimos. Era apenas uma questão de tempo até que nos alcançasse novamente.

CAPÍTULO QUATRO

Eu acordei esgotada.

Jay me seguiu de volta ao quarto enquanto Billy tomava banho. Eu estava atordoada demais para fazer qualquer coisa além de apertar Blue contra meu peito e me deitar. Deitei de lado, apenas olhando para a parede, enquanto Jay subia atrás de mim. Seus braços me envolveram e me puxaram de volta para seu peito.

Nenhuma palavra foi dita entre nós e demorei muito para adormecer. Achei que Jay não dormiu nada.

Assim que ela acordou, Dahlia e eu lavamos nossas roupas no banheiro enquanto Blue brincava na água do fundo de um dos chuveiros. Ele riu e soltou bolhas enquanto dirigia a caminhonete de brinquedo que Jay lhe deu através da água.

Pendurei minha calcinha na barra do chuveiro ao lado da minha calça jeans e sorri para ele. Seu cabelo estava espetado por causa da lavagem que dei a ele, e sua barriguinha estava saliente por causa do café da manhã.

Ele se levantou, levantando-se do chão e bateu os pés na água. Agachei-me e mergulhei os dedos na água morna que tivemos a sorte de tirar dos canos esta manhã. Com tantas pessoas no prédio, logo faria frio novamente. Apontei meus dedos para ele e ele gritou quando a água respingou em seu peito.

"Velha," Dahlia resmungou baixinho. "Não estou muito *velha*."

"Tenho certeza de que ele não quis dizer nada com isso, Doll." Sorri para Blue com minhas palavras, e ele bateu as mãos molhadas em meu rosto. "E você está velho."

Dahlia gritou e jogou uma camisa molhada na parte de trás da minha cabeça. "Ele me chamou de veterana!"

Blue gritou novamente e eu ri enquanto a água com sabão escorria pela minha testa.

"Estou perfeitamente *envelhecida*", ela resmungou.

"Então, peça ajuda na cozinha ou algo assim."

"Não sei cozinhar", disse ela, horrorizada.

Dahlia era uma péssima cozinheira, mas apenas porque era louca por saúde. Billy estava sempre reclamando com ela. *Sal, gramas! Onde está o sal? Queijo! Apenas me dê um maldito queijo!*

Olhei por cima do ombro para ela sorrindo. "Bem, você quer tanto um emprego, lavar a louça ou algo assim."

Ela franziu o rosto. "Não, vou deixar o trabalho de cozinha para você, minha querida."

"Você ouviu, Paulie. Eles disseram a ele que precisavam de ajuda em todos os lugares." Levantei-me e peguei uma toalha, de frente para ela. "Você não pode caçar zumbis. Você teria seu rosto comido."

Meu estômago revirou depois que as palavras saíram da minha boca. Era tão, tão errado brincar com algo assim agora. Principalmente porque era uma possibilidade muito real, mas também porque havia muitas pessoas que vivenciaram esse horror recentemente.

Ela olhou para mim e eu balancei a cabeça, pegando Blue na toalha.

Jay nos acordou cedo esta manhã. Paulie queria se encontrar com todos nós. Ele falou com quem estava no comando e encontrou empregos para todos nós. Eu estava na cozinha do Prédio D, enquanto Billy e os rapazes ajudavam a construir o muro que estava sendo erguido ao redor da universidade. Eles precisavam de toda a ajuda que pudessem chegar lá. Mas Dahlia... balancei a cabeça, incrédula. Em algum momento nos últimos dias, ela decidiu que precisava aprender a usar uma arma. Eu não podia culpá-la, mas o soldado que estava com Paulie simplesmente riu dela. No início, Paulie a apoiou e pediu que todos fôssemos treinados, mas o soldado disse que isso era um grande não. Ninguém deveria ter uma arma aqui além de aqueles emitidos pelos militares. Foi então que percebi que Billy não foi o único desarmado – todo o clube foi.

Paulie teria discutido um pouco mais sobre isso, mas o homem perguntou por que Dahlia queria tanto aprender. E a resposta dela? *Para que eu possa caçar os zumbis.*

Isso foi tudo para o homem e Paulie. Os idosos não eram adequados para esse tipo de coisa, ela era velha demais – palavras do soldado, não minhas. Ele poderia tê-la decepcionado um pouco mais facilmente, mas não estava completamente fora de linha. Dahlia tinha perdido a cabeça se pensasse que Billy iria deixá-la ir caçar zumbis. Ela estava lutando ultimamente e mal conseguia se mover rápido o suficiente para fugir de qualquer coisa por mais do que alguns passos.

E por que ela queria? Eu queria estar o mais longe possível dessas coisas. Dahlia não tinha exatamente estado atrás deles nos últimos dias. Fiquei preocupada com as razões pelas quais ela de repente sentiu esse novo desejo de colocar sua vida em risco.

Dahlia e eu penduramos nossas roupas molhadas no quarto. “Preciso de alguém para cuidar de Blue”, murmurei. Paulie disse que havia uma espécie de creche, mas eu não confiava em estranhos para cuidar dele. “Você não pode simplesmente ficar aqui com ele?”

“Eu criei bebês durante toda a minha vida, Willoweed”, foi tudo o que ela disse antes de desaparecer porta afora.

Gemi e sentei na cama para enfiar os pés nas botas. Dahlia tinha vários filhos de merda que não a visitavam. Mas o filho dela, pai de Billy, morreu jovem. Sua mãe desapareceu depois que ele nasceu, então Dahlia criou Billy desde os cinco anos.

Olhei para Blue. “Acho que você magoou os sentimentos dela quando não deixou que ela te abraçasse.”

Blue não gostou nada de Dahlia e rapidamente perdeu o interesse em tentar fazer com que ele fosse até ela.

“Ela não é tão assustadora quanto parece,” eu disse a ele enquanto ele sorria para mim. Suspirei. “Vamos ver o que a pequena Marcy está fazendo.”

Desci as escadas até o terceiro andar e bati na porta onde tinha visto Jan entrar na noite anterior.

“Ei, Willow.” Ela sorriu cansada e acenou para que eu entrasse. Marcy estava murmurando no chão, brincando com um elefante de pelúcia. Sentei Blue ao lado dela. “Precisa de alguém para vigiá-lo?”

Eu olhei para ela. Seu tom de pele morena estava corado e suado, seu cabelo escuro enrolado nas pontas. "Você parece cansada." Eu me senti mal por perguntar a ela. Ela tinha seu próprio bebê para cuidar.

"Estou bem. Goon vai deixar Lacy para me fazer companhia. Ela puxou o cabelo para cima e olhou para mim com ironia. "Não vou deixar Marcy naquele prédio. Paulie disse que querem que eu trabalhe lá, mas Wiley quer dar uma olhada primeiro."

"Eu também." Sorri para Blue enquanto ele segurava minha perna.

"Por que não os assisto aqui hoje, e você pode conferir com Wiley. Paulie disse que eu não conseguiria deixar de ter um emprego, mas preferia saber primeiro como é lá."

Eu balancei a cabeça. "Sim, eu vou deixar você saber. Vou tentar caçar alguns brinquedos e talvez um berço ou algo assim. Vou deixar você saber o que eu encontrar."

"Obrigada," ela respirou. "Estava apertado aqui ontem à noite. Wiley teve que dormir no chão. Ele se mexe muito durante o sono e fica acordando ela."

Ela me abraçou e eu beijei Blue na bochecha antes de sair. Deixá-lo com Jan foi muito melhor do que qualquer outra pessoa. Não sei como isso aconteceu, mas aos poucos comecei a confiar nela. Para ser honesta comigo mesmo, havia algumas pessoas em nosso grupo em quem comecei a confiar. Paulie era realmente o único que ainda me fazia sentir que não pertencia. Todos os outros tinham coisas muito mais importantes com que se preocupar do que eu e o envolvimento da minha mãe com Rick.

Respirei fundo enquanto descia as escadas. Só de pensar em Rick fez isso comigo. Eu não tive a chance de chorar por ele ainda – ou por minha mãe. Nenhum de nós tinha mais tempo para sofrer. Muitas pessoas haviam partido e parecia que isso nunca parava. Como nunca aconteceria.

Alguns soldados me indicaram a direção certa e rapidamente me encontrei na cozinha da universidade.

Gary, um civil, era o 'chefe de cozinha', mas na verdade ele não tinha ideia do que estava fazendo - ele era apenas quem tinha mais experiência, tendo trabalhado em fast food. Preparar refeições para mais de quatrocentas pessoas ao mesmo tempo era muito diferente do que virar algumas dúzias de hambúrgueres.

Sem mencionar que estávamos muito limitados no que estava disponível e quanto poderíamos usar.

Eu tinha perdido a correria do café da manhã, mas na hora do almoço eu estava suando e tinha três lindas bolhas nas mãos. Minhas roupas estavam manchadas demais e eu estava morrendo de fome.

Fiquei na fila de servir, colocando macarrão abaixo da média nos pratos das pessoas enquanto elas chegavam. Olhei para a comida, em parte salivando, em parte com vontade de vomitar. Eu conhecia bem a cozinha - tive que aprender desde cedo graças à minha mãe ausente - mas cozinhar para tantas pessoas e garantir que o sabor fosse bom era incrivelmente difícil.

Mesmo assim, depois de cumprir o primeiro turno, comi um prato de comida e corri para o prédio onde as crianças estavam sendo cuidadas.

Wiley já estava lá quando cheguei. "Como é?" Perguntei a ele, ofegante por causa da corrida. Eu só tinha vinte minutos antes de voltar.

Wiley balançou a cabeça. "Nada mal. Triste." Olhei pela janela da porta e vi duas mulheres mais velhas lendo um livro para cerca de três dúzias de crianças. Suas idades variavam de dois

ou três a dez ou onze anos. Não vi nada de triste nisso. As crianças não pareciam muito extasiadas por estarem ali, mas não era culpa dos cuidadores – as mulheres estavam entusiasmadas e sorridentes. Mas as crianças mais velhas estavam sentadas separadas das mais novas. Eu não sabia o que havia nelas, mas de repente pude entender o que Wiley queria dizer. As crianças mais velhas simplesmente tinham algo, um ar que me pareceu insuportavelmente desolado. Foi então que vi as camas.

"Eles dormem lá?" Havia cerca de quinze camas amontoadas no fundo da sala. Cada berço tinha cobertores e travesseiros e várias pilhas de roupas. "Por que?"

"Estamos sozinhos", uma voz jovem falou lentamente atrás de nós.

Eu me virei. Eu vi um menino encostado na parede do corredor. Ele era magro e alguns centímetros mais baixo que eu. Seu cabelo loiro acinzentado estava quase coberto por um gorro de tricô preto. Ele usava um suéter preto enorme e calça jeans rasgada. Ele fez uma careta para nós dois.

Com os lábios apertados sob a barba, Wiley ergueu as sobrancelhas espessas para o menino.

"Sozinhos? Eles fizeram-?" Comecei a perguntar se todos eles haviam perdido os pais. Deus, isso foi-

O menino riu. "Os pais deles estão mortos", ele acenou com a cabeça em direção à porta. "O meu simplesmente me deixou para trás."

Eu empalideci. Deixou-o para trás?

"Você é de Nova York?" Wiley perguntou. O menino tinha sotaque.

O menino enrijeceu, mas assentiu.

"Qual o seu nome?" Wiley perguntou, afastando-se da porta.

"Liam." Ele ficou ereto, cruzando os braços sobre o peito de menino.

"Quantos anos você tem, Liam?" Eu perguntei, também me afastando da porta.

Ele olhou entre nós. "Doze."

Deus, doze anos e seus pais o abandonaram? "Eles não estão procurando por você?"

Ele estreitou os olhos para mim. "Minha mãe arrumou suas coisas quando atingiu a cidade e partiu. Eu estava no meu quarto."

Engoli o nó na garganta.

"Papai invadiu o bar na estrada. Roubou. Eu não o vi depois disso."

Wiley balançou a cabeça. "É uma merda, garoto."

Liam riu um som seco e sombrio novamente. "Eles eram viciados de qualquer maneira."

Wiley ergueu os braços volumosos, apoiando as mãos nos quadris, olhando para o chão.

Respirei fundo e me aproximei de Liam. "Você sabe onde posso encontrar algumas coisas de bebê?"

"Como o que?" Liam me olhou com desconfiança.

"Alguns brinquedos, um berço ou dois."

Ele assentiu. "Sim, eu sei onde encontrar isso."

"Você pode me mostrar?" Eu perguntei, olhando seu rosto sujo. Quando foi a última vez que ele tomou banho?

Liam pareceu debater em me ajudar, mas ele finalmente assentiu e se virou, acenando para que o seguíssimos.

Nós o seguimos por alguns corredores até que ele parou em frente a outra sala de aula. "Eles ensinaram como ser babá ou algo assim aqui", disse ele e entrou na sala.

Devia ser uma aula de educação infantil porque a sala tinha vários cercadinhos e brinquedos. Parecia o local óbvio para cuidar das crianças, mas o quarto era muito pequeno. Não caberia em todas aquelas crianças. Parecia escolhido, no entanto. A maioria dos livros e brinquedos havia desaparecido, embora alguns ainda estivessem no chão e em latas de lixo.

Arrastei um cercadinho, aliviada por encontrar outro depois de termos perdido o último. Jogando tudo que pude encontrar dentro, olhei por cima do ombro e vi Wiley fazendo o mesmo com outro cercadinho. Liam nos observou da porta.

"Vou levá-los para cima", murmurou Wiley, levantando um dos cercadinhos.

"Peguei", grunhi, tentando levantar o berço lotado.

"Não, eles podem nos dar uma merda por pegar isso. Eu atendo. Wiley levou um dos cercadinhos até a porta. "Deixe aí. Eu voltarei para isso." Ele parou na porta enquanto Liam entrava e saía do caminho. "Obrigado, garoto."

Liam assentiu, olhando para o colete do clube de Wiley.

"Ele está em um MC ou algo assim?" Liam perguntou, olhando para Wiley pela porta.

"Sim, a maior parte do nosso grupo pertence ao mesmo clube."

"Legal," ele grunhiu. "Eles cavalgam?"

Balancei a cabeça, sorrindo com seu entusiasmo. Foi o mais animado que já o vi.

"Você realmente dorme naquele quarto com todas aquelas crianças?"

Liam enrijeceu e olhou para mim. "Sim."

"Sozinho?" Eu empurrei.

Ele estreitou os olhos para mim. "Senhorita Ivy fica conosco."

"Ela está aí agora?" Acenei de volta pelo caminho por onde viemos. Liam caminhou pelo corredor comigo, de volta ao quarto das crianças.

"Sim, aquela de óculos."

Balancei a cabeça pensativamente. Era bom que eles não estivessem sozinhos – pelo menos enquanto dormiam. "Por que você não está lá com eles?"

As crianças mais novas estavam agora cantando uma música, mas as mais velhas ainda estavam sentadas, longe da multidão mais jovem.

"Eu posso cuidar de mim mesmo. Não preciso de babá."

Eu sorri, tentando não fazer uma careta. Ele era tão jovem. "Você quer me dar um mão na cozinha?" Era melhor do que ele ficar sentado sozinho no corredor ou vagando fazendo sabe-se lá o quê.

Ele riu novamente. "Não." Ele estourou a p. "Até mais." Então ele se foi, desaparecendo por uma porta. Suspirei e observei as crianças na sala por mais alguns minutos. Eles definitivamente precisariam de ajuda. Jan era necessário, e a sala tinha dois soldados estacionados do lado de fora e um na porta. Estar perto de outras crianças seria bom para Blue. E, embora eu confiasse em Jan para vigiá-lo, se algo acontecesse, ele estaria muito longe do meu prédio nos dormitórios. Eu seria capaz de chegar até ele mais rápido aqui.

Afastei meus pensamentos nervosos e esperei até que Wiley voltasse para pegar o outro berço antes de voltar correndo para o refeitório.

Estávamos mais seguros aqui do que há dias. Eu não poderia ficar trancada em um quarto, em todos os lugares precisava de ajuda. E ninguém mais estava encolhido no quarto deles. Eu

esperaria para ver o que Goon, Wiley e Jan pensariam, mas pelo menos alguém do nosso grupo estaria na creche com ele.

“Você está atrasada”, Gary explodiu quando voltei.

“Desculpe”, fiz uma careta e voltei para a fila, atendendo à multidão de pessoas que entrava.

Nina, outra garota que trabalhava na cozinha, sorriu para mim em camaradagem. Ela tirou o cabelo rosa desbotado do rosto e me entregou uma panela suja nas pias.

Aqui era quase civilizado. Tínhamos uma cama, um banheiro, comida e empregos. Tudo bem.

Eu disse isso a mim mesmo repetidamente.

Mas no fundo da minha mente, eu nunca acreditei realmente nisso.

CAPÍTULO CINCO

Eu estava desmaiada na cama antes de Billy voltar e, de manhã, acordei sozinha com Blue. Eu não sabia se Jay tinha voltado, mas adormeci com Blue nos braços e acordei com ele no berço. Não pensei que Billy ou Dahlia o tivessem movido, mas era difícil acreditar que Jay pudesse tê-lo movido sem me acordar.

Minhas roupas estavam secas, então rapidamente as vesti e deixei Blue no quarto das crianças. Jan estava lá com Marcy e Lacy e parecia mais revigorada do que no dia anterior. Ela até parecia um pouco animada, divagando sobre as outras crianças, as brincadeiras e a hora da roda. Saí de Blue, sentindo-me um pouco melhor do que no dia anterior. Blue viu todos os brinquedos e praticamente caiu dos meus braços.

Gary gritou comigo sobre ter perdido o café da manhã novamente, e fiz questão de esperar por Billy naquela noite.

"Acorde-me quando você se levantar," murmurei para ele, já fechando os olhos.

Ele respondeu alguma coisa, mas eu já estava dormindo. Eu não sabia se era o calor da cozinha, ou todo o trabalho pesado, ou as doze horas que trabalhei lá, mas estava exausta.

Eu me lembrava vagamente dele e Dahlia discutindo nas primeiras horas da manhã, mas só acordei quando Billy me sacudiu.

"Você está uma merda," ele resmungou, vestindo sua calça jeans.

"Você parece pior do que eu", resmunguei de volta. Ele tinha olheiras pesadas sob os olhos. "Pegue a cama esta noite."

Ele fez uma careta para mim.

"Você é maior que eu." Eu poderia dormir perfeitamente no pequeno sofá.

"Seu namorado não vai caber ali com você." Ele revirou os olhos e pegou uma mochila perto da porta.

"Jay?" Olhei de volta para a cama como se fosse encontrá-lo lá.

"Ele está chegando tarde", disse ele, suspirando.

Eu balancei minha cabeça. Ele realmente vinha todas as noites? Eu não o via há dois dias. Eu via a maior parte do clube quando eles vinham para as refeições, mas não Jay - ou Ren, Monty, Burman ou Paulie, aliás.

"Eu não sabia," murmurei.

"Já foi muito tarde", disse ele, vindo até mim. Ele se sentou na cama e me puxou para seu lado. "Parece que não falei mais com você desde que chegamos aqui."

"Sim," eu suspirei. "Desculpe."

"Não se desculpe, Will. Como você está se suportando?"

Eu balancei minha cabeça. "Cansada. Assustada. Cansada demais para ficar com muito medo."

Billy assentiu. "A parede deles é uma porcaria." Ele esfregou entre os olhos com o polegar. "Isso não vai mantê-los fora."

"É isso que todo mundo faz o dia todo?" Deitei minha cabeça em seu ombro grande.

"Eu e um grupo do clube, mas não todos nós. Paulie levou seu namorado e mais alguns outros, e eles saíram em busca de suprimentos."

"Onde?" Meu estômago se revirou e fez uma careta.

"Não sei. Mas você não se perguntou, Will?"

"Perguntou-se o quê?"

"Corremos para cá porque eles iam explodir tudo." Ele olhou por cima do ombro para mim. "Você não se perguntou por que não sentimos isso?"

Eu tinha me perguntado. Os militares disseram que iriam explodir quase toda a Costa Leste. É por isso que corremos.

Mas... "Nós sentiríamos isso?"

Billy fez uma careta. "Uma explosão tão grande? Sim, teríamos sentido isso."

"O que isso significa?" Foi bom, certo? Que não tinham explodido uma costa inteira?

A julgar pelo rosto solene de Billy, de alguma forma pensei que não.

NAQUELA NOITE, perdemos energia.

Durante dois dias, funcionamos com geradores. Mas eventualmente, eles acabaram porque não conseguiram encontrar combustível suficiente.

Não importa quão tarde eu tenha ficado acordada ou quão cedo eu acordei, não vi Jay por mais três dias.

"ALIMENTE-OS PRIMEIRO", Gary ordenou por cima do meu ombro.

Balancei a cabeça, olhando para os soldados carrancudos na fila.

Não importa o quanto a equipe de suprimentos trouxesse, ainda estávamos ficando sem *tudo*. As pessoas lutavam para ser as primeiras da fila todas as manhãs, na esperança de conseguir a refeição antes que acabássemos.

"Mais," o soldado na minha frente grunhiu.

"Temos que racionar", murmurei, mas ainda assim lhe dei outra porção de mingau de aveia. Eu sairia em alguns minutos, e Nina levaria mais quinze para ferver água suficiente no fogo para servir todos os outros na fila. Deveria ter sido suficiente, mas recebíamos gente nova todos os dias e alguns militares recebiam mais do que deviam. Não sobraria nada quando eu fizesse uma pausa para comer.

Meu estômago roncou. Eu também tinha perdido o jantar na noite anterior – muitas pessoas perderam.

Avistei Liam no fundo da sala e escondi minha careta. Ele estava pegando sobras de torrada do prato de um soldado que estava ocupada demais gritando com outro garoto para prestar atenção. Ele fazia isso quase todas as refeições. Eu tinha chamado para ele há alguns dias, mas na refeição seguinte ele voltou a trabalhar, então decidi segui-lo. Quando o vi dando comida a um homem doente demais para vir se alimentar sozinho, deixei-o sozinho. O homem estava sozinho em uma sala, com o enfermeiras só vinham uma vez por dia para lhe dar remédios. Gary

não me deixou dar outra refeição a Liam, mas eu suspeitava que ele estava compartilhando a sua com o homem há algum tempo.

Desde então, eu passava alguns minutos todas as noites para levar ao doente o que pudesse. Na maioria das noites ele conseguia comer, mas ontem à noite ele não abriu os olhos nenhuma vez enquanto eu estava lá.

Liam estava sempre lá, e agora, todas as noites, era uma espécie de hábito sentarmos e conversar enquanto o homem lutava contra a febre. Liam lentamente se aqueceu comigo e falou comigo sobre sua vida em Nova York, e eu contei a ele sobre a minha em Maryland, e nos unimos por causa de nossa infância miserável e de pais nada estelares.

"Willow," alguém gritou a poucos metros de distância. Servi a mulher na minha frente e olhei. Rayna ficou lá com Gia, ambas suadas e desgrenhadas. Ambos ajudavam nas tendas médicas, mas passavam a maior parte dos dias lavando lençóis e limpando pacientes feridos. No início não tínhamos muitas pessoas, mas nos últimos dias eles vinham trazendo cada vez mais pessoas das estradas e cidades vizinhas. Ninguém com mordida foi permitido, mas houve muitos outros ferimentos. Os ferimentos à bala foram os mais comuns.

Eu odiava pensar nas pessoas que foram rejeitadas. Se fossem mordidos, não teriam muito tempo, mas até a hora deles? Eles devem ter ficado aterrorizados lá fora, sem ajuda.

Fomos avisados para não sairmos das cercas ao redor da universidade onde os soldados patrulhavam. Havia pessoas desesperadas por aí que fariam qualquer coisa para colocar as mãos em até mesmo um pouco dos nossos suprimentos. Isso me entristeceu porque se eles estavam tão desesperados, eu não entendia por que eles simplesmente não entraram conosco. Aqueles que estavam lá podiam não ser permitidos, mas havia alguns que simplesmente se recusavam a entrar. Eu não entendi a motivação deles. Mas eu não estava lá, então só conseguia pensar nas pessoas que me levaram e me amarraram. Eles atiraram em nós por termos chegado perto da loja de departamentos.

Algumas pessoas não queriam ajuda – não queriam viver como nós. Eles queriam a liberdade que esta nova ordem mundial fodida proporcionava e estavam preparados para arriscar a morte para mantê-la.

Depois, havia os soldados feridos.

Todos os dias, alguém voltava da patrulha morto ou gravemente ferido. Mas as suas feridas não vieram de pessoas desesperadas. Eles vieram dos devastados. Os mordedores. Os mordidos chegaram com um ferimento na cabeça que contava a história de sua morte. Outros tinham arranhões e outros ferimentos e eram observados de perto.

Todos os dias eu rezava para que Billy não estivesse entre eles. Que Jay não estivesse. A cada dia ficava um pouco mais difícil respirar, sem saber.

"O que está errado?" Imediatamente deixei cair a concha na mão e corri ao redor do balcão, ignorando o grito de Gary.

"É Dahlia," Rayna disse e mordeu o lábio.

Meu estômago caiu. "O que aconteceu?" Eu já estava correndo para as tendas médicas.

Dahlia estava deixando Billy e eu loucos. Nos primeiros dois dias, ela vagou pela universidade sem rumo, tentando se manter ocupada. Mas ultimamente ela começou uma espécie de clube. Ela recrutou todos os homens e mulheres de sua idade. A princípio foi inocente. Jogavam xadrez e cartas e fofocavam sobre todos na universidade. Mas eles ficaram entediados com isso e começaram a perseguir os soldados para começarem as aulas de tiro.

"É só um arranhão", Gia ofegou enquanto corria ao meu lado.

"De que?"

"Ahhh!" Ouvi Dahlia gritar e quase tropecei na tenda. "Isso dói!"

"Boneca!"

"Willow! Diga-lhes para pararem!" Ela uivou.

"Nós avisamos a todos vocês," o soldado ao seu lado falou lentamente.

"Avisou ela? O que diabos aconteceu?" Olhei para ela na cama e empalideci. Havia sangue por toda a perna dela.

"Ela recrutou todos os idosos, e eles estão fabricando armas", disse secamente a enfermeira ao lado dela.

"Armas? O que aconteceu com o pé dela?"

"Ela deixou cair uma faca nele", o soldado riu. Eu olhei para ele.

"Ela simplesmente cortou", disse Gia e fez uma careta quando a enfermeira levantou o curativo para revelar um corte pequeno, mas profundo, na parte superior do pé de Dahlia.

"Que diabos, boneca!" Esfreguei meu rosto e balancei a cabeça. "Billy vai matar você."

"Estou me preparando para os zumbis", ela zombou. "Eles não nos ensinam como usar uma arma, por isso estamos nos armando de outras maneiras."

"De que maneiras?" Eu perguntei, olhando para seu rosto suado. Ela estava escondendo bem, mas estava com dor.

"Flechas", o soldado riu novamente. "Também não são muito bons."

"Você ainda tem um arco?" Eu perguntei, exasperada.

"Timothy está trabalhando nisso." Ela fungou e apontou para o canto da tenda. Um homem mais velho e corpulento estava ali, arrastando os pés. Em suas mãos, ele segurava uma vara torta que não parecia em nada com um arco. O soldado soltou uma risada.

"Ela vai ficar bem?" Perguntei à enfermeira.

Ela assentiu. "Ela vai precisar da bengala por algumas semanas, mas deve sarar bem."

"Você pode acompanhá-la até o quarto dela quando ela terminar aqui?" Perguntei ao soldado risonho. Ele assentiu e enxugou as lágrimas dos olhos.

"Não, ainda temos trabalho a fazer hoje!" Dahlia tentou sentar-se, mas a enfermeira usou uma quantidade surpreendente de força e a empurrou de volta.

"Não." Apontei meu dedo para ela. "Você vai voltar para o quarto e ficar lá até Billy voltar."

Dahlia fez uma careta. Ela sabia que Billy iria ter um ataque por causa disso.

"Chega de armas, Boneca", eu a avisei, girando nos calcanhares.

"Espere, Willoweed, eles vão derrubar aquela farsa de parede, e então todos vocês vão se arrepender de não terem feito suas próprias flechas!"

Tive uma sensação doentia de que ela estava certa.

NAQUELA NOITE, Billy gritou para o prédio ser derrubado quando viu o pé dela. Ele acabou saindo furioso da sala, incapaz de olhar para ela. Mas eu vi a relutante compreensão em seus olhos. Ele também não achou isso tão ridículo.

PEQUENAS LAMBIDAS no meu nariz me acordaram. Limpei-os, mas eles continuaram vindo. "Olly," eu gemi, empurrando-o para longe. Fechei os olhos novamente.

Ofegante, sentei-me e olhei em volta. Eu estava sozinha na cama e Dahlia e Billy estavam roncando. Olhei para Blue no berço, observando seu peito subir e descer enquanto Olly se enterrava em minhas pernas. Corri meus dedos por seu pelo distraidamente enquanto olhava através do quarto escuro. Mas não havia sinal de Jay.

Ele manteve Olly com ele desde que chegamos aqui. Se Olly estava aqui, Jay também tinha que estar.

Andei na ponta dos pés pela sala, saindo pela porta, meus pés impedindo que Olly me seguisse. O corredor estava escuro como breu. Passei as mãos pelas paredes enquanto caminhava em direção às escadas, ouvindo.

Vozes vieram do andar de baixo e desci as escadas silenciosamente.

Não consegui entender quem eram ou o que diziam, mas no momento em que meus pés tocaram o último degrau, eles ficaram em silêncio. Fiquei ali no escuro, tentando ver o corredor.

Um rápido sussurro veio da minha frente e então mãos envolveram meus braços.

Eu gritei, mas Jay me silenciou e me puxou para seu peito.

Eu cedi contra ele.

"Venha aqui," ele murmurou, me puxando para dentro do corredor.

"Willow?" A madeira baixa de Ren sussurrou à minha direita.

"Sim", Jay respondeu.

"Pergunte a ela." A voz de Monty.

"Perguntar-me o quê?" Eu sussurrei.

Mãos envolveram meus quadris por trás e o queixo de Jay caiu em meu pescoço.

"Como tem sido aqui?" Paulie perguntou, sua voz rouca.

"Uh, eu não sei, tudo bem."

"Bem?" Ren perguntou.

"Sim, eu acho." Procurei seus rostos na escuridão, mas não havia nenhuma janela no corredor. Dedos deslizaram sob minha camisola e eu enrijei.

"Você ouviu alguma coisa estranha?" Paulie empurrou.

"Esquisito? Como o que?" Eu perguntei perplexa. Cada parte de cada dia aqui era estranha e deprimentemente igual.

"Guarda Nacional ou Fuzileiros Navais falando em decolar?" Monty sussurrou.

Inspirei profundamente. Aqueles dedos subiram até meu umbigo e o circularam. Minhas mãos desceram para os antebraços de Jay e agarraram-se a eles. Ele beliscou meu pescoço. Meus dedos dos pés se curvaram. "Não."

Alguém suspirou pesadamente.

"Podem ser apenas os filhos da puta pilhando com a gente", disse Monty.

Ren rosnou. "Não, eles disseram que estavam todos desistindo."

"Do que vocês estão falando?" Os soldados estavam saindo? Eles estavam nos levando com eles?"

"Podemos estar sozinhos em breve", a voz de Burman veio até mim, sombria e grave. Eu respirei fundo novamente. Eles iriam simplesmente nos deixar aqui?

A mão de Jay pousou na minha barriga e me puxou de volta para seu peito.

"Talvez você queira sair antes que isso aconteça," Ren murmurou baixo.

"Sair? Sair sozinhos?" Eu perguntei, minha voz afiada e alta.

“Não se preocupe, garota. Estaremos melhor lá fora, antes que aquela horda chegue a este lugar.”

Horda?

CAPÍTULO SEIS

"Horda?" Eu gritei. De mordedores?

"Estamos fora," Jay retumbou em meu ouvido. Ele me puxou de volta para as escadas.

"Jay," Paulie retumbou ameaçadoramente.

"Agora não," ele rosnou.

Então estávamos descendo as escadas – para baixo, não para cima.

"Jay, do que eles estão falando?"

"Não se preocupe com isso, princesa." Sua mão apertou meu quadril quando chegamos ao terceiro andar.

"Estou meio preocupada com isso," eu sussurrei.

"Vou te dar outra coisa para se preocupar então," ele disse sinistramente. Então eu estava de pé e por cima do ombro dele, e estávamos marchando pelo corredor.

Ele abriu uma porta e entrou.

"Jay?"

"Um minuto, querida," ele rugiu.

"Jay-" eu gritei quando ele me colocou de pé em uma poça de água fria. Estávamos no chuveiro. "Jay."

"Shh," ele sussurrou. "Preciso me lavar."

Houve um farfalhar de roupas e minha barriga revirou – ele estava se despindo. A água ligou e fui atingido na lateral com água fria. "Merda!"

Jay praguejou e me colocou de lado, mas eu já estava encharcada. Levantei minha camisa molhada da pele e ela caiu de volta. Saí cambaleando do chuveiro e quase comi azulejo. Mãos me envolveram por trás e me levantaram. Minhas costas encontraram seu peito encharcado e tremi tanto de frio quanto de senti-lo pressionado contra mim. "Fique aqui." Ele me colocou no chão e eu tremi no escuro enquanto ele se lavava.

Havia velas aqui, mas eu não tinha minha lanterna para encontrá-las e acendê-las. A água foi desligada e então suas mãos estavam de volta em meus quadris e ele me empurrou de volta contra a parede.

"Jay," eu avisei.

Ele virou meu pescoço para o lado e colocou os lábios no meu pescoço, e eu derreti na parede. Suas mãos agarraram minha camisa e a empurraram para cima e para fora. Ele caiu no chão e então suas mãos estavam nas minhas leggings, empurrando-as para baixo. Comecei a tremer.

Minhas mãos empurraram seu peito e ele enrijeceu. "O que está acontecendo?"

"Senti sua falta," ele rosnou, mas não me tocou novamente.

"Onde você esteve?" Eu perguntei, suspirando enquanto seus lábios desciam pelo meu pescoço.

Suas mãos bateram na parede de cada lado da minha cabeça e ele suspirou. "Estive fora em busca de suprimentos. Voltando tarde."

"Tentei esperar por você", confessei.

Ele sorriu em meu pescoço, me mordendo ali. "Você sente minha falta?"

Mordi meu lábio, "Um pouco."

Ele riu. "Quero tocar em você."

Seu peito molhado tremia sob minhas mãos.

"Existe realmente uma horda dessas coisas vindo para cá?"

Jay gemeu e deixou cair a testa no meu ombro. "Eu vou te contar tudo o que você quiser saber, querida, deixe-me tocar em você primeiro."

Meus dedos se enrolaram em seus pelos do peito ao ouvir o desespero em sua voz.

Oh Deus. Se ele me tocasse, eu queria que ele me tocasse? Meu corpo disse sim, mas minha mente ainda estava muito confusa quando se tratava dele. Para ser sincera, eu queria isso desde o momento em que coloquei os olhos nele, e só piorou nos últimos três anos.

"Jay, e Paulie?"

Ele chupou a pele da minha clavícula e minha cabeça caiu para trás na parede atrás de mim. "Esqueça Paulie."

"Ele não gosta de mim, Jay. Ele vai ficar chateado."

"Low, querida, por apenas um segundo, não pense em ninguém além de você e eu. Só uma vez." Suas mãos deslizaram pela parede. Seus antebraços se juntaram ao meu lado e imaginei suas mãos em punhos contra a parede. Seus lábios se moveram para minha orelha. "Eu quero você, baby. Você me quer?"

Eu ofeguei enquanto ele chupava a pele atrás da minha orelha.

"Você está tremendo, Low," ele sussurrou. "Você está molhada para mim?"

Respirei fundo e enrolei os dedos dos pés nas leggings no chão. Minhas coxas apertaram e imediatamente senti a prova do quanto queria que ele umedecesse minha calcinha.

Sua mão direita saiu da parede e os nós dos dedos passaram pela minha pélvis, logo acima da alça da minha calcinha. Abaixei minha cabeça em seu peito, choramingando.

"Você me diz agora e eu paro."

Estava na ponta da minha língua contar a ele. Para parar com isso aqui.

Mas eu não queria. Na verdade.

Se fosse só ele e eu, eu já estaria em cima dele. Se eu não me preocupasse com o que seu tio pensaria, o que suas sobrinhas pensariam sobre a garota que matou sua mãe e seu pai, tocando seu primo, nada teria me impedido de colocar meus lábios nos dele.

Jay gemeu enquanto deslizava os dedos entre minhas pernas.

"Encharcada," ele rosnou e lambeu meu queixo. Minhas coxas bateram juntas, prendendo sua mão ali. "Calma, querida, estou com você." Ele torceu a mão e puxou minha calcinha para o lado. "Eu sempre terei você, Low."

Eu engasguei quando ele bateu um dedo em mim. Sua cabeça levantou e a outra mão agarrou meu queixo, as pontas dos dedos cravando na pele sob minha orelha. Seu polegar puxou meu lábio para baixo e sua língua percorreu meus dentes inferiores. Seu dedo pressionou e circulou.

Eu fiz um som necessitado e soluçante em sua boca, e ele enfiou a língua dentro.

Ele rasgou minha calcinha pelas minhas pernas e colocou as mãos nas minhas coxas, me levantando e me pressionando contra a parede. Sua língua bateu na minha enquanto ele pressionava sua barriga entre minhas coxas.

"Eu gostaria de poder ver você", ele retumbou em minha boca. Minhas pernas enrolaram em suas costas e eu enterrei meus calcanhares, me levantando contra ele, apertando seu abdômen. Suas mãos envolveram minha bunda e ele me mexeu, guiando minha contorção desesperada.

"É isso," ele ronronou. Sua mão deixou minha bunda e se moveu entre nós, seus dedos deslizando entre minhas coxas novamente. Eu engasguei quando ele colocou um dedo dentro de mim, enrolando-se. Minhas pernas tremeram e ele moveu o polegar até meu clitóris, pressionando-o.

Ele comeu minha boca enquanto colocava aquele dedo dentro de mim, puxando-o para fora, apenas para enfiar dois dentro. Minhas mãos foram para meus mamilos pontiagudos e os torceram. Ele rosnou e mordeu meus dedos, empurrando-os para o lado. Então ele chupou um na boca e eu voei.

"Essa é minha garota," ele murmurou. Ele me deixou cair até que a barra de aço entre suas pernas esmagasse a dor crescente em meu coração. Agarrei-o pela nuca e puxei sua boca para a minha, mordendo seu lábio inferior. Seu gemido profundo ressoou em minha boca e meus dedos dos pés se curvaram na parte de trás de suas coxas.

Eu empurrei para cima e a cabeça dele estava na minha entrada. Eu tremi, ofegando em sua boca. Então, tão lentamente, ele empurrou dentro de mim. Ele era grande – maior do que qualquer pessoa com quem eu já tinha feito isso. Ele me esticou tanto que minhas unhas cravaram-se em sua nuca.

Ele amaldiçoou furiosamente e saiu de mim, nos girando. Eu choraminguei e ele cobriu minha boca com a dele. Minhas costas encontraram o banco no meio da sala, e ele se inclinou sobre mim, pegando algo do chão. Ele deixou meus lábios e colocou algo entre os dentes. Foi rápido e então suas mãos estavam entre nós, os nós dos dedos me provocando enquanto ele colocava a camisinha.

Ele me levantou de volta, e então minha bunda estava em um balcão, e ele estava empurrando para dentro de mim. Respirei fundo e ele praguejou, mordendo a pele do meu pescoço. Ele foi devagar, trabalhando todo o caminho dentro de mim antes de sair e voltar para dentro.

Repetidamente, ele martelou em mim, lambendo meu pescoço, meus seios, minha boca. Eu o agarrei, meus calcanhares cravando em sua bunda.

"Jay," eu gemi, longo e alto.

"Porra", ele amaldiçoou. "Você me faz tão bem, Low."

A cada estocada, ele falava comigo.

Tão apertada.

Precisava tanto de você.

Tão bonita.

Eu gostaria de poder ver você, princesa. Eu quero ver você gozar para mim.

Sua mão deixou minha bunda e novamente se moveu entre nós. Ele deixou cair os dedos ali e circulou rápido e forte. "Vamos, Low. Deixe ir, querida."

Eu choraminguei, mordendo seu ombro, e fiz o que me foi dito.

"Sim", ele disse com a voz rouca enquanto eu tinha espasmos ao seu redor. Ele empurrou dentro de mim e ficou lá, me apertando. Ele amaldiçoou e estremeceu, seus dedos cavando em minhas costas enquanto me segurava com força contra ele.

Nós ofegamos e nos sacudimos um contra o outro. Ele beijou meu ombro, meu peito, meu mamilo, meus lábios e depois se retirou. Eu engasguei quando ele fez isso, e ele lambeu minha boca.

Rapidamente ele pegou sua camisa e limpou entre minhas pernas, meu rosto em chamas o tempo todo. Eu tive que segurar seus ombros enquanto pegava minhas roupas do chão. Ele cuidadosamente puxou minha calcinha pelas minhas pernas. Então ele gentilmente vestiu minha camisa e vestiu sua calça jeans e botas.

"Pare de pensar, Low," ele sussurrou em meu ouvido enquanto caminhávamos de volta para a sala.

Mas eu não estava pensando - estava completamente *menos pensado*. A única coisa em minha mente eram fragmentos do que havia acontecido. Sussurros e ecos de novas memórias. A sensação de suas mãos na minha pele. Seus lábios nos meus. Quão incrível me senti com ele dentro de mim.

Entramos e encontramos Billy na cama, de bruços e roncando. Ele deve ter me ouvido sair e roubado a cama. As garras de Olly clicaram no chão quando ele se aproximou de mim, mas Jay estalou os dedos e Olly caiu com um gemido.

Jay não parou - ele apenas se sentou no pequeno sofá e me puxou para cima dele, me rolando para o lado. Deitei minha cabeça em seu peito e ele pegou minha mão, beijando-a, e então colocou nossas mãos unidas em seu peito. Sua outra mão guiou minha coxa até a dele e depois deslizou por baixo da minha camisa, vagando pela minha pele.

"Eu não sei o que vai acontecer, Low," ele disse no topo da minha cabeça. "Mas você e eu? É isso. Somos só você e eu. Me entende?"

"Mais ou menos," eu sussurrei de volta. "Mas não realmente." Éramos uma coisa agora? Parecia meio bobo com tudo acontecendo.

Ele virou de lado, colocando minha cabeça sob seu queixo. "Essa merda com sua mãe e Rick? Acabou." Ele deixou cair os lábios no meu ouvido. "Já acabou há muito tempo, Low. Queria esperar até depois. Que idiota, pensando nisso agora." Ele suspirou em meu ouvido. "Devia ter ido atrás de você um dia depois que Rick me contou, mas minha cabeça estava toda fodida."

"Eu não entendo." Olhei para cima, procurando por seus olhos no escuro. A luz da janela lançava um brilho ao redor de sua cabeça, mas seus olhos ainda estavam no escuro.

Ele segurou meu rosto com a mão, passando o polegar sob meu olho. "Você precisa saber, Low, se eu soubesse, nunca teria dito essa merda para você."

O que Rick disse a ele? Meu estômago revirou e engoli em seco.

"Sei sobre sua mãe, querida," ele disse gentilmente. "Sabe sobre ela, John - aquela merda com a qual você cresceu."

Eu olhei para baixo. Mamãe nunca foi realmente uma prostituta. Mas ela poderia muito bem ter sido. Ela namorou um por um tempo - "namorou" da maneira mais livre possível. Eles treparam com outras pessoas, e ele muitas vezes a passava para os amigos para conseguir o que queria e fora do apartamento crescendo.

"Eu nunca fui responsável pelo que ela fez," eu mordi. "Você sabendo dessas coisas não deveria ter mudado nada." Ele nunca deveria ter me incluído no que minha mãe e Rick estavam fazendo com Mary e seus filhos. Nada disso foi minha culpa. "Rick traiu Mary com minha mãe, não comigo."

"Saiba disso, Low. Eu estraguei tudo. Rick estragou tudo e colocamos a culpa no lugar errado."

Rolei, de costas para ele. Eu não queria ouvir isso agora. Isso trouxe muitas lembranças dolorosas. Muitos anos dele olhando para mim como se eu fosse um pedaço de lixo. Deus, o que havia de errado comigo? Se eu realmente tivesse deixado tudo isso de lado só para... bati as mãos no rosto. Eu tinha deixado ele me tocar. Eu o deixei *entrar em mim*.

"Querida," ele sussurrou. "Eu sinto muito. Você tem que saber, isso mudou para mim. Não sei quando, mas aconteceu. Comecei a olhar para você e não vi nada além daquela garota linda e triste, e sabia que ela seria minha."

Enfieei meu rosto na almofada do sofá, escondendo minhas lágrimas.

"Você é tão corajosa, princesa. Você é tão linda e teimosa, e ele te amava. Eu sei que ele fez isso. Rick estragou tudo, mas ele só continuou estragando tudo por você."

Meu corpo resistiu em um soluço e mordi minha bochecha para manter o som dentro de mim.

"Ele não ia deixar você com ela," ele murmurou em meu ouvido, seus dedos enrolando em volta da minha barriga. Seu outro braço afundou sob minha cabeça e envolveu minha testa. Ele beijou minha bochecha de novo e de novo. "Ele me contou tudo sobre você, querida. Ele estava bêbado e falando sobre como aquela mulher era miserável e como ela não merecia você. Ela não merecia que você cuidasse dela, limpasse tudo."

Eu engasguei em meio a outro soluço, minhas mãos envolvendo seus braços.

"Ele me contou sobre suas histórias, seus desenhos. Ele disse que você é tão talentosa. Ele disse que você não era como ela."

"Pare," eu engasguei. "Por favor pare."

"Está tudo bem em sentir falta dela, Low. Mas ela não estragou isso. Ela não consegue manter você longe de mim. Eu estraguei tudo, eu sei que fiz. Eu tive que colocar minha cabeça no lugar. Mas você é minha agora." Seus dentes cerrados morderam minha orelha enquanto seu peito pesava contra minhas costas. "Vou mantê-lo segura e vou fazer você feliz."

Ele virou meu queixo e beijou meus lábios molhados. "Ninguém vai nos impedir, nem Paulie, nem as meninas, nem aquela merda que sua mãe colocou na sua cabeça." Ele deixou cair seu rosto no meu, seu nariz empurrando contra o meu. "*Não foi a merda que eu fiz com você.*"

"Jay." Eu poderia morrer amanhã. Ele poderia morrer amanhã. Inferno, o mundo inteiro poderia ir à merda amanhã. "Por que você está me contando isso *agora*?"

Ele beijou meu nariz, meus lábios. "Estou te contando porque não vou acordar amanhã para você que está arrependida disso. Estou pensando em como sou uma péssima aposta." Ele empurrou meu cabelo molhado do meu rosto. "Isso não é nada para mim. Não quero que você olhe para mim como se eu fosse atacar você. Essa porra me *mata*. Mas eu comprei isso. Quero sua confiança, Low," ele murmurou sobre meus lábios. "E quando você estiver pronta, você vai me dar seu amor também."

Eu respirei chocada.

Ele sorriu contra minha boca, e eu sabia que seus olhos brilhavam no escuro. "Ah, sim, você vai me dar isso."

"Eu estou?" Eu fiz uma careta para ele e sua arrogância.

Ele cantarolou contra minha boca. "Eu vi como você me observava, princesa. Você queria isso tanto quanto eu, por tanto tempo quanto eu. Talvez mais."

Eu belisquei seu mamilo *com força*.

Ele riu e torceu o meu, prendendo meu suspiro em sua boca.

"Durma," ele rugiu.

"Não estou cansada agora," rosnei. Como diabos eu iria dormir depois de tudo isso?

Ele cantarolou na minha nuca. "Eu posso cansar você." Sua mão desceu e me segurou entre minhas coxas. Bati os joelhos, prendendo-o.

"Alguns de nós estão tentando dormir," Dahlia disse asperamente, irritada, do outro lado da sala. "Alguns de nós não têm um garanhão como Jason Howler para nos cansar."

Tossi, corando intensamente.

Billy gemeu. "Cale a boca, vovó. Will, diga ao seu namorado para contar tudo amanhã, quando eu não tiver que ouvir isso."

Meu rosto estava em *chamas*. O peito de Jay tremeu contra minhas costas. Apertei as costas da mão dele entre minhas coxas, mas ele apenas me segurou com mais firmeza e apertou.

Demorei muito para adormecer, mas não para Jay. Ele era um calor pesado nas minhas costas que eventualmente me embalou no sono.

Ele e Olly partiram pela manhã.

CAPÍTULO SETE

Blue e eu saímos do quarto antes que Dahlia acordasse na manhã seguinte. Eu não estava disposta a ficar e fazer com que ela me atacasse sobre cada pequena parte da conversa que ela havia escutado. Para ser justa, nós a acordamos. Mas a coisa educada a fazer seria fingir que nada aconteceu. Mas esse não era o estilo de Dahlia. Ela ficaria tonta com as fofocas, e eu não queria ficar perto dela por muito tempo.

Consegui evitá-la o dia todo, visto que Billy a castigou por causa do ferimento. E ela estava drogada com analgésicos quando voltei para o quarto naquela noite. Blue adormeceu enquanto eu o enxugava com um pano molhado. Jan, Ivy, Lucille e as outras crianças conseguiam deixá-lo exausto todos os dias, e eu sentia falta de tê-lo acordado e brincalhão.

Mas agora eu trabalhava mais de quatorze horas e não tive um dia de folga. Você pensaria que com a chegada de novas pessoas, teríamos mais ajuda na cozinha. Mas com mais gente, havia mais bocas para alimentar, e o trabalho parecia interminável, especialmente agora que não tínhamos um fogão funcionando.

Billy estava no sofá e eu me senti péssima. O trabalho dele era muito mais físico do que o meu, mas o de Jay também era, e ele parecia estar dormindo ainda menos do que qualquer um de nós.

Quando ele foi para a cama naquela noite, era diferente de antes. Ele me acordou. Ele não me puxou para o banheiro, mas me beijou – longo e molhado. Ele estava duro contra minhas costas e seus lábios estavam famintos, mas ele me colocou em seu peito e adormeceu segundos depois.

Eu não sabia se estava aliviada ou desapontada.

Na manhã seguinte, Dahlia estava acordada e me esperando com um brilho determinado nos olhos.

Ela sorriu maliciosamente para mim enquanto eu me vestia.

"Não diga nada," eu a avisei.

"Quem? Eu?" Ela apontou para si mesma. "Eu não estava brincando com o inimigo?"

"Não seja tão dramática, Boneca."

Ela zombou. "Eu *sou* um drama, criança."

"Verdade," eu suspirei. "Não sei o que estou fazendo, então não me pergunte."

"Eu sei o que você está fazendo." Ela sorriu. "Ou *quem*."

Sentei-me na cama, observando Blue dormindo no cercado. A luz da manhã entrava pela janela, banhando-o.

"Não fique tão deprimida, Willoweed. Eu não seria capaz de segurar minha calcinha se aquele homem olhasse para mim também."

"Dahlia! Isso é tão esquisito."

"Não, o que é estranho é você fazer aquele garoto trabalhar tanto." Ela sorriu novamente. "Bem, ele pode trabalhar duro, mas não para fazer você parar de afastá-lo."

"Boneca! Pare com isso," eu sibilei. "E eu não estou afastando ele."

Ela revirou os olhos. "Besteira, você o está afastando há anos."

"O que você está falando? Ele sempre me odiou."

"Ele não conhecia você," ela disse secamente. "Não que você tenha facilitado as coisas para ele."

"O que deu em você?" Eu perguntei, chocada. Ela sempre foi 'Team Jay-is-a-Bastard'. Um lindo bastardo, mas ainda assim.

"Eu admito, nunca pensei que ele fosse bom o suficiente para a minha Willoweed. Não são muitos." Meu peito aqueceu. Ela sorriu gentilmente para mim e então fez uma careta. "Mas você tem escondido informações valiosas de mim."

"O que? Não, não tenho." Eu balancei minha cabeça, calçando minhas botas.

"Você fez parecer que ele estava te atacando em cada esquina, te insultando, *te torturando*. É claro que eu desprezaria ele e qualquer coisa relacionada a ele e a minha Willoweed."

"Ele fez isso," eu disse entre dentes. Talvez não me torturasse, mas seus olhares sujos e palavras mordazes pareciam muito com tortura."

"Quanto tempo agora?"

Eu olhei para ela.

"Há quanto tempo ele não disse nada rude com você? E não me refiro a pequenas coisas."

Suspirei: "Não sei, meses, talvez mais".

"Eu ouvi cada palavra naquela noite, querida," ela disse gentilmente. "Aquele garoto se sente *péssimo* pelo que fez com você."

"Não faz muito tempo que ele me expulsou daquele festival", retruquei.

"Mas o que ele disse?"

Eu pensei de volta. "E-eu não sei. Paulie e Mary estavam gritando com Rick. Jay apenas agarrou meu braço e me levou até o carro. Ele disse algo sobre ir embora."

"Hum." ela olhou para a parede. "Talvez ele estivesse salvando você do confronto com Paulie. Esse é um homem de *quem* devemos guardar rancor. Não o nosso Jason."

Nosso Jason?

"Ele nunca tentou falar com você", ela continuou, balançando a cabeça. "É uma pena o que aconteceu com ele."

"Ele esperou por Billy e por mim", eu disse a ela, pensando na noite no portão. Paulie não precisava. Ele poderia ter nos deixado para trás.

Ela acenou com a mão para mim. "Isso foi só porque Jason iria matar aqueles homens no portão para chegar até você."

"O que?" Eu me sentei. "O que você disse?"

"Oh, eles não o deixaram voltar pelo portão. Aqueles deliciosos soldados iriam algemá-lo. Paulie teve que intervir. Montgomery e alguns outros tiveram que arrastá-lo embora."

"O que?" Eu balancei minha cabeça. Como eu não sabia disso?

Os olhos dela brilharam. "Destruído, ele estava. Tão preocupado com sua *princesa*."

Olhei para minhas mãos. Eu não tinha percebido que Jay era a razão pela qual Paulie ficou. Eu me perguntei por que isso não tinha me ocorrido antes.

"Foi quantas vezes Jason Howler veio em seu socorro agora?" ela perguntou, inspecionando suas unhas lascadas.

Desviei o olhar. Muito – ele tinha feito muito isso recentemente.

"Eu estive pensando," ela disse preguiçosamente. "Não acho que ele tenha vindo ao apartamento porque você atendeu o telefone. Talvez ele estivesse a caminho o tempo todo."

"O que?" Eu zombei. "Não, ele estava ligando para Rick para ir buscar sua mãe e Mary."

"Acho que não", ela cantou. "Ele foi direto para você." Ela baixou a voz. "Ele poderia ter ido para a casa da mãe, criança. Se ele realmente não pensasse nada por você, ele teria ido atrás dela primeiro e depois de você."

Eu sabia. No fundo, eu sabia disso. Jay não era o tipo de cara que me abandonaria enquanto eu estava chorando e apavorada, mas ele poderia ter ido primeiro para a casa da mãe. Deus, ela poderia ter vivido se ele tivesse. Apenas alguns minutos antes, e ele poderia tê-la salvo.

"Acho que aquele garoto já vê minha garota há algum tempo", ela sussurrou. "Acho que ele estava apenas lutando contra isso dentro dele, preso entre você e o que a família dele esperava."

"Ele poderia tê-la salvo," eu sussurrei miseravelmente.

"Talvez, talvez não. Não coloque isso em si mesmo, querida. Ele veio atrás de você, e foi tanto um sacrifício quanto um presente."

Eu balancei a cabeça, entorpecida.

Ela limpou a garganta. "Então, quão grande ele é?"

Eu pulei, o rosto em chamas.

"Boneca! Deus! Eu não estou te contando isso!" Levantei o corpo adormecido de Blue e fui até a porta.

"Amo você, Willoweed", ela chamou suavemente.

Parei, meus olhos ardendo. "Amo você mais, boneca."

BLUE CHOROU quando o deixei naquela manhã. Isso me matou. Ele não tinha feito isso antes. Muitas crianças choravam. Jan estava correndo tanto que mal teve tempo de pegar Blue de mim.

"Alguma coisa no ar", disse Ivy para si mesma quando passei por ela.

Na verdade, houve. Durante todo o dia, as pessoas ficaram mais irritadas do que o normal. Exigindo mais comida. Melhor comida. Mais tempo para comer. Gary era especialmente rabugento, gritando toda vez que alguém deixava cair alguma coisa ou queimava alguma coisa, o que, é claro, causava mais erros.

Nina e os outros funcionários da cozinha estavam correndo, atormentados e exaustos.

Eu estava nervosa.

Essa conversa com Dahlia não ajudou. O dia todo pensei em Jay. Cada palavra que ele falou para mim. Analisando cada olhar e palavra dos últimos três anos, tentando identificar o momento em que esses olhares e palavras mudaram.

Mas não consegui identificar.

Para ser honesta, foi gradual. Se eu realmente pensasse sobre isso, eu poderia ver. Os olhares desagradáveis lentamente se transformaram em frustração. Suas palavras desagradáveis mudaram de tom, quase provocando. Ele estava brigando cada vez mais com Paulie e Mary nas raras vezes em que os vi todos juntos.

No ano passado, eu ainda tinha visto mais dele. Ele parecia estar por toda parte.

Ele parava no apartamento para conversar com Rick ou passava de carro até a cafeteria – o que era estranho porque ele raramente fazia isso quando o conheci e não tinha nenhum motivo real para estar naquele lado da cidade com tanta frequência.

Os toques, no entanto. Eles eram relativamente novos. Antes, ele não chegaria nem a um metro de mim se pudesse evitar. Mas no ano passado ele tocou meu braço aqui ou ali. Achei que era para me afastar dele, mas quando realmente me lembrava era sempre quando Paulie estava por perto. Como no festival. Ele não estava me expulsando. Ele estava me acompanhando até o carro.

Eu quase ainda conseguia sentir o aperto suave que ele tinha, a maneira como seus olhos procuraram meu rosto – *preocupados*.

Tudo isso aconteceu antes de Rick ficar bêbado naquela noite e Jay o levar para casa. Ele estava mudando antes de Rick contar a ele todas aquelas coisas sobre mim.

Por que eu não tinha visto?

Mas isso não importava agora. Ele não estava por perto para eu perguntar.

Eu estava do lado de fora, perto da lareira nos fundos do prédio, enquanto Gary assava lentamente algum tipo de carne sobre a qual eu não tinha vontade de perguntar. Alguém esteve caçando recentemente e eu preferiria não saber o que estávamos comendo. Liam estava jogando bola com outros dois meninos, ambos alguns anos mais velhos que ele, quando de repente deixou cair a bola e saiu correndo para trás do prédio.

Estreitei meus olhos para os meninos enquanto eles faziam cara feia e gritavam seu nome.

"Já volto", murmurei para Gary, ignorando seu protesto gritado. Se eu pulasse toda vez que ele dissesse isso, meus pés nunca tocariam o chão.

O sol estava se pondo e meus pés já doíam, mas ainda tínhamos jantar para servir.

Apertei os olhos enquanto virava para a lateral do prédio, o sol da tarde me cegando por um momento. Quando clareou, quase tropecei nos pés.

"Liam!" Eu gritei, sem dar mais nenhum passo.

Liam olhou por cima do ombro para mim e sorriu.

"Liam! Venha aqui!" Meu peito estava com cólicas e eu senti como se estivesse sugando ar por um canudo.

"E aí?" Ele correu até mim.

"Fique longe desse homem", eu disse baixinho, franzindo a testa para o olhar malicioso de Fin.

Liam olhou por cima do ombro. "Quem, Fin?"

"Sim," eu disse asperamente. "Não chegue perto dele novamente."

Fin piscou para mim e girou nos calcanhares, assobiando.

"Por que?" Liam olhou para Fin enquanto ele voltava para a frente do prédio.

"Apenas confie em mim, ok?" Agarrei seu ombro, puxando-o para trás de mim, de volta para o outro lado. "Ele não é um bom homem."

"Sim, ok. Qualquer coisa que você diga."

"Prometa-me, Liam." Segurei seus dois ombros, olhando em seus olhos confusos.

"Eu prometo," ele guinchou.

Eu o abracei. "OK, bom."

Ele corou enquanto se afastava de mim.

"Liam," eu chamei enquanto ele corria de volta para os dois meninos mais velhos. Ele se virou e me encarou. "Se você vê-lo novamente, quero que você venha me buscar ou a um dos caras com o mesmo colete que Wiley estava usando, ok?"

Ele assentiu rapidamente. "Eu irei, Willow, prometo."

Balancei a cabeça e olhei por cima do ombro, tremendo.

Há quanto tempo ele estava aqui? Eu não tinha pensado duas vezes nele desde o portão da zona segura. Quão estúpida eu fui? Eu deveria ter esperado que ele aparecesse aqui. Eu deveria estar procurando por ele.

Eu o teria visto passar pela fila da refeição, mas não o vi. Nem uma vez.

Ele poderia estar de plantão na parede - eles entregavam as refeições - mas Billy teria dito alguma coisa. Foi pela mesma razão que eu sabia que ele não estava com a equipe de abastecimento. Jay não teria me deixado em paz se soubesse que Fin estava aqui.

E por que ele estava falando com Liam?

Estremeci e corri de volta para Gary, mal ouvindo sua reprimenda.

Mal cheguei a vinte minutos antes que a preocupação e o terror aumentassem demais para serem ignorados.

Pedi para sair mais cedo, incapaz de ficar na cozinha nem mais um segundo com Blue tão longe de mim. Verifiquei como ele estava e avisei Jan antes de sair correndo para encontrar alguém, qualquer pessoa, no clube que pudesse me ajudar.

Eu senti como se tivesse formigas de fogo rastejando sob minha pele. De alguma forma, eu sabia que vê-lo era ruim. Eu senti como se de repente estivesse sendo caçado. Como se uma nuvem escura e sinistra estivesse me perseguindo. Eu não poderia explicar, mas não ignoraria meu instinto.

Encontrei Hull e Cam, dois membros com quem eu nunca tinha falado, mas os dois ficaram alertas quando corri até eles, em pânico.

"O que é?" Cam era alto e magro, com a constituição de um nadador, mas tinha um ar maluco. Havia algo em seus olhos – como se ele não conseguisse ficar parado, sempre procurando briga.

"Fin," eu ofeguei, curvando-me. "Ele está aqui."

Cam olhou ao redor do pátio em que estávamos enquanto Hull agarrou meu braço e me puxou para seu lado. Fiquei tão aliviada que eles pareceram levar a ameaça a sério. Fin me encurralou e colocou as mãos em mim, mas não me machucou. Mas havia algo nele que eu sabia que todo o clube sentia tão claramente quanto eu – algo maligno.

"Você verificou Blue?" Cam perguntou, ainda olhando em volta.

Balancei a cabeça, engolindo em seco. "Sim, antes de eu encontrar você. Eu contei a Jan."

"Wiley está na parede", Hull murmurou, também examinando as pessoas ao nosso redor.

"Leve-a para o quarto dela. Vou chamar Blue e seguir em sua direção." Cam semicerrou os olhos para algo distante.

Hull assentiu e gentilmente me puxou para trás dele.

"Posso estar exagerando", senti necessidade de dizer. Mas parte de mim sabia que isso era mentira.

Hull balançou a cabeça. "Não, sempre confie no seu instinto."

Eu balancei a cabeça. Meu instinto estava gritando comigo agora.

Chegamos ao meu prédio quando os gritos começaram.

CAPÍTULO OITO

Hull parou e olhou em volta sob a luz do sol minguante.

Outro grito veio de alguns metros à minha direita, perto dos fundos da propriedade que ficava contra a floresta.

Recuei, minhas mãos tremendo.

Todos ao nosso redor congelaram, olhando para trás.

Até os soldados congelaram.

Então houve outro grito, muito mais próximo – definitivamente de uma mulher – e todos os pelos dos meus braços se arrepiaram.

Depois houve uma série de tiros.

Um bando de pássaros se separou das árvores.

Todos se mudaram então. Os soldados correram para os fundos da propriedade e os civis começaram a gritar e correr para o prédio mais próximo.

Hull voltou ao movimento e me arrastou pela calçada.

"Blue", eu engasguei.

"Cam vai pegá-lo." Ele me puxou com mais força e então estávamos correndo.

"Eu preciso pegar o Blue!" Eu gritei enquanto um coro de gritos percorria o ar.

"Não há tempo!" ele gritou de volta.

E não houve tempo. Uma mulher correu até nós.

E ela não era uma mulher normal.

Ela estava ensanguentada, com a boca aberta, pingando grossos riachos de sangue.

Hull me empurrou para o lado enquanto ela se lançava em minha direção. Caí no chão, quase quebrando o queixo. Rolando de joelhos, pulei e fiquei de pé.

Virando-me, vi Hull no chão. A mulher estava sentada em seu peito e ele a empurrava freneticamente.

Olhei em volta, em pânico. Mas não havia nada com que eu pudesse bater nela. Então, pulei nas costas dela e agarrei-a pela testa com meus braços.

Hull levantou-se e agarrou uma pedra na grama a seus pés. "Deixe ela ir."

Eu balancei minha cabeça. Se eu a deixasse ir, ela iria mordê-lo.

"Deixe-a ir," ele disse gravemente. Eu não queria colocá-lo em maior perigo esperando, então deixei cair meus braços doloridos e observei enquanto ela se lançava sobre ele. Seu punho bateu em sua cabeça repetidas vezes antes que ela pudesse aproximar os dentes dele. Três batidas na pedra e sua cabeça se abriu. Ela caiu no chão, contorcendo-se uma vez antes de cair imóvel.

— Corra — Hull disse com voz rouca.

Agarrei sua mão, mas ele se afastou de mim. Olhando para cima, vi a dura realidade em seu rosto. Balancei a cabeça, mas ele assentiu. "Corra rápido."

Houve uma mordida em seu peito. Olhei para a mordida, o sangue escorrendo do meu rosto.

"Não posso deixar você", eu disse, as palavras com gosto de cinza.

"Vá, eu posso sentir isso. Não demorará muito — ele murmurou, tossindo.

Um soluço saiu da minha boca.

Alguém gritou atrás de mim e Hull avançou, empurrando-me novamente. Eu me segurei e girei, observando um homem se chocar contra ele, derrubando-o no chão. Hull rolou e segurou o homem enquanto ele atacava seu rosto. Olhando para mim, os olhos de Hull estavam injetados, seu rosto pálido e suado. Ele mostrou os dentes e gritou para mim: "Corra!"

Eu corri. Corri e corri, de volta por onde viemos. De volta para Blue. Se um homem tão grande como Hull podia ser derrubado daquele jeito e se transformar tão rapidamente, Cam também poderia.

Houve um rosnado desumano atrás de mim e olhei por cima do ombro. Hull estava de pé agora, mas corria direto para mim e não havia mais nada de humano em seus olhos. Ele havia se virado tão rápido.

Meus pés doíam a cada passo enquanto batiam no chão e meu tornozelo gritava. Bati na lateral de um prédio enquanto virava a esquina. Seis metros à frente havia três outros mordedores atacando Gary. Chorei e corri mais rápido, virando outra esquina.

Dedos agarraram a parte de trás da minha camisa.

"Willow!"

Meus olhos se arregalaram quando Liam acenou para mim da porta do prédio ao lado do prédio das crianças.

"Vai!" Eu gritei. Ele hesitou, seus olhos voltados para Hull me perseguindo, mas então ele se virou e correu para dentro. Meus dedos mal alcançaram a porta, mas não tive tempo de fechá-la atrás de mim.

Girei meus braços enquanto escorregava no linóleo enquanto virava uma esquina fechada. Liam estava mais adiante no corredor e tinha um taco de beisebol nas mãos. Ele estava com ele pronto para balançar, mas eu arranquei-o de suas mãos e girei, recuando para ele e balançando ao mesmo tempo.

O taco atingiu Hull na bochecha e ele cambaleou para trás. Balancei novamente, mais para cima, e acertei-o na lateral da cabeça. Ele rosnou e se lançou sobre mim novamente, mas eu continuei balançando. De novo e de novo.

Quando seu corpo atingiu o chão, meu corpo balançou e eu me inclinei, ofegando pelo nariz.

Eu tinha acabado de matar outro homem. Só que desta vez ele não era um estranho.

Liam agarrou meu braço e eu pulei.

Ele recuou com as mãos no ar. "Desculpe."

"Está tudo bem," eu ofeguei. "Vá se esconder."

Comecei a voltar pelo corredor.

"Onde você está indo?" ele perguntou. Eu não perdi o medo nu em sua voz.

"Para pegar Blue." Hesitei, voltando-me. "Eu preciso pegá-lo, Liam. Você pode se esconder aqui?"

"Eu vou contigo."

Eu balancei minha cabeça. "Não, você precisa se esconder."

"Não, eu conheço um caminho mais seguro. Me siga." Ele se virou e saiu correndo pelo corredor.

Eu não poderia deixá-lo sozinho. Amaldiçoei e o segui.

Ele me levou até uma porta lateral do prédio e parou, encostando o ouvido na porta. "Isso vai para fora, e há alguns metros para correr até a porta lateral do prédio de Blue."

"Ok, obrigada. Agora vá se esconder.

Liam agarrou minha mão. "Eu posso ajudar."

"Você me ajudou bastante."

Ele esticou o queixo. "Eu estou indo com você."

Parte de mim sabia que deveria ficar aqui e mantê-lo seguro, mas havia outra parte de mim que precisava chegar até Blue. Ele era apenas um bebê – totalmente indefeso. Todas aquelas crianças eram.

"Ok, ok, cuidado." Fui até a porta e lentamente a abri. Uma mulher passou correndo gritando. Fechei-a com força, sem fôlego. Esperei mais um minuto e depois abri novamente. Não consegui ver ninguém em nenhum dos lados da estreita área entre os prédios, mas vi a porta lateral da qual Liam estava falando. Agarrando seu braço, puxei-o para fora e corri para a porta. Ele correu na frente e abriu-a, e eu pulei para dentro, examinando rapidamente os corredores.

Descemos até o quarto das crianças, mas o encontramos vazio.

Quase vazio.

Liam fez um barulho no fundo da garganta e eu o girei, empurrando seu rosto em meu peito. Ivy estava deitada na porta.

O que sobrou de Ivy.

Tentei manter meu pânico sob controle, mas demorei um minuto para perceber que não havia outro sangue no quarto além do dela.

"Para onde eles foram?" Eu sussurrei.

Liam tremeu contra mim, minha camisa absorveu rapidamente suas lágrimas.

"Venha aqui." Eu o puxei para dentro do quarto. "Eu preciso que você se esconda, Liam."

"Não, não", ele gritou contra minha camisa, torcendo-a em seus punhos.

"Preciso encontrá-los", sussurrei de volta, procurando algum lugar onde ele pudesse se esconder. Olhei para cima, mas não vi nenhum duto de ar visível nem nada.

"Não me deixe," ele murmurou. "Por favor, não me deixe."

Meu coração se partiu e eu sabia que não poderia deixá-lo aqui.

"Bem, isso foi muito fácil", cantou uma voz atrás de mim. Eu me virei e fiquei boquiaberta diante da porta.

Fin ficou ali, com a arma apontada para mim. Empurrei Liam para trás de mim e recuei.

"Encontrei você," ele zombou e piscou.

CAPÍTULO NOVE

Eu gostaria de dizer que lutei, mas Fin tinha uma arma e eu tinha que me preocupar com Liam.

Fin me prendeu e me amarrou antes mesmo que eu pudesse pensar na maneira certa de fugir dele.

Ele não colocou nada em Liam, graças a Deus, mas o garoto não saiu do meu lado.

Ele seguiu Fin enquanto me arrastava pelos corredores até o último andar do prédio.

E quando Fin me jogou no chão de um pequeno armário, Liam voluntariamente subiu atrás de nós.

Durante duas horas, ele nos fez ficar sentados em silêncio. Ouvimos os tiros e os gritos, e ouvimos enquanto eles diminuía lentamente.

Eu não conseguia pensar no que isso significava. O que isso significava para Blue, Billy ou Dahlia. O que isso significou para todas aquelas crianças e para o resto do clube. O que isso significou para todos que buscaram refúgio aqui.

"Você se saiu bem, garoto", disse Fin de repente em meio ao silêncio.

Olhei para Liam enquanto ele chorava baixinho.

"Sabe, Willow, ele me mostrou a abertura na parede. A saída. O lapso dos guardas lá. Muito sorrateiro, nosso Liam."

Mantive minha boca fechada e olhei para ele.

Ele se agachou e beliscou meu queixo.

"Eu queria o pequenino", ele sussurrou, "mas Liam é um bom vice-campeão, você não acha?"

"O que você está falando?" Eu perguntei entre dentes.

"Teremos uma família tão linda de novo, querida. Só você, eu e Liam."

Eu olhei para ele, confuso e tremendo.

"Por enquanto," ele sussurrou e passou a arma pela minha barriga. "Talvez tenhamos mais alguns."

"O que você está falando?"

"Nossa família, querida," ele sussurrou. "De qualquer forma, o pequenino chorava o tempo todo, desde que o pai dele comeu minha bala."

Respirei fundo, meus olhos ardendo. "Você matou o pai de Blue?"

Ele assentiu solenemente. "A mãe dele já estava morta, então, veja bem, ele precisava de você. E então eu encontrei você." Ele beijou minha bochecha e eu me encolhi. "Mas agora temos Liam, então nossa família está completa."

"Você é louco," eu respirei, terror e pânico enchendo minhas veias. Eu não sabia como lutar contra a insanidade.

"Isso não é legal." Ele franziu os lábios. "Liam, diga à sua mãe que isso não é legal."

Liam ficou boquiaberto com ele, estremecendo.

"Diga a ela!"

Liam pulou. "Isso não é legal."

"Bom Bom." Fin assentiu para si mesmo. "Agora só temos que esperar que todos morram e esta casa será nossa."

A mão de Liam agarrou a minha atrás de mim.

"Tenho que verificar", ele murmurou para si mesmo. "Tenho que garantir que todos morram." Ele girou em nossa direção, agachando-se novamente. "Você cuida da sua mãe, Liam." Ele apontou a arma para Liam. "Se você não ouvir, ficará de castigo." Ele bateu a arma na têmpora. "Você não quer ficar de castigo, quer?"

Liam balançou a cabeça.

"Bom garoto," ele ronronou. Então ele se virou para mim e esmagou seus lábios nos meus. "Você também vai se sair bem, querida. Você não vai?"

Balancei a cabeça, prendendo a respiração.

Ele acenou de volta e me deu um tapa no rosto. Estremeci, lambendo o sangue do meu lábio superior.

"Você tem esse olhar. Você sabe que não gosto desse olhar. Não seria inteligente fugir de mim. Você sabe disso."

"Eu não vou correr," eu murmurei.

"Não, não", ele murmurou para si mesmo. "Você corre, você tem que morrer de novo. Não quero que você morra de novo. Houve muito sangue da última vez."

Deus, isso era muito pior do que eu poderia ter imaginado. Como ele escondeu esse lado dele de nós?

Ele assentiu mais algumas vezes, deslizando a arma pelo meu peito.

Prendi a respiração, mas mantive os olhos baixos, protegendo-os dele.

Ele se levantou e saiu pela porta, e eu caí contra a parede. Liam deu um pulo e começou a rasgar meus pulsos amarrados.

"Liam," eu sussurrei, quieto como um suspiro.

Suas mãos tremiam e seus dedos beliscavam a pele dos meus pulsos enquanto ele lutava com o zíper.

"Liam," ousei dizer um pouco mais alto.

Ele parou e veio para o meu lado.

"Você não pode desamarrar isso," eu disse gentilmente. "Eu preciso que você me ajude a me levantar."

Ele agarrou meus ombros e eu fiquei de pé. Liam era magro, mas era forte e conseguiu me ajudar a manter o equilíbrio. Eu cambaleei contra ele e ele me empurrou para cima.

"Sinto muito, Willow. Ele era meu amigo. Ele disse que era meu amigo. Ele me trouxe quadrimotos e eu mostrei a ele como se esgueirar por aqui. Eu não sabia."

"Está tudo bem," eu sussurrei. "Temos que ficar quietos." Liam estava obviamente assustado e eu queria tranquilizá-lo, mas precisávamos sair daqui e ficar mais longe de Fin.

Fin pode estar do lado de fora da porta.

Ainda havia tiros aqui e ali, mas eles estavam cada vez mais longe de nós. Recusei-me terminantemente a pensar no que isso poderia significar. Agora, eu tinha que me afastar de Fin – afastar Liam de Fin. Só então eu me preocuparia com isso.

Encostei o ouvido na porta, mas estava tremendo e com muito medo de abri-la. Se Fin estivesse ali, ele poderia atirar em nós assim que abrísssemos a porta.

Um tiro veio de baixo de nós e eu pulei. Liam agarrou meu braço, suas unhas cravando minha pele.

“Pode ser ele”, sussurrei para mim mesma. Agora pode ser nossa única chance. Tivemos muita sorte por ele ter nos deixado - ainda mais sorte por ele ter sido tão estúpido em não conter Liam.

Coloquei minha boca perto de seu ouvido e sussurrei: “Abra a porta, Liam, mas fique fora do caminho”.

Ele assentiu e endireitou os ombros. A porta rangeu quando ele a abriu, e nós dois ficamos tensos, atentos a qualquer som. Quando nada aconteceu, ele abriu o resto da porta e eu espiei para fora, olhando para os dois lados do corredor.

Liam segurou minhas mãos enquanto saíamos para o corredor. Olhei em direção às escadas, mas não me pareceu inteligente ir por ali – poderíamos topar com ele a qualquer momento. Liam me puxou por trás e acenou com a cabeça para o outro corredor.

Olhei em volta, mas Liam conhecia esse lugar melhor do que eu. E não houve tempo. Tivemos que nos mudar.

Nós rastejamos rápidos mas silenciosamente pelo corredor e dobramos uma esquina.

Liam me puxou para uma sala e apontou para uma janela. Lá fora estava silêncio. Havia corpos na estrada, mas eles não se moviam. Liam foi abrir a janela, mas eu balancei a cabeça. “Muito alto.”

Liam me puxou e voltamos pelo corredor. Havia outra escada. O sol já havia caído completamente e não havia tantas janelas deste lado do prédio. A escada estava escura e agourenta, mas meus pés pisaram nos degraus o mais rápido que puderam.

Paramos no final da escada e ficamos rígidos quando ouvimos uma porta bater acima de nós. Fin gritou meu nome e Liam e nós corremos. Saímos pela porta dos fundos do prédio e entramos na estrada.

Fin gritou de novo e eu ofeguei enquanto corríamos pelo pátio. Liam saltou sobre um corpo e olhou para mim por cima do ombro. Seus olhos se arregalaram e ele gritou, apontando. Custou-me, mas olhei por cima do ombro. Fin estava correndo atrás de nós. Ele apontou a arma para mim e eu tropecei, caindo no cimento.

Liam agarrou meu braço e eu tropecei de volta, empurrando meus pés sob mim. Uma bala atingiu o chão aos meus pés e disparei para o lado para bloquear Liam enquanto corríamos. Derrapamos em outra esquina e avistamos dois soldados à nossa frente.

Liam gritou por eles e eles pularam, apontando suas armas para nós. Percebi sua intenção quase tarde demais e mergulhei em Liam, derrubando-o no chão. A bala passou zunindo pela minha orelha. “Não atire!”

Prendi a respiração, antecipando outro tiro, mas nenhum veio.

Liam ergueu as mãos quando os soldados se aproximaram de nós, e eu fiquei em um ângulo estranho, tentando ficar o mais imóvel possível.

“Tem um cara,” Liam ofegou. Ele apontou para trás, virando a esquina. “Ele está tentando nos matar.”

Um dos soldados colocou Liam de pé enquanto o outro correu até o canto, apontando a arma para ele. “Não há ninguém lá.”

O soldado me colocou de pé e examinou minhas amarras. "O que aconteceu?"

"Foi ele," Liam ofegou. "Ele deixou os zumbis entrarem. Ele a amarrou."

Então Burman apareceu correndo na esquina com Monty, derrapando e parando na nossa frente.

"Porra, estamos procurando por você em todos os lugares," Monty rosnou. Então ele também viu minhas mãos amarradas e fez uma careta. Ele me arrancou do soldado e me levantou em seus braços.

"Fin está aqui," eu ofeguei, ainda sem fôlego por causa da nossa corrida.

Burman virou-se e apontou a arma para o pátio escuro. Ele recuou e Monty olhou para trás. Os soldados sentiram que eles estavam alertas e apontaram novamente os rifles.

Mas ninguém saiu da escuridão. Fin tinha ido embora.

Monty e Burman rapidamente levaram Liam e eu para os fundos do prédio. Goon e Wiley nos encontraram, e Burman os contou. Quando vi Cam, comecei a me torcer no aperto de Monty.

"Blue?" Eu me mexi, mas Monty apertou ainda mais. "Onde está Blue?"

"Billy está com ele", ele disse ríspidamente, seus olhos observando minha laço. Eu caí contra Monty, suspirando de alívio.

"Dália?"

"Ela também está bem." Ele olhou para trás de mim. "Onde está Hull?"

Eu enrijei e meus olhos ficaram tensos quando me forcei a olhar para ele.

Cam se endireitou, encontrando meu olhar. Seu corpo estava imóvel e quieto. Senti Monty congelar contra mim.

"Sinto muito," eu resmunguei. "Eu sinto muito. Ele foi mordido."

Cam desviou o olhar, com a garganta balançando. "Onde ele está?"

Eu disse a ele em qual prédio havia deixado o corpo de Hull e ele foi embora.

Monty me levou pela estrada e avistei Jay. Ele estava gritando e empurrando Paulie, e Ren estava com as mãos nos cabelos, olhando em volta. Olly estava com eles. Ele cheirou o ar e se virou, correndo em nossa direção. Ren nos viu primeiro e gritou, apontando para nós.

Jay empurrou Paulie novamente e se virou. Ele correu em minha direção e me arrancou dos braços de Monty. Suas mãos percorreram meu corpo para cima e para baixo, verificando cada centímetro de pele exposta. Ele me girou e agarrou meus pulsos. "Que porra é essa?"

Eu tremi quando ele colocou os dedos entre meu pulso e o zíper.

"Dê-me sua faca", ele disse atrás de mim.

Houve um estalo, depois algo frio e então meus pulsos ficaram livres. Eu gemi enquanto alfinetes e agulhas subiam pelos meus braços. Jay me virou e esfregou meus braços vigorosamente.

"Ele tocou em você?" Jay perguntou, com o peito arfando.

Eu balancei minha cabeça.

"Ele a beijou," Liam guinchou atrás de mim. "Ele nos colocou no armário e disse que seríamos uma família."

"Fodidamente maluco," Monty murmurou.

"Onde ele está?" Jay rosnou acima da minha cabeça.

"Se foi", Burman respondeu ríspidamente.

"Encontre-o", Jay rosnou. Vários caras começaram a se afastar, mas Paulie os impediu.

"Não temos tempo," ele rosnou. "Precisamos de todos em um só lugar."

"Arranje tempo", Jay fervia de raiva. Seu rosto era duro, seus olhos frios, mas suas mãos eram gentis comigo.

"Não, este lugar está coberto de sangue. Vai estar cheio dessas coisas. Nós precisamos ir."

"Estamos indo embora?" Perguntei.

"Todo mundo está," Ren respondeu. "Os militares estão se retirando."

"Por que?" Olhei em volta e comecei a notar coisas fora da minha bolha de medo. Os soldados carregavam veículos com suprimentos e as pessoas corriam com mochilas e tudo o que suas mãos podiam carregar.

Mas não tantos. Não tantas pessoas como eu estava acostumada a ver aqui.

Havia corpos ao nosso redor, simplesmente caídos ali.

"Todo mundo está em nosso prédio. Nos encontramos lá e fazemos um plano." Paulie já estava se afastando.

"Ele simplesmente nos seguirá", Jay retumbou. "Nós cuidamos dele, aqui e agora."

Paulie balançou a cabeça. "Não, vamos embora."

"Jay", gritei para ele. Ele estava olhando para Paulie de um jeito que me deixou nervosa. Mas ao ouvir minha voz, ele olhou para baixo e toda a raiva foi escondida.

"Ei, querido, você está bem?" Ele se inclinou e beijou meu pescoço, seus polegares percorrendo meus pulsos doloridos.

"Leve-me para Blue," eu resmunguei.

"Você acertou," ele sussurrou. Ele pegou minha mão e caminhou até nosso prédio.

Virei-me para Monty ao meu lado. "Como você recuperou suas armas?"

"Elas nos foram dadas em nossas corridas. Ouvimos os tiros e viemos direto para cá. Ninguém piscou quando começamos a atirar nos mordedores."

Olly choramingou e lambeu meus dedos livres enquanto entrávamos no prédio. Avistei Billy e corri até ele. Ele estava andando pela sala comunal com Blue agarrada em seu pescoço.

Abracei os dois assim que eles se viraram.

Billy cedeu contra mim e Blue agarrou meu pescoço. Eu o levantei de Billy, mas meus braços imediatamente latiram de dor, e Billy o puxou de volta, olhando para eles.

"Ele a amarrou", disse Jay sombriamente. Ele esfregou meus braços por trás e eu cedi contra seu peito.

Gritos silenciosos chegaram aos meus ouvidos e olhei em volta. Uma mulher estava deitada no chão.

Sylvie, esposa de Dane.

Ela não estava se movendo.

Ao lado dela, um homem mais velho, com uma camisa suja, estava imóvel, e ao lado dele, outra mulher. Eu não a conhecia, mas conhecia o homem ajoelhado ao lado dela, com os olhos úmidos e devastados – ele era outro membro do clube, Rain. Jan estava sentada ao lado de Sylvie e chorava no topo da cabeça de Marcy.

"O pop do Hull?" Monty perguntou.

Jay balançou a cabeça. "Eu atirei nele antes que ele pudesse se virar."

Monty assentiu e eu agarrei a mão de Jay com força.

Talvez fosse melhor que o homem mais velho não tivesse sobrevivido. Agora ele não precisaria saber que seu filho não o fizera. Que eu o matei.

CAPÍTULO DEZ

Paulie chamou a atenção de todos. "Não temos tempo para enterrar as nossas perdas", disse ele solenemente. "Eles merecem isso, mas uma horda dessas coisas está vindo para cá. Eu e alguns outros estivemos lá todos os dias, e posso dizer uma coisa: eles são rápidos, são fortes e podem sentir o cheiro de sangue por todo este lugar. Não temos muito tempo até que eles cheguem até nós." Paulie fez uma pausa enquanto algumas pessoas sufocavam soluços de terror. "Mas Hull era nosso irmão. Sylvie, Reda e Jerome eram uma família. Então vamos queimá-los e colocá-los para descansar da melhor maneira que pudermos."

"Está escuro demais para ir a qualquer lugar", gritou uma mulher mais velha.

"Não temos muita escolha, Tammy."

Alguns membros caminharam até os corpos e os carregaram porta afora para prepará-los. Seguimos em grupo. Foi quando Cam voltou com Goon, ambos carregando o corpo de Hull entre eles. Jay me deixou para ajudá-los a carregá-lo e deitá-lo ao lado dos outros.

Billy me puxou de lado, segurando Blue no quadril. "Eu estava preocupado", ele disse baixo.

"Eu também. Você estava perto da parede quando isso aconteceu?"

Billy balançou a cabeça. "Não está lá, mas perto. Voltei direto para buscar a vovó, mas quando pude procurar por você, estávamos tentando nos esconder de essas coisas e tentando evitar levar um tiro de bala perdida." Billy olhou para Jay. "Quando ele voltou, ele surtou. Não consegui encontrar você em lugar nenhum. Ele me deu Blue e foi procurar você."

"Fin nos trancou em um armário por duas horas", eu disse, tremendo.

"Nós?"

"Eu e Liam," eu disse distraidamente, observando enquanto Wiley puxava Jan para longe do corpo de Sylvie.

"Quem é Liam?"

Olhei para cima e ao redor, mas não vi Liam em lugar nenhum. Eu não o via desde que Jay me levou até Billy. Eu enrijei e apertei os olhos, girando em círculos. "Liam?" Eu não conseguia vê-lo em lugar nenhum.

Meu coração parou e corri de volta para onde estávamos antes, com Billy gritando atrás de mim.

"Não consigo encontrar Liam!" Liguei de volta.

"Eu a peguei," Jay gritou atrás de mim. "Low, espere!"

"Liam!"

Jay agarrou meu braço e me parou antes que eu virasse uma esquina. "Droga, Low. Você quer que ele agarre você de novo?"

"Eu não vejo Liam, Jay." Eu me afastei dele.

"Aquele garoto?"

"Sim." Pressionei a palma da mão no peito enquanto Ren se aproximava com Monty.

"Olly", Jay chamou e assobiou.

O cachorro saiu correndo de onde estava, alerta e com as orelhas para trás.

"Para onde ele iria?" Jay perguntou.

"Eu- eu não-" Parei correndo para o prédio médico.

Jay e Olly acompanharam-me e pude ouvir as botas dos outros atrás de nós. Entrei no prédio e segui pelo corredor até o quarto do doente. Nunca soubemos seu nome – ele estava doente demais para nos dizer.

Eu derrapei até parar na sala, engasgando. Minha mão cobriu minha boca e Jay me virou, me puxando para fora da sala.

Parecia um banho de sangue. Sangue e sangue coagulado pintavam a cama, as paredes e o chão do quarto. Não havia nada reconhecível no homem de quem Liam e eu gostávamos.

"Esse é o garoto?" Monty perguntou rispidamente .

Eu balancei minha cabeça.

"Sabe de algum outro lugar onde ele teria ido?"

"Só o prédio das crianças, mas foi para lá que Fin nos levou."

"Vamos olhar." Ren acenou com a cabeça para o outro prédio e corremos até lá.

Lá dentro, estava tão silencioso quanto antes. "O que aconteceu com todas as crianças?"

"Carreguei-os", disse Jay, apertando minha mão. "Eles os tiraram primeiro."

"Eles foram embora?"

"Eles são os únicos que aqueles filhos da puta estão levando com eles. Mas pelo menos eles não os deixaram para trás." Monty abriu a porta.

Liam estava agachado acima do corpo de Ivy. Ele não desviou o olhar dela quando fiquei ao lado dele. "Eles foram embora."

Ajoelhei-me ao lado dele, colocando meus braços em volta dele.

"Todos foram embora", disse ele calmamente, segurando a mão da mulher morta. Suas palavras foram sombrias e cheias de acusações. "Você também vai embora?"

"Não sem você," eu disse, puxando-o para longe dela. Ele tropeçou e colocou os braços em volta da minha cintura.

TODOS OS SOLDADOS partiram em uma hora. As tendas médicas foram invadidas – o mesmo aconteceu com a cozinha. Pegamos o que pudemos e carregamos as motos. Dahlia mancava muito, mas cavalgava com Monty.

Jay me agarrou por trás e me guiou até sua motocicleta, mas eu o impedi. "Leve Liam."

Ele fez uma careta para mim, mas eu me afastei e puxei Liam para sua moto. Liam estava em choque, e eu não confiava nele para caminhar uma longa distância sem desaparecer de mim.

"Sério?" ele perguntou enquanto eu lhe dizia para subir.

Sorri com seu entusiasmo repentino. "Sério."

Jay estava carrancudo, mas sentou-se e disse a Liam onde colocar os pés. "Dê Blue para Rayna."

Olhei por cima do ombro para Rayna, que estava andando atrás de Paulie. Gia estava ao seu lado e eles conversavam com Paulie em voz baixa. "Não sei. "

"Elas não são tão ruins, querida."

Olhei de volta para Jay.

"Você não pode carregá-lo por muito tempo. Dê-o para Rayna."

Suspirei e fui até a moto de Paulie.

"Você pode levá-lo?" — perguntei a Rayna. Gia estendeu a mão e fez cócegas no queixo de Blue. Quando olhei para ela, ela rapidamente desviou o olhar.

Rayna limpou a garganta. "Sim." Blue foi direto até ela, com um sorriso no rosto.

Eu não queria me sentir negativa por ele aceitar outras pessoas — ele havia passado por um trauma, possivelmente maior do que eu poderia imaginar se Fin estivesse dizendo a verdade — mas eu estava começando a sentir falta dele só me querendo. Eu senti como se não passasse nenhum tempo com Blue há semanas. Achei *que* já haviam se passado semanas, mas os dias simplesmente se fundiram.

Paulie olhou para mim. Seus olhos ainda estavam frios, mas algo mais também se movia ali. "Como Hull morreu?"

Eu empalideci com a pergunta contundente. Ninguém havia me perguntado antes.

"Hum." Lambi meus lábios nervosamente. "Ele me empurrou para longe de um mordedor. Ele foi mordido."

Foi preciso toda a coragem que eu tinha para não desviar o olhar dele.

"Você bateu na cabeça dele?"

Rayna cobriu a orelha de Blue e Gia fez um som de dor ao meu lado.

Tudo o que pude fazer foi acenar com a cabeça, a vergonha tomando conta de mim.

"Obrigado", disse ele, chocando-me profundamente. "Ele não gostaria de andar por aí como uma dessas coisas."

Balancei a cabeça bruscamente, tropeçando. Talvez ele não tivesse — eu com certeza não queria me tornar uma dessas coisas — mas Hull ainda estaria vivo se eu estivesse mais alerta. Se eu estivesse mais preparada.

"Gia, vá com ela", disse Paulie enquanto eu me afastava. Gia me alcançou, mas não disse nada.

"Está tudo bem se Liam for com Jay?" Eu perguntei a ela. Parte de mim não se importava. Liam era criança e Gia era mais velha que eu, mas havia algo delicado nas sobrinhas de Jay. Algo quebrável. Eu não as tinha visto fazer nada além de se esconder desde que tudo começou. Caminhar era mais perigoso.

"Sim," ela falou lentamente. "Eu não sou um monstro."

Eu me encolhi. "Eu não quis dizer isso."

Ela suspirou. "Eu sei que você não fez isso. Jay não me aceitaria em vez de você de qualquer maneira."

Eu olhei para ela pelo canto do olho.

"Não estou brava", disse ela, semicerrando os olhos para ver os pés. "Vocês são uma coisa agora. Ele contou para mim e para Rayna."

Eu não sabia o que dizer sobre isso, então não disse nada. Jay e eu podemos ser uma coisa, mas ela ainda sentia muita raiva de mim. Eu podia sentir isso flutuando nela.

Ren colocou o braço em volta do ombro dela. "Você vem conosco, Gigi?"

Ela olhou para ele. "Sim."

"Você pode conseguir fazer isso sem esses saltos agora, hein?"

Ela bateu no peito dele, fazendo uma careta para os tênis sujos. "Bunda."

Jay acenou para mim e fui até a moto enquanto ele a ligava. "Estamos andando alguns quilômetros", disse ele em voz baixa. "Seu tornozelo vai ficar bem?"

Eu o levantei e dobrei. "Está muito melhor."

Ele puxou minha camiseta na minha barriga. "Fica perto de mim."

Balancei a cabeça e ele puxou mais uma vez.

"Low?" Nina perguntou hesitante atrás de mim.

Eu girei em pé. "Ei!" Corri até ela e a abracei. Eu não a conhecia muito bem, mas trabalhávamos muito na cozinha juntas, e ela era muito legal e doce.

"Vocês se importam se eu for junto com vocês?"

Eu olhei em volta. "Onde está seu irmão?"

Ela chorou e balançou a cabeça. Eu a abracei novamente. Suas unhas cravaram-se nas minhas costas e ela deixou cair a cabeça no meu ombro. "Não sei mais para onde ir."

"Vamos." Eu a puxei para trás de mim. Jay e alguns outros estreitaram os olhos para ela, mas eu segurei sua mão na minha.

"Já tem animais de rua suficientes, garota?" Monty perguntou com um sorriso.

Dahlia beliscou seu lado e ele gritou.

Mas ninguém mais disse nada e então estávamos andando.

E andando.

E andando.

CAPÍTULO ONZE

O primeiro mordedor veio até nós por trás. Esgueirando-se pela escuridão.

Estava quieto, mas Burman percebeu. Ele acelerou e nos interrompeu, gritando por Ren. Wiley estava na moto de Hull com Jan e Marcy e olhou por cima do ombro, parando de lado enquanto Ren passava correndo por eles.

Ren tinha um machado no cinto que ele levantou antes de atacar o mordedor. Desviando para a esquerda, ele balançou e cravou a arma na cabeça do mordedor. Tive que me forçar a não desviar o olhar daquela visão horrível.

"Se há um, há mais," Rain murmurou ao meu lado. Ele havia perdido a moto com Ren nos portões, então estava andando conosco. Ele parecia mal, com os olhos pesados de tristeza.

"Avancem!" Paulie gritou.

Começamos a caminhar em um ritmo mais rápido.

"Onde estamos indo?" Perguntei a Ren enquanto ele corria de volta para nós.

Ren passou a mão pelo cabelo castanho desgrenhado. "Temos um estoque de carros não muito longe daqui."

"Como você conseguiu isso?" Billy perguntou.

"Eles não ficavam por perto para nos observar quando saíamos em nossas corridas. Estávamos antecipando algo assim. Temos uma tonelada de coisas escondidas."

"Comida?" Eu não sabia como me sentia sobre isso. Não havia o suficiente para alimentar todas as pessoas da universidade.

Ren fez uma careta. "Não muito, mas um pouco. Precisávamos estar preparados."

Desviei o olhar. Nós fizemos – esta noite provou isso.

"Armas?" Billy perguntou, girando o taco nas mãos. Eu tinha uma faca, mas era uma faca de cozinha. Precisávamos de mais armas. Alguns membros do nosso grupo procuraram pela universidade por algum rifle que os soldados mortos pudessem ter deixado cair. Mas havíamos perdido mais civis do que militares esta noite.

Aqueles que morreram haviam se transformado e suas armas já haviam desaparecido quando pensamos em procurá-los.

Quando saímos, a maior parte da universidade estava em silêncio. Algumas pessoas optaram por arriscar e ficar. Mas muitos deles partiram sozinhos assim que Fin atravessou o muro com um carro, deixando entrar uma dúzia de mordedores que ele havia atraído para lá. Ele devia estar planejando seu ataque há dias, disse Ren, mas quando o vi conversando com Liam, ele decidiu agir.

Os soldados levaram as crianças e alguns doentes e feridos. Mas a maioria das pessoas que se recuperavam nas tendas e no prédio médico eram presas fáceis. Deixados sozinhos durante o ataque, eles não duraram muito.

Paulie disse às pessoas que ficaram para trás o que ele e os outros tinham visto em suas viagens de abastecimento – que havia hordas de mordedores reunidos em todas as barricadas

nas estradas principais ao redor da universidade. Eles estavam a algumas horas de distância, mas alguns deles haviam encontrado caminhos através da floresta e dos portões, e os soldados estavam atirando neles há mais de uma semana. Mas eles continuaram vindo. Mesmo assim, as pessoas que queriam ficar decidiram que era melhor se esconderem nos prédios do que sair por conta própria.

O que eu não entendi foi que se os militares sempre souberam que a universidade não era um bom lugar para ficar, por que nos mantiveram lá? Por que não usar os ônibus para começar a transferir pessoas para outro lugar? Eles sabiam há dias.

Em vez disso, eles simplesmente nos abandonaram. Nem todos eles. Alguns deles ficaram para trás, mas a maioria deles já havia partido antes mesmo de começarmos a fazer as malas.

Pelo menos as crianças estavam seguras. Se Cam não tivesse pegado Blue e Jan naquele momento, eles já poderiam estar em um ônibus muito, muito longe de nós.

QUANTO MAIS NOS aproximávamos de onde Ren disse que eles deixaram os veículos, mais difícil era nos movermos.

Os devastados estavam *por toda parte*.

As motos aceleravam e nos circulavam enquanto tentávamos contornar a horda crescente, atirando em mordedores quando podiam. Mas eles ainda conseguiram passar. Billy balançou e eu me abaixei, chegando atrás do mordedor. Nina pegou sua faca e atacou-o pela lateral, apunhalando o mordedor na orelha. Ela engasgou quando puxou a faca. Agarrei sua cabeça, puxando-a para o outro lado, e sua faca se soltou.

"Obrigado," Billy ofegou, enxugando o suor do rosto.

Nina sorriu severamente e limpou a faca na perna da calça.

"Tenho outro!" Ren gritou.

"Deus, apenas atire," Gia murmurou enquanto mancava até ele. Billy a derrubou no chão quando o mordedor se aproximou dela.

"Isso só vai trazer mais deles." Cam sorriu e correu para o mordedor que estava atravessando as motos. A luz perversa em seus olhos quando ele bateu na cabeça dele com um taco foi mais do que um pouco perturbadora.

"Você tem que se mover mais rápido", gritou Jay. Ele colocou o pé no chão e girou a moto, dirigindo de volta para mim. "Mova sua bunda, Low."

Olhei para ele, mas comecei a correr novamente. Minhas coxas queimavam, meu tornozelo latejava, meus pés pareciam ter enfiado uma dúzia de pregos em suas solas e eu suava tanto que minhas roupas grudavam em mim.

De alguma forma, no último quilômetro, as coisas começaram a mudar. Aquela primeira mordida aterrorizou todo o grupo. Aquele que agarrou a camisa de Nina fez o mesmo. Mas quando nos unimos e começamos a atacá-los, isso se tornou uma espécie de segunda natureza. Não menos assustador, mas paramos de hesitar, paramos de procurar um dos caras para intervir. Até Gia usou seu martelo em um mordedor.

Não pensei que estivéssemos ficando com menos medo, mas talvez estivéssemos nos adaptando. O instinto de sobrevivência estava entrando em ação e assumindo o controle.

Eu teria matado por um estilingue, no entanto. Foi muito mais difícil lutar um deles quando estavam tão perto. Mas as motos já estavam barulhentas o suficiente. Se o barulho os atraísse, não poderíamos nos dar ao luxo de usar as armas.

E Paulie foi claro quando disse para economizar munição – era muito limitada. Mas quando um mordedor tropeçou na traseira do pneu de Jay e estendeu a mão, arranhando meu braço, tive que me perguntar para que o estávamos guardando. Isso não foi ruim o suficiente?

O mordedor tropeçou em meus pés e eu pulei em suas costas, apunhalando-o na nuca. A faca mal passou.

Ele se contorceu embaixo de mim enquanto eu me ajustava e enfiava minha faca em sua orelha. A orelha era mais macia – muito mais fácil de penetrar. Billy disse para mirar sob o queixo e empurrar para cima, mas eu nunca quis chegar perto o suficiente da boca de um mordedor para testá-lo.

Jay desceu da moto e me levantou. "Vai!"

Saí correndo novamente, alcançando os outros.

"Esquerda!" Paulie gritou.

Viramos como um só, por uma estrada larga no meio do que antes era uma rua movimentada. Lojas ladeavam a estrada em ambos os lados.

As luzes de freio acenderam e paramos.

Mais à frente, no caminho do farol de Paulie, pude ver uma multidão de mordedores. Engoli um pouco de ar seco e Billy agarrou meu braço.

"Certo!" Paulie rugiu. "Certo!"

Corremos para a direita, os mordedores a apenas alguns metros de nos derrubar. Devia haver mais de vinte deles.

Um labirinto de carros abandonados nos atrasou, e eu tinha certeza de que podia sentir os mordedores respirando em meu pescoço.

"Cadê?" Billy rugiu.

"Lá em cima, à esquerda!"

Corremos e corremos mais rápido, desviando dos carros e dos destroços na estrada. Corpos. O que restou deles.

Não foi tão ruim quanto a cidade. Esta cidade era muito menor e parecia que também havia sido evacuada antes que a infecção chegasse tão longe. Ainda assim, atrapalhou nossa velocidade.

Viramos à esquerda e derrapamos até parar. Outra multidão de mordedores estava correndo em nossa direção do outro lado da estrada.

"Onde eles estão?" alguém gritou. Se pudéssemos encontrar os veículos, poderíamos fugir.

"No fim da estrada!" Ren gritou.

Paulie olhou para nós por cima do ombro e praguejou. "Espalhem-se! Vamos atraí-los!"

Não pensamos nisso, apenas corremos entre os prédios, tentando fugir dos mordedores.

"Circule de volta!" Ren gritou ao longe, à minha esquerda.

Eu podia ouvir os motores das motos e o guincho dos pneus enquanto eles nos cortavam por trás, com sorte afastando os mordedores. Mas estava tão escuro agora. Sem os faróis, era difícil ver quem estava ao meu lado.

Corri, conseguindo apenas ouvir minha própria respiração. Corri entre prédios, vielas e carros. Virando uma curva fechada, parei e me virei, procurando atrás de mim.

Não havia ninguém. Não um mordedor. Não Billy. Ninguém.

Olhei para frente e depois para trás novamente. Perdi o senso de direção, mas pude ouvir as motos à minha direita.

Corri naquela direção, minha mão tremendo em torno da faca. Mãos agarraram meu braço, esmagando-o, e me viraram. Minhas costas bateram na lateral de um carro e gritei de surpresa e dor.

O mordedor me atacou, puxando-me para mais perto pelo braço. Dobrei o cotovelo e empurrei o carro, levantando o pé e plantando-o no peito do mordedor. Era uma mulher – uma mulher pesada. Minha perna gritou de dor quando ela a empurrou, atacando meu rosto. Quando ela percebeu que não conseguia me alcançar, ela puxou meu braço e tentou arrastá-lo até a boca.

Eu grunhi e me afastei, levantando minha outra mão para enfiar a faca em sua órbita ocular. Ela congelou, com a boca aberta, revelando pedaços de carne presos entre os dentes. Chutei seu peito, empurrando-a para longe, e o aperto da minha faca me arrastou com ela. Eu me afastei e houve um som horrível de sucção molhada quando ela se soltou enquanto seu peso a arrastava para baixo.

Sacudi meu braço e minha perna e corri novamente. Os motores das motos soaram bem à minha frente e alguns metros atrás. Corri entre dois prédios em algum lugar no meio, esperando que fosse onde eles tivessem deixado os veículos.

Mas quando voltei para a estrada, estava no lado errado. Lá havia uma dúzia de mordedores na minha frente, e logo atrás deles havia várias motos e vários carros, todos com os faróis acesos.

Um tiro disparou e eu me abaixei. Um mordedor na minha frente caiu no chão e então o feixe de uma lanterna pousou em mim.

"Willow!" Billy gritou. "Willow está lá atrás!"

Uma moto quebrou e desceu por outra estrada. Um mordedor tropeçou em seu companheiro caído e me viu. Ela ficou de pé e gritou noite adentro. Eu me virei e corri pelo lado oposto da estrada, para longe das motos. Mas havia mais mordedores. Correndo para a esquerda, tropecei em um meio-fio e bati com as mãos em um poste de luz, me impulsionando pela calçada.

Eu podia ouvir as motos que havia quebrado, acelerando pela estrada paralela a mim, e corri para ela. Corri o mais rápido que meus pés podiam me levar. Vários outros guinchos se juntaram ao que estava atrás de mim, e tropecei na estrada assim que os faróis brilharam em meu rosto.

A moto desviou, errando por um fio de cabelo, e girou.

Mãos agarraram as costas da minha camisa e eu me afastei, tropeçando ainda mais na estrada.

"Lá está ela!" Liam gritou. Empurrei o homem que estava me agarrando, mas ele era muito forte. Ele puxou meu ombro e braço, e deixei cair minha faca para empurrar sua mandíbula.

"Salte para trás!" Jay gritou.

Uma bala passou zunindo pelo meu rosto e outro mordedor caiu no chão aos meus pés.

Jay gritou meu nome.

Grunhi e tropecei para trás, meu calcanhar acertando o cadáver.

Houve vários outros tiros e então uma bala atravessou o mordedor. Direto através de sua têmpora. Jay agarrou minha mão e me puxou para sua moto. Eu nem tinha percebido que ele tinha saído. Ele sentou-se na frente de Liam e me puxou para seu colo para que eu ficasse de

frente para ele. Minhas pernas passaram por sua cintura e por cima das de Liam, e me agarrei aos ombros de Jay. Jay disparou a arma várias vezes e depois chutou o suporte da motocicleta, acelerando.

Meu rabo de cavalo bateu no meu rosto quando Jay virou uma esquina, acelerando. Enfiei meu rosto no ombro de Jay e segurei até pararmos.

Vários carros e dois caminhões estavam lotados de pessoas quando Ren tirou Liam da moto, arrastando-o para um carro. Paulie e vários outros membros do clube dispararam suas armas contra a multidão enquanto eu saltava, procurando por Billy nos carros.

Ele estava parado ao lado de uma caminhonete vermelha de quatro portas e me arrastou para perto. "Eu te perdi."

"Eu não conseguia ver nada," eu ofeguei.

"Eu também."

Afastei-me e olhei para dentro da caminhonete. Nina sentou-se ao lado de Rayna, que segurava Blue. Liam estava do outro lado dela. Dahlia estava na frente com Gia.

"Temos todos?" Paulie gritou por cima do tiroteio.

"Sim!" Goon gritou de volta. Lacey estava preso às costas em sua moto enquanto disparava vários tiros contra a crescente multidão de alimentadores.

"Ren conseguiu nossa merda?"

"Entendi!" Ren gritou de volta da porta de uma loja. Ele e Burman jogaram duas mochilas na traseira da caminhonete com os cachorros. Ren subiu na traseira da caminhonete e Burman correu para sua moto.

"Vamos embora!" Paulie gritou.

Billy pulou no banco do motorista da caminhonete e Jay me agarrou por trás, me arrastando de volta para sua moto.

Subi atrás dele desta vez. Jay, Paulie e Burman esperaram até o último veículo partir, disparando contra os devastados até que os seguimos.

CAPÍTULO DOZE

Dirigimos até o sol nascer e depois dirigimos mais um pouco.

Passamos por diversas barricadas abandonadas nas estradas principais, mas elas haviam sido derrubadas por alguém.

A visão deles, demolidos e sozinhos, causou um arrepio na minha espinha.

Vimos alguns mordedores passando pelas barricadas.

Mas não paramos para atirar em nenhum deles. Eles estavam espalhados o suficiente para que pudéssemos contorná-los.

Quando finalmente paramos, foi em um hotel abandonado. O sol estava alto no céu e nos castigava. Eu só queria encontrar uma cama e desmaiar. Minhas pernas doíam de tanto correr e minha bunda doía por causa da longa viagem. Meu braço tinha marcas de garras em toda parte, e eu estava com uma dor de cabeça que quase superava todas as outras dores.

Mas não podíamos simplesmente entrar e deitar. Quase não havia carros parados nas estradas ou no estacionamento, mas podíamos ver alguns mordedores ao longe, tropeçando pelas ruas.

Burman entrou no hotel com os cachorros, Paulie, Rain, Ren e Cam, enquanto o resto de nós esperava do lado de fora pela liberação de tudo. O hotel não era tão grande – talvez três andares – mas devia ter uns cem quartos.

Desci da moto, gemendo, e Jay riu. Ele me girou e agarrou meus quadris, me apoiando. Suas mãos se moveram para a parte inferior das minhas costas e ele pressionou os polegares, cavando o músculo ali.

Deixei cair a cabeça para trás e gemi novamente.

"Você vai se acostumar com isso," ele murmurou atrás de mim, suas mãos descendo para minha bunda, me massageando ali. Eu nem me importei que ele estivesse tocando minha bunda na frente de todos – era bom demais.

"Sem chance. Não estou mais montando nessa coisa."

Ele se levantou, balançando a perna e seus braços envolveram meu peito. Seus lábios fizeram cócegas em minha orelha. "Você vai comigo."

"Eu não consigo mais sentir minha bunda," eu choraminguei.

Ele bateu com força e eu pulei. "Vá embora."

Fiz uma careta para ele, mas fui até a caminhonete de Billy. Billy estava com os olhos fechados e a cabeça apoiada no assento. Espiei lá dentro e vi todo mundo dormindo. Blue estava com a cabeça no pescoço de Rayna e os braços dela estavam apertados em volta do corpo dele, embora ela estivesse babando no ombro de Liam.

Bati de leve na janela de Billy e ele a abaixou.

"Você está bem?"

Ele esfregou o rosto, piscando bem os olhos. "Sim, apenas cansado."

Ele sorriu para mim e puxou uma mecha solta do meu cabelo. Apertei seu nariz. Ele grunhiu e fechou a janela, jogando a cabeça para trás e fechando os olhos novamente.

Jay me puxou até o meio-fio e sentou-se, puxando-me para seu colo. Deixei cair minha cabeça em seu ombro.

Não me lembrava de ter fechado os olhos, mas Jay me sacudiu para me acordar e vi todo mundo fora dos veículos e aglomerando-se na entrada principal do hotel.

Paulie ficou lá com os cachorros e Ren.

"O primeiro andar está fora dos limites", ele começou. "Quero todos no segundo. Há quartos suficientes para todos, mas não quero ninguém sozinho. Combine com o máximo que puder. As portas estão trancadas, então tivemos que arrombá-las. Quando você se acomodar, dê seu número para Ren, e ele marcará você. Quero algum tipo de marcação na sua porta para sabermos que você está lá. Paulie olhou por cima do ombro. "Temos mordedores na área." Um grito alto a algumas ruas de distância interrompeu suas palavras e a tensão percorreu a multidão. "As saídas são sólidas e nós as trancamos bem. Passamos pelos quartos, mas você precisa estar alerta caso tenhamos perdido alguma coisa." Ele olhou para suas botas. "Não há corpos." Um suspiro de alívio percorreu a multidão. "Parece que toda esta área foi limpa antes de atingir." Paulie acenou com a cabeça para Ren. "Ren e três outros farão a primeira vigília. Se você acha que está acordado o suficiente para lidar com isso, diga a ele."

Ren deu um passo à frente. "Os cães podem sentir essas coisas muito rapidamente. Eles estarão de guarda. Você os ouve fazendo barulho, você tranca a porta até gritarmos por você. O relógio estará em rotação. Precisaremos de todos que acham que podem lidar com isso para manter este lugar coberto."

"Tem comida", interrompeu Paulie. "Parece que eles deixaram tudo para trás. Se o resto da área for igual, poderemos conseguir algumas armas e suprimentos decentes. Aproveite o dia para descansar. Amanhã começaremos a procurar."

Entramos no hotel e Ren e Paulie trancaram as duas portas de correr. Ren e Cam pararam ali e largaram as armas no balcão de check-in, recarregando-as.

Jay segurou minha mão quando parou ao lado deles. "Você precisa de mim?"

"Eu tenho o pai de Cam e Jan até agora. Paulie não está dormindo, e Burman também não."

Olhei por cima do ombro enquanto todos entravam na área de alimentação do saguão. Meu estômago roncou e Jay olhou para mim. "Vá ver se você consegue encontrar algo para comermos."

Eu balancei a cabeça e saí. Várias pessoas já estavam lá. Goon bateu com o cotovelo na máquina de venda automática e Lacey riu ao seu lado. Ela se abaixou e pegou sacos de batatas fritas e barras de chocolate e correu para uma das mesas.

"Como ela ainda está acordada?" Eu perguntei, me curvando para pegar algumas coisas.

Goon riu. "Ela cavalga comigo desde que nasceu. Ela está acostumada a passeios longos.

"Sim, mas é tarde – ou cedo. Ela não dormiu nada.

Goon olhou por cima do ombro para ela enquanto ela comia uma barra de chocolate. "Ela sairá assim que vir uma cama."

"Tenho coisas melhores do que isso, Will", Billy gritou. Ele veio da cozinha e deixou cair dois potes de comida nas mesas. Todos se aglomeraram ao seu redor enquanto ele tirava as coisas fora das caixas.

Peguei algumas latas de frutas e uma lata de sopa e me afastei para que todos pudessem chegar à mesa.

Rayna veio até mim com Blue e entregou-lhe um pedaço de pão. "Ele dormiu a noite toda. Ele está bem acordado."

Blue sorriu ao redor do pão e agarrou minha camisa.

"Eu também dormi", disse ela, sorrindo para ele. "Posso cuidar dele para você, se quiser."

"Tem certeza?"

"Sim, Gia e eu vamos sair com Jan enquanto Wiley dorme."

Procurei Jan. Ela não estava andando com Wiley depois que pegamos os carros.

"Você quer brincar com Marcy?" Perguntei a Blue.

Ele sorriu e mordeu outro pedaço de pão.

"Ele não fala," Rayna murmurou.

Eu balancei a cabeça. "Ainda não."

"É de desenvolvimento?"

Eu balancei minha cabeça. "Eu não acho. Pode ser o que aconteceu com ele antes."

Ela suspirou tristemente. "Eu estava cursando psicologia na escola, mas era chato."

Eu sufoquei uma risada.

Ela sorriu, corando. "Papai disse que você é um artista."

Olhei para baixo para esconder meu choque. Eu não conseguia acreditar que ela estava falando comigo, muito menos sobre o pai dela.

Eu balancei a cabeça. "Eu fui para a escola de contabilidade, no entanto."

"Por que?" Ela balançou a cabeça. "Isso parece ainda mais chato."

Eu olhei para ela, estremecendo. "Sou boa com números. Mamãe achou que era mais prático."

Suas bochechas ficaram rosadas e ela olhou para Blue. "Isso é uma merda."

"Você o pegou, Ray?" Jay perguntou, seus braços me envolvendo por trás.

"Sim." Ela saltou um pouco na ponta dos pés. "Esse carinho é incrível. Vamos brincar com Marcy."

Ele se inclinou em volta de mim e beijou sua bochecha.

"Você pode-" Mordi o lábio enquanto ela olhava para mim com expectativa. "Você pode manter de olho em Liam também?" Foi muito estranho pedir algo a ela. Rayna sempre foi a mais quieta das duas irmãs, mas eu a sentia mais magoada perto de Rick. Ela queria tanto a atenção dele, mas seguiu o exemplo de Gia e o esnobou quando ele apareceu. Isso as fazia parecer maliciosas e mimadas, mas eu estava começando a perceber que nunca prestava atenção suficiente – estava muito envolvida em meus próprios problemas para notar os dos outros. Ela e Gia podiam ser mimadas, mas não eram tão terríveis quanto eu pensava inicialmente.

"C-claro." Ela olhou em volta e eu apontei para Liam em uma mesa, despejando dois sacos de batatas fritas em sua boca. Ela riu e caminhou até ele. Ela disse algo para ele, e Liam pulou, jogando batatas fritas no colo dele. Ela riu de novo e ele corou, limpando as lascas da camisa.

"Vamos," Jay murmurou em meu ouvido. Ele me puxou para perto de Dahlia e Billy enquanto eles discutiam em outra mesa.

"Se você está com fome, coma", Billy murmurou perto de um sanduíche de manteiga de amendoim.

“Você sabe o quão terrível essa porcaria processada é para você?” Ela sacudiu o pote de manteiga de amendoim com raiva.

Billy revirou os olhos e deu uma mordida dramática em seu sanduíche, gemendo obscenamente.

Ela bufou. “Você não é meu neto. Você é um alienígena.”

“Vou levar Willow para lá”, disse Jay, apesar das brigas.

Billy olhou e deu outra mordida, balançando a cabeça. Dahlia apenas sorriu para mim, piscando, enquanto Jay me puxava para as escadas.

Subimos e Jay desceu até o final do corredor. Ele parou em uma sala e abriu a porta quebrada. Parecia que Paulie e os outros tinham chutado. Ele tirou o colete do clube e pendurou-o na maçaneta antes de me puxar para dentro e fechar a porta.

Jay soltou minha mão e vasculhou a sala com cuidado. Quando se convenceu de que o quarto era seguro, caminhou até a longa cômoda, deixando cair as chaves e a arma ali. Tive que fazer xixi como um cavalo de corrida, então fui ao banheiro. Depois que terminei, abri a torneira da pia e me encolhi com a água fria correndo por meus dedos. Olhei no espelho e estremeci novamente. Eu estava coberto de sangue seco e sujeira.

Minha camisa tinha tanta poeira e sangue que eu imediatamente peguei minha mochila e a abri. Tirei roupas limpas e os frasquinhos de sabonete e pasta de dente que havia embalado. Então liguei o chuveiro, tirei a roupa e entrei.

Tremendo, encolhi-me sob a água fria e observei a água ficar marrom e lamacenta aos meus pés. Mãos quentes me envolveram e eu me encolhi novamente em Jay.

Nossos dentes batiam enquanto lavávamos nossos corpos. Embora suas mãos permanecessem em mim e eu pudesse sentir seus olhos beijando cada centímetro da minha pele exposta – estava frio demais para sentir algo mais do que um formigamento de excitação. Eu estava ciente dele, mas com muito frio e cansaço para fazer qualquer coisa além de me lavar.

Quando estávamos limpos, ele me envolveu em uma toalha e nós dois nos vestimos. Jay arrastou o suporte da televisão até a porta, bloqueando-a, e colocou a arma na mesa de cabeceira.

Só quando estávamos sentados na cama tomando uma sopa fria é que ele me perguntou sobre Fin.

Eu contei a ele cada segundo disso.

Eu ainda estava falando enquanto meus olhos se fechavam.

CAPÍTULO TREZE

Acordei ofegante, uma faísca de excitação aguda me tirando do sono.

O lençol foi puxado do meu corpo, expondo-me ao ar frio. Meus mamilos eram picos duros, apontando para o teto, e minha cabeça estava jogada para trás no travesseiro fofo embaixo de mim.

As mãos estavam na parte interna das minhas coxas, empurrando-as para cima e para longe, e algo molhado e quente arrastou-se entre as minhas pernas.

Um som de surpresa subiu pelo fundo da minha garganta e olhei para baixo. Jay estava deitado entre minhas pernas, suas grandes mãos cavando em minhas coxas. Ele olhou para cima e sorriu para mim, arrastando a ponta da língua para baixo.

Meus dedos dos pés se curvaram no ar e minhas mãos caíram para embalar sua cabeça barbuda.

“Estou com fome, Low.”

Um arrepio por todo o corpo subiu dos dedos dos pés até a ponta das orelhas.

Seus olhos escureceram e sua boca caiu novamente, sua língua achatando, arrastando-se através de mim novamente.

Suas palmas achataram minhas coxas na cama e ele cantarolou, me engolindo em sua boca. Suas mãos deslizaram para cima, seus braços mantendo minhas pernas abaixadas, e ele as alisou sobre minha barriga. Suas mãos agarraram meus seios, apertando-os, enquanto ele me chupava em sua boca.

Eu choraminguei e me enrolei, minhas mãos agarrando suas orelhas. Ele riu novamente, o som vibrando através de mim, e eu gemi. Eu assisti, com as pálpebras pesadas, enquanto seu traseiro ridiculamente tenso e nu se apertava. Ele pressionou os quadris no colchão, movendo-se para cima e para baixo, e eu choraminguei, puxando sua cabeça para mais perto. Sua língua penetrou dentro de mim e seu nariz tocou minha protuberância. Minhas coxas começaram a ter espasmos.

“Jay”, eu gemi.

Ele rosnou e voltou a sugar aquela bola apertada de nervos, e eu fechei minha boca em torno do grito que estava tentando sair. Seus dedos torceram e beliscaram meus mamilos no ritmo de suas chupadas, e *foi demais*.

Minhas costas se curvaram, apontando meus seios de volta para o teto, e eu afastei suas mãos. Ele enroscou seus dedos nos meus e usou seu aperto para me puxar mais fundo em sua boca. Meus dedos dos pés se curvaram novamente, prendendo a pele ao seu lado, e ele liberou a forte sucção entre minhas pernas, arrastando os dentes sobre mim.

Eu gritei enquanto meu corpo tremia, se debatendo, explodindo. A luz branca explodiu atrás dos meus olhos fechados.

Jay balançou em cima de mim, empurrando uma das minhas coxas para cima e para longe. Meu outro calcanhar cravou em suas costas enquanto ele enfiava dois dedos dentro de mim. Sua

boca caiu sobre a minha enquanto ele curvava os dedos. "Tive que pedir essa camisinha ao Ren, querida."

"O que?" Eu ofeguei em sua boca. Ele chupou meu lábio inferior, arrastando os dentes sobre ele.

"Você vai me fazer explodir se continuar fazendo esses barulhinhos, mas eu só tenho uma camisinha."

Olhei para baixo entre nós. Ele estava com camisinha e a outra mão estava enrolada na base, apertando. Seu corpo estava tenso, as veias de seus braços saltando.

"Eu quero você dentro de mim," eu respirei, olhando para ele com admiração. Eu não o tinha visto sob a luz, mas ele era grosso e ligeiramente curvado – e lindo.

Ele soltou uma risada: "Você não está facilitando isso para mim, Low." Ele enfiou a língua na minha boca. "Pare de me olhar desse jeito. Você está fodendo linda, ofegante e olhando para mim com aqueles olhos grandes, e vou explodir antes de entrar em você."

Cravei meu calcanhar com mais força em suas costas, puxando-o para mais perto. Seus dedos se curvaram dentro de mim novamente enquanto ele rosnava.

"*Eu quero você dentro de mim.*" Por que ele estava esperando?

"Eu quero te foder, Low. Quero te foder por um bom tempo. Mas você me acordou, choramingando no meu ouvido, chamando meu nome, e agora preciso fazer você gozar um pouco até eu me acalmar. Então você tem que calar essa boca enquanto eu faço isso."

Balancei a cabeça obedientemente enquanto ele puxava os dedos, arrastando-os pela umidade e sacudindo meu clitóris em círculos apertados.

"Porra, olhe para você," ele sussurrou, observando minha boca, meus seios, meus quadris enquanto eles se moviam inquietos.

Ele se inclinou e engoliu meu mamilo em sua boca, e eu mordi meu lábio inferior, meu peito arfando.

Seus dedos se lançaram de volta para dentro e seu polegar assumiu o controle do meu clitóris. "Você gosta disso, querida?"

Balancei a cabeça rapidamente. "Uh, hein."

"Você vai de novo?"

Balancei a cabeça rapidamente e ele empurrou um terceiro dedo dentro de mim. Gritei em seu ombro, cravando minhas unhas e calcanhares em suas costas.

Ele praguejou e sentou-se, puxando os dedos para fora. Então ele agarrou minha cintura e me puxou para sentar em suas coxas. Ele me levantou debaixo da minha bunda com um braço e agarrou seu pau com o outro, descansando a cabeça na minha abertura.

Passei meus braços em volta de sua cabeça baixa e ele me puxou para cima dele, minha boca se abrindo em um gemido alto. Estremeci quando ele estava completamente dentro de mim, e Jay me deixou cair de volta na cama, sentando-se e agarrando-me pelos quadris.

Ele empurrou de volta para dentro de mim, lentamente ganhando velocidade enquanto sua mão se espalhava sobre minha barriga e seios, deslizando-os rudemente por toda a minha pele.

Ele observou meu corpo se contorcer abaixo dele, seus olhos queimando cada centímetro de mim. Descendo, ele pressionou o punho na cama perto da minha cabeça, e sua outra mão se moveu entre meus seios até meu pescoço, circulando-o suavemente.

Assim, ele observou meu rosto enquanto apertava seus quadris nos meus. A boca dele lambeu a minha enquanto eu explodia ao redor dele. Três estocadas depois, e ele estremeceu, gemendo em minha boca.

Jay rolou e me puxou para cima dele, seus dedos vagando pela pele das minhas costas.

"Vamos correr em algumas horas", ele finalmente disse enquanto nossas respirações se estabilizavam. "Os preservativos são o número um."

Soltei uma risada em seu ombro e ele sorriu na minha bochecha.

Suas mãos desceram para minha bunda e ele apertou minhas bochechas com as palmas das mãos. "Você quer Blue conosco?"

Olhei para cima, apoiando o queixo na mão. "Eu quero ir ver como ele está."

"Quero dizer, aqui, conosco."

Eu balancei a cabeça.

Jay olhou em volta. "Eles têm quartos aqui – suítes com mais de um quarto. Vou ver se consigo encontrar um para nós."

"Tudo bem. Tenho certeza de que eles têm berços aqui." Todos os hotéis fazem isso.

"Não vou poder te foder com um bebê no quarto, Low."

Eu corei. "Oh."

"Sim. Oh." Ele bateu na minha bunda, imediatamente alisando a dor.

Ele gemeu e nos sentou, me levando para o banheiro.

"Tenho que falar com Paulie", ele murmurou enquanto ligava a pia.

Olhei para baixo e cruzei os braços sobre o peito nu. "Ele perguntou sobre Hull."

Jay enrijeceu.

"Ele me agradeceu, Jay, pelo que fiz a Hull." Eu balancei minha cabeça. "Por matá-lo."

Jay se virou e segurou minhas bochechas. "Você não o matou, Low. Ele salvou você. Mas ele não gostaria de se tornar um deles. Nenhum de nós sabe. Você fez bem, querida. Pare de se culpar por se proteger dele." Ele se agachou na minha frente e me puxou para mais perto pelos quadris. "Não era ele, princesa. Essas coisas lá fora? Eles não são mais quem costumavam ser. Eles são outra coisa. Não se sinta culpada por derrubá-los. É uma misericórdia."

Eu balancei a cabeça, enxugando as lágrimas dos meus olhos.

"Você está comigo de agora em diante, Low," ele disse enquanto nos vestimos. "Você se mete em muitos problemas sozinha."

Eu não pude dizer nada. O problema parecia me encontrar toda vez que ele saía do meu lado. "Eu vou com você hoje?"

Jay assentiu. "Blue pode ficar com Rayna e Gia. Wiley e Burman ficarão para trás com dois dos cachorros."

"Não sei." Eu queria ir com Jay, mas não parecia certo deixar Blue para trás. Eu queria os dois comigo.

"A maioria das armas fica com eles. A caminhonete tem combustível. Nada vai acontecer com eles sem que os cães saibam."

Suspirei e olhei para minha camiseta furada. Precisávamos de coisas – muitas coisas. Coisas que Jay e os caras não chamariam exatamente de prioridade. Embora os preservativos também não fossem exatamente uma prioridade, eu duvidava que Jay visse dessa forma. Eu não consegui evitar que o pequeno sorriso levantasse meus lábios.

"Para que serve esse sorriso?" ele perguntou, mexendo no canto da minha boca.

Eu balancei minha cabeça, minhas bochechas em chamuscas. Jay beijou um e depois o outro. "Você vai falar comigo se estiver se sentindo estranho com isso?"

Eu balancei a cabeça, minhas sobrancelhas franzidas.

"Esta manhã?" Ele se inclinou para me olhar nos olhos. "Tudo bem? Eu te acordar assim?"

Pequenas asas vibraram sob minha pele e eu respirei fundo, forçando meus olhos a olharem para ele. Eu já fiz sexo antes. Eu não era virgem, mas não estava acostumada com a maneira como Jay falava tão abertamente sobre isso. Eu não estava acostumada com o carinho aberto ou a possessividade que ele me demonstrava. Eu não estava acostumada com a intensidade dele na cama e fora dela. Isso me deixou nervosa.

Mas, ao mesmo tempo, eu sabia onde ele estava comigo agora. Ele havia dito isso – repetidamente. Mas eu também sentia isso toda vez que ele olhava para mim. Cada vez que ele me tocava.

"E-eu não sou bom em mostrar como me sinto," gaguejei.

"Você pode me dizer, Low." Ele recuou um passo e eu lamentei a proximidade. "É rápido e sou intenso, mas só com você. Você me diz para recuar e eu o farei. Não vou tocar em você a menos que você me peça."

"Não." Agarrei sua mão, puxando-o de volta para mim. "Não é isso que estou dizendo. Quer dizer, não quero que você se pergunte se está tudo bem. Eu enrolei meus dedos dos pés nervosamente e se inclinou para beijá-lo suavemente. "Eu gosto cada vez que você me toca."

Jay passou os dedos pelo meu cabelo na parte de trás da minha cabeça e me puxou para um beijo mais profundo. "Eu peguei você, querida. Mas se você achar que é demais, é só me dizer, certo?"

Balancei a cabeça e abri a boca, convidando sua língua para dentro. Ele gemeu em minha boca e colocou a mão na minha bunda, agarrando-me entre minhas bochechas.

"Preservativos", ele murmurou e se afastou.

CAPÍTULO QUATORZE

Eu estava de volta na moto de Jay, mudando de posição no assento tanto por causa da dor da viagem de ontem quanto pela atividade matinal desta manhã.

Aparentemente, eu dormi por mais de dezoito horas. Jay já estava acordado e de guarda quando voltou para a cama. Então ele voltou a dormir e eu o acordei com meus *barulhos*.

Agora eram cerca de nove da manhã e eu tinha acabado de sair de Blue com Rayna, Gia, Jan e Dahlia. Elas estavam jogando cartas no quarto de Dahlia e Billy quando os encontrei.

Pedi desculpas profusamente por dormir por tanto tempo, mas Rayna me dispensou, dizendo como foi bom abraçar Blue na noite passada.

Blue gritou quando me viu e se levantou, correndo e tropeçando em minha direção. Ele queria caminhar, e isso me emocionou, então os sapatos para ele e para Marcy estavam agora na minha longa lista de suprimentos. Eu tinha outra lista no bolso, só de Dahlia, mas a maioria dos itens eram pedidos ridículos, como perfume, hidratante facial, alguns romances, spray de cabelo, *preservativos - esses são para você, Willoweed* - e um monte de outras coisas ridículas. Não que o controle da natalidade fosse ridículo. Certamente estava na mente de Jay. Eu pegaria alguns livros para ela, se pudesse, porque ela estava presa na cama até se curar, mas todo o resto ficava no fundo das minhas prioridades. Jay teria simplesmente jogado no lixo se ele tivesse visto. E não apenas porque ele *não* precisava que uma mulher de oitenta anos lhe dissesse que precisava de preservativos, mas porque tínhamos que ter cuidado, e procurar coisas de que não precisávamos poderia nos matar.

Fiz questão de perguntar a Rayna, Gia e Jan qualquer coisa que eles quisessem acrescentar. Eu poderia estar me sentindo culpada por dormir por tanto tempo e sair imediatamente assim que acordei. Suas adições foram muito menos ridículas que as de Dahlia. Produtos de higiene feminina. Roupa íntima fresca. Escovas de dente. Coisas que eu já tinha planejado pegar.

Billy estava indeciso sobre vir comigo, não querendo deixar sua avó. Mas Jay disse a Billy que ninguém me manteria mais seguro do que ele, e eles poderiam usar a ajuda do hotel.

Então agora estávamos dirigindo pela cidade abandonada. Paulie, Cam e Monty cavalgaram ao nosso lado, enquanto Ren dirigia a outro caminhonete que estavam com Olly, Bozo – um membro quieto e estóico do clube e o pai de Jan, Martin. Algumas outras pessoas queriam vir conosco, mas Paulie disse que precisávamos ser pequenos.

Nós nos movemos lentamente, evitando os poucos mordedores à espreita. A cidade parecia quase completamente intocada pelos devastados. Foi estranho não ver sangue e sangue coagulado nas calçadas e estradas. Também não havia nenhum na universidade, mas sempre ouvíamos tiros durante o dia. Sabíamos que eles estavam do lado de fora da parede frágil.

Paramos em frente a um shopping. Havia uma farmácia, uma loja de roupas, uma pequena mercearia, uma loja de eletrônicos de segunda mão e dois pequenos restaurantes de comida para viagem. Era altamente improvável que encontrássemos armas aqui, mas na mesma rua havia uma loja ao ar livre.

"Por que não fomos lá primeiro?" Perguntei a Jay em seu ouvido enquanto ele largava o suporte.

Jay olhou para onde eu estava apontando.

"Se alguém ainda estivesse aqui, estaria lá. Não cometeremos o mesmo erro duas vezes. Iremos até lá a pé, indo pelos fundos."

Balancei a cabeça e desci da moto. Isso fazia muito mais sentido do que simplesmente sair na frente, como havíamos feito na Pensilvânia. É verdade que era uma loja de departamentos, mas aqui a loja de atividades ao ar livre era enorme e sem dúvida o único lugar que alguém cobiçaria.

Ren suspirou ao sair da caminhonete. "Você vê?"

Jay riu, olhando pelas ruas com a mão na arma. "Eu vi."

"Mais tarde," Paulie rosnou. "Entrem."

"Ela era linda. Apenas sentado ao sol, esperando por mim."

Lancei um olhar engraçado para Ren e Jay torceu meu nariz. "Ele está falando sobre aquela loja de motos personalizadas pela qual passamos."

Balancei a cabeça, olhando para Ren enquanto ele olhava por cima do ombro. A maior parte do clube era obcecada por suas motocicletas, mas Ren levou sua obsessão a um nível totalmente novo. Desde que o conheço, ele andava no calor, na chuva, na neve e nas tempestades. Nada o tirou da motocicleta. O apocalipse zumbi parecia fazer o impossível: tirá-lo da moto. Deve ter matado ele não voltar ao ponto de verificação da zona segura para fazer isso, mas aquele portão foi abandonado apenas dois dias depois de nossa chegada. Sem dúvida, uma horda de zumbis estava atacando-o como um aríete – a menos que já tivessem conseguido passar.

Fui instruída a ficar atrás de Jay enquanto eles revistavam a loja. As janelas estavam abertas, brilhando com luz solar suficiente para que pudéssemos ver quase diretamente através do supermercado.

As prateleiras estavam totalmente abastecidas. Não havia uma única coisa no chão. Foi estranho. Mesmo que as pessoas daqui tivessem sido evacuadas, você pensaria que pelo menos esta loja teria sido invadida em pânico.

A menos que os militares tivessem passado e ninguém ousasse arrombar a porta. Mesmo assim, foi estranho que parecesse que fomos os primeiros a tropeçar nisso. Eu queria me sentir grata – até mesmo com sorte – mas isso me deu um mau pressentimento.

Quando os cachorros se acomodaram no chão, lambendo as patas, comecei a relaxar. Eles sabiam se alguém estivesse aqui. Olly sabia.

Jay e os outros ainda revistaram cada centímetro antes de pegarmos sacolas de compras reutilizáveis e começarmos a enchê-las.

Os alimentos enlatados e secos foram os primeiros. Tiramos tudo o que podíamos das prateleiras antes de passarmos para os alimentos mais junkies. Quando nos aproximamos da seção de congelados, começamos a sentir o cheiro de toda a comida estragada lá dentro. Mas o produto foi o pior. O mofo estava crescendo no apodrecimento frutas e legumes, e água viscosa pingava das máquinas de refrigeração.

Jay me puxou para o corredor de higiene e eu peguei todos os remédios vendidos sem receita que pude embalar enquanto ele se afastava.

Eu o observei com o canto do olho enquanto ele pegava várias caixas de preservativos, sorrindo para mim mesmo. Ele me pegou olhando e piscou, mostrando-me deliberadamente o frasco de lubrificante que pegou da prateleira. “Eles vendem essas coisas aqui?”

“Eles vendem todo tipo de coisa, querida.”

Mas foi na loja ao lado que ele me deixou ofegante.

Jay mexeu em uma caixa, estreitando os olhos brilhantes para mim. Meu rosto incendiou quando li o rótulo. Foi uma bala vibratória. Deus, isso era uma *farmácia*.

Jay riu maliciosamente e jogou-o em sua bolsa.

Encontramos antibióticos, analgésicos e kits de primeiros socorros, mas também lanternas, baterias, velas e isqueiros – junto com uma tonelada de outras coisas incrivelmente úteis. Começamos a encher sacolas e mochilas para colocá-las na caminhonete.

Até consegui pegar algumas coisas da lista de Dahlia. Eles estavam ali mesmo, e podíamos reservar um pouco de espaço em uma das dezenas de sacolas que empilhamos na carroceria da caminhonete. Se isso a deixasse feliz, ela poderia ser mais administrável.

Paulie ficou mais impaciente na loja de roupas. Passei a maior parte do tempo na seção de bebês, pegando tantas coisas quanto pude pensar antes de passar para as roupas para o resto de nós. Eu estava quase sozinha para esse empreendimento. Nenhum dos caras parecia particularmente preocupado com roupas além de Martin. Nós nos separamos, ele ficou com o masculino e eu com o feminino.

Peguei o máximo que pude – todos os tamanhos diferentes. Mas Ren me atrasou na seção de calçados. Eles ocupavam muito espaço e ele disse que poderíamos fazer outra viagem quando descobríssemos o que todos precisavam. Ainda peguei os sapatos infantis e um monte de meias, e depois fomos para a loja de eletrônicos.

Precisávamos de coisas movidas a energia solar, mas não encontramos nada além de mais algumas lanternas.

Dirigimos pela estrada e estacionamos as motos e a caminhonete atrás de uma loja de jogos e depois caminhamos até a loja de atividades ao ar livre.

Tanner e Reed, dois outros membros do clube, aceleraram suas motos enquanto passavam em frente à loja de artigos para atividades ao ar livre. Eu não tive muita interação com nenhum deles. Reed tinha sua mãe idosa com quem estava sempre. Ela teve crises de demência e não podia ficar sozinha por muito tempo. Dahlia a evitou como se fosse contagioso. E Tanner era casado. Sua esposa, Krissy, era muito tímida. Ela trabalhava comigo na cozinha da universidade, mas nunca conversávamos uma com a outra. Eu não sabia o que ela pensava de mim, mas ela parecia o tipo de pessoa que poderia precisar de um pouco de estímulo para falar. Tanner era um homem quieto - apenas sussurrando para sua linda e pequena esposa.

Não conhecer as pessoas com quem estávamos nunca me incomodou antes. Mas ultimamente tenho tentado prestar mais atenção. Não parecia mais certo continuar tão reservada. Essas pessoas foram uma grande parte da vida de Jay. Se eu quisesse fazer parte disso, por quanto tempo durasse, precisava começar a conhecê-los. Estávamos sobrevivendo juntos, morando juntos.

Havia outro membro do clube conosco com quem eu nunca havia falado. Seu nome era Syd, e ele era muito parecido com Cam – selvagem e imprudente. Ele gritou enquanto acelerava até Tanner e Reed, fazendo um círculo ao redor deles.

Eles estiveram esperando por nós a manhã toda em algum lugar próximo. O plano era que eles distraíssem qualquer um que pudesse estar na loja enquanto passávamos silenciosamente pelos fundos. Se houvesse alguém lá dentro, Jay e os outros apontariam as armas para eles antes que pudessem fazer qualquer coisa para nos machucar.

Enquanto Syd fazia um show na frente, Jay me puxou para trás. Mantivemo-nos perto das paredes enquanto nos aproximávamos das portas de carregamento. As portas do compartimento estavam abaixadas e fariam muito barulho se tentássemos abri-las. Em vez disso, Ren desceu até a porta de aço ao lado das portas do compartimento e começou a arrombar a fechadura.

Jay e os outros estavam alertas e atentos a qualquer sinal de movimento enquanto Ren abria a porta.

Mas não houve nenhum. Entramos na loja sem fazer barulho.

Monty mandou os cachorros na frente – esta loja era muito mais escura que as outras. Esperamos, a tensão intensa saindo dos rapazes, mas depois de alguns minutos, os cachorros voltaram, sem emitir um único som.

Paulie e Jay trocaram um olhar que me deixou com arrepios de nervosismo na espinha. Ficamos em silêncio enquanto atravessávamos a loja.

Este lugar era igual aos outros, pois tudo estava arrumado e limpo. Mas logo percebemos como era muito, muito diferente quando chegamos ao fundo da loja.

As armas estavam quase limpas.

Ainda havia mais do que suficiente para o nosso grupo, mas foi notavelmente escolhido. Estranhamente, só esta parte da loja estava bagunçada. Caixas de balas vazias espalhavam-se pelo chão e as embalagens haviam sido descartadas no balcão.

Paulie observou os cantos escuros da loja enquanto Ren, Rain e Monty colocavam as armas restantes em mochilas. Todas couberam em apenas duas sacolas – esperávamos conseguir mais. Jay me puxou para um pequeno corredor e me entregou um estilingue novo, muito mais sofisticado do que eu estava acostumada.

Era muito mais legal do que meu elástico feito à mão da minha infância. Peguei mais alguns – decidindo que Liam poderia aprender a usá-los – quando os arcos chamaram minha atenção.

Passei as mãos pela besta e pensei em Dahlia e em suas aulas de arco e flecha. Ela estava tão, tão certa. Mas este foi muito melhor do que sua versão em bastão.

"Você sabe como usar isso?" Jay retumbou em meu ouvido.

"Não," eu respirei maravilhada. "Mas eu quero aprender."

Jay soltou uma risada surpresa. Ele puxou-o para baixo e colocou-o em uma sacola com alguns feixes de flechas. Então ele agarrou meus quadris por trás, seus dedos mergulhando nos bolsos da frente. "Você passa os dedos em mim assim, e pensarei em mostrar a você."

Mordi o lábio e sorri por cima do ombro para ele. Jay puxou meus quadris de volta para ele, pressionando sua dureza em meu traseiro, e eu estremeci.

Ren gemeu atrás de nós e Jay deixou cair a cabeça no meu ombro.

"Aqui não, crianças", ele riu, dando um tapinha nas costas de Jay. "Guarde para mais tarde. Você vai falar muito alto quando começar."

Corei intensamente e fiquei boquiaberta para ele.

"Acho que eles tremaram todo o chão esta manhã," Monty resmungou enquanto jogava uma sacola por cima do ombro.

"Cale a boca", Jay rosnou sombriamente .

Ren balançou a cabeça. "Está me deixando duro e não tenho ninguém para cuidar disso."

Jay estava ao meu redor e empurrou Ren em um piscar de olhos.

Ren riu e o empurrou de volta. "Não fique confuso, irmão. Você tinha que saber que estávamos todos ouvindo os gemidos dela."

Rain tossiu e passou por nós, evitando meus olhos.

"Sim, e como você acha que vou mantê-la gemendo se ela acha que vocês, filhos da puta, estão ouvindo?" Jay rosnou.

"Meninos", Paulie rosnou. "Pare com isso. Ren, mantenha sua maldita boca fechada. Jay, ou foda sua mulher em outro lugar ou fale baixo. Preciso do meu maldito sono de beleza."

"Oh meu Deus," eu murmurei e fiquei de pé. Ren riu novamente quando Jay o empurrou.

Jay apontou para ele. "Você vai se arrepender disso."

Ren apenas balançou a cabeça, sorrindo ao passar por mim. Jay levantou minha cabeça e provocou sua língua em minha boca. "Esqueça-os, querida."

Eu apenas olhei para ele, meu rosto vulcânico.

"Vou descobrir alguma coisa," ele murmurou, me puxando para trás dele.

CAPÍTULO QUINZE

Fiquei esperando o outro sapato cair enquanto carregávamos as malas de volta para a caminhonete. Mas não só ninguém começou a atirar em nós, como nem um único mordedor chegou perto. Nós os vimos à distância – até os ouvimos. Mas ninguém parecia nos encontrar.

Fizemos toda a corrida sem nenhuma complicação. Foi *estranho*.

Eu sabia que os caras sentiam o mesmo porque eles pareciam ficar cada vez mais nervosos.

Estávamos quase de volta ao hotel quando uma luz ao longe chamou minha atenção. Foi um breve clarão, um lampejo e então desapareceu.

Quase contei a Jay, mas não tinha certeza do que tinha visto. Poderia ter sido vidro ou algo assim. Um reflexo do sol.

Todos convergiram para nós quando começamos a descarregar as mochilas no saguão. Jogamos o conteúdo das sacolas nas mesas e empilhamos a comida nas bancadas. Os suprimentos médicos foram com Goon, um ex-médico do Exército, mas os kits de primeiros socorros seriam divididos entre os veículos.

As meninas começaram a pegar lâminas de barbear e desodorante antes de passarem para as roupas. Notei que Krissy estava para trás, esperando para pegar roupas limpas, e peguei algumas coisas que pareciam servir nela.

"Obrigada", ela suspirou.

Eu balancei a cabeça e sorri.

Tanner se aproximou dela e colocou um par de óculos em seu nariz. "Melhora?" Sua voz era baixa e grave, seu rosto não revelava nenhuma emoção sob a barba espessa.

Ela sorriu para ele, e ele deu um beijo suave em seus lábios.

Sorrindo para mim mesmo, me afastei, dando-lhes privacidade. Meu peito ficou apertado e tive que respirar através da doce dor por um momento. Ver outras pessoas passando por esse mundo caótico ao meu lado foi difícil, mas pequenos momentos como esse me deram esperança. Que talvez não estivéssemos todos num caminho que levasse à dor e ao terror.

Mas pensamentos como esse doeriam ainda mais quando inevitavelmente fôssemos derrubados novamente.

Encontrei Liam se mexendo atrás de mim, olhando para mim com expectativa. "Você os pegou?"

Bati meu queixo, olhando para ele.

"Willow", ele implorou.

Acenei com a cabeça para Jay e Liam se virou, arrancando os gibis de suas mãos. Jay balançou a cabeça, seus olhos dançando enquanto Liam subia as escadas correndo.

Jay me entregou minha mochila e eu o arrastei escada acima. Ele segurou meus quadris enquanto eu corria pelo corredor. "Vá devagar aí, Low."

"Blue", foi tudo que eu disse.

Ele suspirou e me soltou.

Empurrei a porta de Dahlia e me ajoelhei no chão com Blue. Jan riu enquanto Blue gritava e tropeçava em minha direção. Eu o levantei do chão e choveu beijos em seu rosto.

Segurei-o no colo enquanto abria minha mochila, tirando um punhado de brinquedos. Marcy se arrastou até mim e eu tirei um coelhinho brilhante e entreguei a ela. Ela colocou a orelha na boca. Jan bufou e a pegou no colo. "Espero que haja presentes para mim."

"Tem três potes de creme para mamilos lá embaixo esperando por você."

"Oh, Deus te abençoe," ela respirou. Ela beijou minha bochecha e saiu correndo pela porta com Marcy.

"O que você me trouxe, doce?"

Olhei para Dahlia. "Nada de romances, Boneca, mas trouxe para você uma pilha de revistas e quase tudo o mais na sua lista."

Ela sorriu para mim, balançando as sobancelhas.

"Boneca."

Ela fez beicinho. Jay fez questão de pegá-los e muito mais, mas ela não precisava saber disso.

Levantei-me com Blue. "Billy está trazendo tudo à tona."

Dahlia nos dispensou e voltou a ler a Bíblia de cortesia do hotel. Dahlia não era religiosa, então isso me chocou o suficiente para me impedir.

"Estou *entediada*, Willoweed."

Eu me senti mal por não encontrar nenhum livro para ela. Essa foi a única razão pela qual contei a ela o que fiz a seguir. "Eu encontrei uma besta, Doll. Se você for bom, pedirei ao Jay para lhe ensinar."

Jay bufou e me puxou para fora da sala.

"Eu vou cobrar isso de você!" Dahlia gritou. "Você trabalha muito bem com aquele garoto, querida. Um pouco mais de nookie matinal o deixará enrolado em seu dedo!"

Minha boca se abriu. Ela também?

Jay sorriu e piscou para mim. "Tentei manter você quieta, querida."

"Você não!"

Tudo o que ele disse e fez foi propositalmente me fazer perder a cabeça, e ele sabia disso.

"Você não vai precisar desses preservativos," eu rosnei e passei por ele.

Jay soltou uma risada. "Veremos sobre isso, Princesa."

JAY ENCONTROU para nós outro cômodo com quarto e sala de estar, para sua alegria. Depois de procurar um berço, ele o instalou no quarto. Mas isso não me incomodou. De jeito nenhum eu faria sexo com ele na sala de estar com a porta quebrada. Todos ainda seriam capazes de nos ouvir. E não podíamos deixar Blue lá fora enquanto estivéssemos no quarto.

Vendo o quão sério eu estava falando, Jay murmurou algo sobre chutar a bunda de Ren e saiu da sala.

Aproveitei para descarregar as mochilas minhas e de Jay. A minha estava cheia de roupas e produtos de higiene pessoal, tanto para ele quanto para mim. Havia uma mochila inteira para Blue e Marcy que passamos quando Wiley e Jan trouxeram para o nosso quarto.

Não guardei nada além de organizar no banheiro. A maioria das coisas ficou nas malas, caso precisássemos nos mover rapidamente.

Passei uma hora apenas brincando com Blue. Eu precisava passar um tempo com ele. Já fazia muito tempo que eu não conseguia sentar com ele. Blue se agarrou a mim tão rapidamente depois da parada de caminhões, e então tínhamos acabado de reservá-lo para a zona segura – uma zona segura que não era mais tão segura. Aí, quando chegamos na universidade, eu tinha trabalhado tanto que mal o via quando ele não estava dormindo. Na maioria das noites, ele já estava dormindo antes de eu voltar para o nosso quarto.

De alguma forma, mesmo passando tão pouco tempo com ele, ele se sentia como meu. Eu me sentia responsável por ele, mas era mais do que isso. Eu não consegui explicar.

Jay nos encontrou no quarto, dirigindo carrinhos de brinquedo no chão. Blue estava fazendo pequenos barulhos de carro que me fizeram rir. Eu simplesmente sabia que ele conseguia falar, mas o desejo foi expulso dele pelo que quer que tenha acontecido com ele e Fin. Com o ambiente certo, eu sabia que ele acabaria se abrindo mais. Ele já era tão diferente do garotinho aterrorizado que se agarrou a mim com tanta força.

“Reunião em dez”, disse Jay, agachando-se ao meu lado. Blue se levantou e caminhou lentamente até Jay, dirigindo seu carro pelo braço musculoso de Jay.

Jay apalpou a barriga de Blue e ergueu-o acima da cabeça, sorrindo diante dos gritos de excitação de Blue. Apoiei-me nos braços, observando-os.

Jay fez um som de bomba e virou Blue para mim, colando seus lábios nos meus. Blue deu uma risadinha e pressionou seus lábios nos meus quando Jay recuou. Agarreí suas bochechas e soprei uma framboesa.

Blue se abaixou e Jay me puxou para seu colo. Ele apoiou o queixo no meu ombro e vimos Blue nos mostrar cada um de seus carros novos.

“Vamos ficar aqui?” Eu perguntei baixinho.

Jay esfregou o queixo no meu ombro algumas vezes antes de responder. “Não sei. Ren quer ir para onde sua irmã estava na última vez que atendeu o telefone via satélite. Paulie acha que deveríamos encontrar um lugar mais seguro. Está tranquilo aqui agora, mas não vai continuar assim.”

Enrolei meus dedos nos dele e ele os levou à boca, mordiscando-os.

“Parece que nunca vamos parar de correr”, murmurei, cansada.

“Sim,” ele disse asperamente. “Mas encontraremos algum lugar, Low. Encontraremos um lugar seguro. Em algum lugar onde possamos defender. Em algum lugar onde possamos viver.”

“Isso nunca vai parar, vai?”

Jay acariciou meu pescoço e cruzou os braços em volta do peito, me abraçando.

“Acho que nunca houve uma chance de impedir isso”, ele disse calmamente. “Seja lá o que tenha causado isso, não esperávamos. Não sei o que está acontecendo no resto do mundo agora, mas é isso que resta aqui. Ren pode estar certo – ainda pode haver lugares por aí onde eles ainda estão tentando lutar contra essa coisa, mas não acho que valha a pena ficar vagando por aí procurando por eles.”

“Estou com medo”, sussurrei, mantendo a voz baixa com cuidado, pelo bem de Blue.

“Eu também,” ele murmurou.

Olhei por cima do ombro, surpreso. “Você está?”

Jay riu. “Sim, querida. Quando há pessoas voltando dos mortos para arrancar os dentes de você, até um homem como eu pode sentir medo.” Ele me virou, colocando minhas pernas sobre suas coxas. “Não tenho medo por mim. Estou com medo por vocês, meus primos, meus irmãos.

Já passei por algumas coisas malucas, mas nada que ameaçasse diretamente alguém que eu amava.”

“Você serviu com Ren. Você ama ele.”

Jay balançou a cabeça. “Ren é um atirador treinado, querida. Ele pode cuidar de si mesmo. Ele estava nas minhas costas e eu nas dele.”

“Acho que temos mais do que a maioria das pessoas agora”, eu disse, alisando as rugas de sua camisa preta. “Vocês são todos treinados em alguma coisa. A maioria das pessoas são pessoas comuns como eu, e estão sozinhas.”

“Sim,” ele disse asperamente. “Temos sorte.” Ele me beijou um pouco mais profundamente, um pouco mais do que deveríamos na frente de Blue, mas suas mãos me seguraram com força e eu não consegui me afastar.

NÓS NOS ENCONTRAMOS na sala de jantar ao lado do saguão para a reunião. Todos se sentaram em cadeiras nas mesas enquanto Paulie falava conosco. Tínhamos algumas decisões a tomar como grupo, e todos teriam uma palavra a dizer. Paulie não queria procurar mais campos militares seguros. Ele achava que estávamos melhor sozinhos. Ele falou sobre sua experiência de trinta anos nas forças armadas e como a falta de ação que testemunhamos na última semana não significava coisas boas para o resto da nação. Não havia aviões nem caravanas nas estradas. Ninguém estava indo para o leste. Estava estranhamente quieto na frente militar. Os soldados da universidade confessaram-lhe que deixaram de receber ordens no dia seguinte à nossa chegada.

Eles ficavam cada vez mais nervosos a cada dia, e as ações horríveis de Fin finalmente os levaram à ação. Eles saíram para tentar encontrar uma base que ainda estivesse operacional. Paulie não achava que alguém viria do exterior para nos ajudar. E se alguma vez o fizessem, seria para nos tirar do mapa, para que os seus países não fossem infectados.

Isso assustou muita gente. Mas não havia nada que pudéssemos fazer se isso acontecesse no nosso futuro, e Paulie disse que isso se tornava cada vez mais improvável a cada dia. Uma doença que avançava tão rapidamente deveria ter sido detida antes de chegar a outro país. Ou foi espalhado ao longo do tempo, permanecendo inativo até que um dia foi acionado. Isso soou mais como uma arma biológica para mim.

Isso foi discutido em profundidade entre alguns dos membros desde que começou. Goon compartilhou suas suspeitas e tudo começou a fazer sentido.

Os sinais estavam lá alguns dias antes de o inferno começar. Os desejos. Poderia ser uma forma rara de anemia transformada em arma ou com mutação natural, mas realmente não havia como saber. Mas cada um de nós conheceu alguém que comeu um pouco mais de carne vermelha do que o habitual antes do surto em massa. Alguém que estava um pouco mais mal-humorado do que o normal. Rick era minha pessoa. Mas todos nós tivemos um. E embora Rick já mostrasse esses sinais há alguns dias, Cam conhecia alguém que vinha agindo de forma estranha há mais de uma semana.

E se fosse esse o caso, já poderia ter se espalhado por todo o mundo. E uma vez que a doença tomou conta de você, ela sofreu uma mutação mais rápida através de uma mordida. Mil vezes mais rápido.

E não parava. Não estava desacelerando. Estava prosperando.

Devido ao número de pessoas que viajavam para o exterior todos os dias, Paulie não achava que havia nenhum lugar no mundo que não experimentasse o mesmo que nós.

Paulie nos deu algumas opções. Poderíamos fazer o que Ren queria e ir para Washington, onde ele sabia que sua irmã estava. Poderíamos ir para o norte e ver como era o Canadá — ideia de Wiley. Ou poderíamos fazer o que Paulie queria e começar a procurar um local defensável para nos estabelecermos enquanto pudéssemos. Em algum lugar já fortificado. Ou em algum lugar remoto que poderíamos construir, ou em algum lugar já fortemente fortificado, como uma instalação de preparação para emergências. Paulie foi rápido em dizer que a maioria dos lugares como esse provavelmente já abrigaria pessoas. Isso trouxe uma discussão totalmente nova.

Procuramos outros sobreviventes ou ficamos isolados? Para pessoas em quem poderíamos confiar.

Ninguém poderia decidir. Ren estava muito entusiasmado em encontrar sua irmã, e eu não podia culpá-lo, mas Paulie estava tentando nos manter seguros.

Houve discussões e algumas lágrimas das mulheres. Mas ninguém poderia decidir. A única coisa que sabíamos era que não queríamos nos separar. Todos nós precisávamos concordar. Mas não pensei que Ren ficaria aqui se votássemos contra ele.

Ele iria embora sozinho.

Jay o observou atentamente durante toda a discussão. Eventualmente, as pessoas ficaram com fome e fugiram para comer. Ren saiu furioso do hotel e Jay me beijou rapidamente antes que ele e Burman o perseguissem.

NAQUELA NOITE, fui dormir apenas com Blue. Senti Jay chegar tarde da noite, enrolando-se em mim.

"Fiz a primeira vigilância com Ren," ele murmurou em meu cabelo.

"Ele está bem?" Eu perguntei, minha voz embargada de sono.

Jay suspirou. Ele não respondeu.

Na manhã seguinte, ainda não conseguíamos concordar.

Tanner, Goon, Wiley, Syd e Cam saíram à tarde para procurar gasolina nos carros abandonados.

Quando voltaram, estavam de mãos vazias.

Todos os carros já haviam sido drenados.

Paulie ordenou que todos começássemos a fazer as malas.

CAPÍTULO DEZESSEIS

Paulie queria ir embora imediatamente naquela noite, mas Jay e Ren conseguiram acalmá-lo. Os carros eram preocupantes. Se este lugar tivesse sido abandonado, ainda deveria haver gasolina nos carros. Mas não só estavam completamente drenados, como também faltavam velas de ignição na maioria dos carros.

Sair correndo durante a noite seria um movimento óbvio para qualquer um que nos observasse, sem mencionar o fato de que seríamos prejudicados pela escuridão.

Paulie parecia pensar que alguém estava preparando aquele lugar. Limpando mesmo.

Eu não sabia por que alguém faria isso, mas não entendia os homens que me levaram atrás da loja de departamentos, nem a mente distorcida de Fin. As pessoas agora estavam livres das leis e das consequências normais.

Não que drenar carros fosse duvidoso – era isso que estávamos fazendo. Mas deixar as lojas intocadas? Foi estranho.

Carregamos os veículos e nos despedimos de nosso breve adiamento no hotel.

Ren tinha uma motocicleta nova parada do lado de fora do hotel, e eu sabia que Jay e Burman o ajudaram a consegui-la naquela noite em que ele saiu furioso.

Avançamos cerca de cinco quilômetros pela estrada antes que a estranheza da cidade se tornasse clara. Uma barricada nos deteve.

Só que desta vez não foi colocado lá pelos militares.

Os carros estavam alinhados, bloqueando a estrada do outro lado. Paramos e dezenas de homens e mulheres armados apontaram para nós por cima do capô dos veículos.

Meus dedos torceram na camisa de Jay. Blue estava na caminhonete atrás de mim como antes. Queria que Billy desse meia-volta e fosse embora o mais rápido que pudesse, mas sabia que ele não iria arriscar.

"Segura!" alguém gritou da fila de veículos. Nosso pessoal já estava com as armas apontadas para as pessoas à frente, inclusive Jay.

"Não atire", disse um homem mais velho com um sorriso tenso.

Paulie apontou a arma para a cabeça do homem enquanto ele se aproximava. "Você nos deixou seguir nosso caminho e não iremos."

O homem sacudiu a cabeça. "Você roubou algumas coisas de nós, amigo. Devolva-os e nós limparemos o caminho para você."

— Não estou roubando, dadas as circunstâncias de hoje — Paulie falou lentamente.

"Agora veja, isso pode ser verdade em qualquer outro lugar, mas esta cidade é nossa. Essas lojas que você invadiu são nossas."

"Você vive aqui?" Goon perguntou surpreso. Não tínhamos visto uma única alma durante todo o tempo que estivemos fora.

"Nós fazemos." O homem assentiu com firmeza. "Nossos grandes militares tentaram nos expulsar, mas não quisemos ir. Esta é a nossa casa."

Paulie estreitou os olhos para o homem. "Você está protegendo isso."

O homem riu e apontou. "Bingo. Nós estamos. Daqueles monstros selvagens e *ladrões*." Ele olhou para o nosso grupo incisivamente.

Tentei não me contorcer. Tínhamos roubado, mas foi como Paulie disse. Foi realmente um roubo? O dinheiro não era bom agora. A sobrevivência era tudo o que importava. Precisávamos de coisas para sobreviver. Então nós os pegamos. Não machucamos ninguém. Isso nos tornou ladrões?

"Não queríamos fazer mal nenhum", rosnou Paulie. "Você realmente acha que pode manter as pessoas fora daqui? Os mordedores?"

"Podemos cuidar da nossa cidade. Agora, só vou pedir com educação mais uma vez. Devolva o que você roubou ou teremos que recuperá-lo de você."

"Não posso, *amigo*", rosnou Paulie. "Eu tenho o meu próprio para proteger."

"Eu conheço homens como você", zombou o homem, olhando para o nosso grupo, observando os coletes do clube e as motocicletas, *julgando*. "Você acha que pode simplesmente pegar e não haverá consequências?"

Paulie balançou a cabeça. "Você não me conhece. Nós atiraremos se você vier até nós."

O homem suspirou e olhou por cima do ombro, balançando a cabeça.

Não houve aviso.

Uma bala atingiu a nuca de Reed.

Alguém gritou. Pode ter sido eu. Pode ter sido sua mãe. Jay me agarrou por trás e me empurrou no chão, cobrindo meu corpo com o dele.

"Atirador de elite!" Ren gritou e caiu no chão na minha frente.

Os cães enlouqueceram, rosnando e latindo. Todos pularam da carroceria da caminhonete.

Paulie assobiou, impedindo-os de atacar. Ele se agachou e atirou na fileira de carros. A arma de Jay disparou acima de mim e ele me colocou de joelhos, me empurrando contra o pneu da caminhonete.

Armas dispararam de ambos os lados e joguei as mãos acima da cabeça.

Um homem gritou de raiva.

"Cessar fogo! Cessar fogo!" o homem gritou.

Ambos os lados pararam e ouvi os soluços.

"Papai!" Lacey chorou.

"Temos um cirurgião. Você larga suas armas e ele pode salvá-la," o homem gritou calmamente como se ele não tivesse acabado de matar Reed e atirar em uma menina. Caí de bruços e procurei Lacey embaixo da caminhonete. Ela estava deitada no chão, as mãos de Goon pressionando sua barriga.

Engoli um nó grosso na garganta. Havia muito sangue.

"Paulie!" Goon gritou, a agonia em sua voz era clara e horrível.

"Solte-os," Paulie rosnou.

"Escolha inteligente", o homem falou lentamente.

Paulie disse algo vil ao homem e as pessoas correram para a estrada, cercando-nos.

"Ajoelhe-se", alguém ordenou. Jay caiu ao lado mim, seus olhos queimando nos meus. Vi a dor e a fúria ali e comecei a tremer.

Estávamos todos algemados e alinhados na beira da estrada.

Monty latiu uma ordem rápida e os cães partiram. Um homem disparou na direção deles, mas eram rápidos demais. Apenas Olly hesitou. Ele olhou para trás da linha das árvores e Jay gritou algo em alemão. Ele foi empurrado de bruços. Olly desapareceu.

Duas mulheres levantaram Lacey e partiram com ela enquanto vários homens seguravam Goon e os outros membros do clube.

Blue e Marcy choraram quando foram arrancadas de Rayna e Jan. Dois homens nos jogaram no chão e apontaram armas para nossas cabeças enquanto tentávamos agarrá-los de volta.

Fomos colocados de pé e marchamos para a floresta ao lado da estrada. Eles não foram gentis enquanto nos empurravam e nos arrastavam para dentro da floresta.

Dahlia estremeceu a cada passo e teve que se apoiar no homem que a segurava.

Liam tropeçou na raiz de uma árvore e um homem puxou-o pelos cabelos.

Jay deu uma cotovelada no estômago do homem e outro homem lhe deu um soco no rosto. Jay lambeu o sangue no lábio superior e sorriu ameaçadoramente.

Outro homem rasgou a camisa de Krissy enquanto a arrastava, e Tanner avançou, dando-lhe uma cabeçada tão forte que o homem desmaiou.

O homem que falara com Paulie colocou uma arma entre os olhos de Krissy e olhou furioso para Tanner. Ele ofegou entre os dentes, fervendo, mas recuou.

Atravessamos a floresta e paramos diante de um prédio alto cercado por uma cerca de arame grosso.

Era algum tipo de instalação de testes. Três homens armados abriram um portão e dezenas de outras pessoas saíram do prédio, conduzindo-nos para dentro.

Fomos levados escada abaixo, com lanternas guiando nosso caminho.

Um por um, fomos jogados em quartos. Jan e Gia estavam comigo. Duas mulheres levaram Blue e Marcy, e os homens tiraram as algemas de nossos pulsos. Jan agarrou Marcy, soluçando. Blue se enterrou em meu pescoço quando a mulher o entregou para mim.

“Você tenta qualquer coisa e nós os levaremos.”

Jan acenou com a cabeça e Gia olhou para ela. Eu me sentei em uma cadeira e cantei para Blue baixinho enquanto eles nos trancavam sozinhas no quarto.

ELES nos deixaram lá por horas – sem água, sem maneira de nos aliviarmos. Marcy e Blue estavam molhadas e precisavam de uma troca, mas não tínhamos nada para limpá-las. Quando Marcy ficou tão emocionada com seus gritos que ficou sem fôlego, Jan tirou sua jaqueta de algodão e nós a rasgamos para trocá-la. Se não fossem limpos adequadamente logo, ambos acabariam com erupções na pele.

Quando nossos captores finalmente voltaram, foi para procurar armas escondidas e nos fazer perguntas após perguntas.

Eles queriam saber quem estava no comando. Para onde estávamos indo. De onde éramos.

Ignoramos as duas primeiras perguntas, mas contamos tudo sobre de onde viemos. Quão ruim poderia ficar aqui. O que estava por vir. Mas eu poderia dizer que eles não acreditaram em nós.

Estas pessoas acreditavam que isto era temporário – que algum tipo de ordem seria restaurada. E eles estavam dispostos a matar um homem e atirar em uma criança para garantir que sua cidade permanecesse intocada enquanto esperavam.

Quando ficaram frustrados conosco, saíram da sala vazia, batendo a porta atrás deles.

Tentei absorver o máximo possível do lugar e das pessoas.

Estávamos em algum tipo de escritório. A sala definitivamente era um escritório, mas tudo o que tinha era uma escrivaninha e duas cadeiras. As gavetas da mesa estavam vazias. Mesmo assim, procuramos tudo duas vezes só para ter certeza.

As pessoas aqui pareciam comuns na superfície – estranhamente. Os homens usavam camisetas e suéteres, e as mulheres usavam moletons, jeans e até vestidos. Se não fosse por estarem tão fortemente armados, nada neles teria se destacado como particularmente ameaçador.

Mas algo estava errado com eles. Eu poderia ter visto o lado deles antes de atirarem em Reed e Lacey. Eu poderia ter tentado entender a opinião deles. Mas eles não precisavam atirar em nós daquele jeito. Eles poderiam parecer normais, mas estavam longe disso.

Quando eles finalmente nos tiraram da sala, descobri quantos deles eram comparados a nós. Devia haver quase uma centena de pessoas ao redor da propriedade .

O sol estava se pondo e vários incêndios começaram lá fora. Nossos captores nos puxaram para fora e todos circularam em torno das fogueiras. Olhei para meus amigos e empalideci.

Paulie estava com o rosto ensanguentado, assim como a maioria dos outros membros do clube. Liam estava estranhamente imóvel e se afastando dos homens ao seu redor.

Dahlia estava bem, mas Billy foi tão espancado quanto os outros homens do nosso grupo.

Os olhos de Jay brilharam em Blue e em mim, mas ele rapidamente desviou o olhar e voltou-se para a multidão que nos rodeava. Seu nariz tinha sangue seco embaixo e um corte descia pela testa até a maçã do rosto.

O homem que falou conosco pela primeira vez bateu palmas ruidosamente, acalmando a multidão.

"Tivemos invasores esta manhã. Eles estão hospedados fora da cidade há alguns dias. Eles roubaram de nós. Eles entraram em nossa casa e levaram o que queriam, roubando-nos o nosso sustento suado."

A multidão murmurava ao nosso redor, alguns deles cuspiendo em nós.

"Eles não se importam com quem machucam", gritou o homem. "Eles são bárbaros, roubam onde quer que vão, cagando na nossa vida honesta. Eu os trago para você para que você possa ter uma palavra a dizer sobre o que deve ser feito em relação a esses pagãos."

A multidão gritou entre si.

Fiquei boquiaberta com eles.

Pagãos? Ele nos fez parecer criminosos. Não pessoas apenas tentando sobreviver.

Paulie gritou com o homem, mas não consegui ouvi-lo por causa da multidão.

O homem assobiou bruscamente. "Eles se recusaram a devolver o que foi roubado. Não tivemos escolha a não ser uma demonstração de força."

"O que você fez?" uma mulher chamou, parecendo horrorizada.

"O que precisávamos", disse ele gravemente. Mas não, ele não *precisava* matar Reed. Ele não *precisava* atirar em uma criança.

"Você atirou em uma criança!" outra mulher gritou no meio da multidão, o horror em sua voz refletindo a minha.

"Lamento profundamente o ferimento dela", gritou o homem. "Era inevitável."

Um homem atravessou a multidão, carrancudo. Ele era jovem, provavelmente com quase trinta anos. "Sam, isso saiu do controle. Nunca concordamos com isso. "

O homem, Sam, zombou do homem mais jovem. "Rowan, isso não envolve você."

— Da última vez que verifiquei — rosnou Rowan, com o rosto contorcido —, eu ainda era policial nesta cidade.

Várias pessoas se separaram da multidão e ficaram atrás de Rowan.

"Você não assumiu esse papel quando nossa cidade foi ameaçada. Você abandonou seu posto."

— Vá se foder — rosnou Rowan, furioso. "Não fomos ameaçados! Foi uma maldita evacuação!"

"Para onde? Eles não nos disseram nada!" Sam gritou.

Rowan cortou o ar com a mão. "Isso não importa agora. Essa merda não vai embora. Vocês todos estão fodidos se acham que esta cidade ficará isenta do que o resto do país está enfrentando."

"Você pode sair a qualquer momento, Rowan," o homem fungou com altivez.

"E deixar meus amigos e vizinhos serem sugados por sua besteira psicopata?"

Sam enrijeceu e várias pessoas se aproximaram dele. Os dois homens se enfrentaram e parecia que a multidão estava igualmente dividida. Alguns deles olharam para Rowan, mas muitos deles observaram Sam com cautela.

"Tire as algemas", Rowan acenou para nós, e várias pessoas saíram de trás dele.

"Não toque neles!" Sam gritou irado.

Talvez eu os tenha julgado cedo demais. Havia muitas pessoas com Sam na estrada, mas agora havia ainda mais pessoas cercando Rowan, apoiando-o. Houve uma luta pelo poder aqui, e havia uma pequena chance de funcionar a nosso favor. Ou se transformando em algo violento e mortal.

"Eu queria lhe dar o benefício da dúvida", murmurou Rowan. Ele cruzou os braços sobre o peito. "Você disse que eles eram perigosos, e embora eu admita que eles com certeza parecem, você atirou em uma garotinha. Você tem sorte de ela sobreviver." Rowan olhou diretamente para Goon enquanto ele caía no chão, curvando a cabeça sobre os joelhos. Ele observou Goon, seu rosto suavizando. "Ela perdeu muito sangue, mas viverá." Goon engoliu em seco e assentiu, com os olhos brilhantes e úmidos. Rowan voltou-se para Sam. "Você matou um homem por causa de comida, roupas e remédios." Rowan balançou a cabeça em descrença.

"Eles roubaram de *mim*," Sam rosnou.

"Temos um maldito arsenal", rugiu Rowan. "Você pode dispensar algumas armas! Eles têm mulheres, filhos! Parece eu e você!"

"Eles são criminosos!" Sam rugiu de volta.

"Eu terminei com isso. Tire as algemas." Rowan puxou uma arma da cintura, mas a deixou pendurada na perna. Ele olhou para nós, com o rosto duro. "Se qualquer um de vocês tentar qualquer coisa, eu mesmo os colocarei de volta."

"Você não-"

Rowan apontou a arma para Sam. Todos atrás de Rowan de repente empunharam armas e apontaram para Sam e as pessoas que nos levaram até aqui.

Mas o pessoal de Sam não sacou as próprias armas. Eles olharam para Rowan nervosamente, e eu tive que me perguntar como ele instilou tanto medo, mas Sam era quem estava no comando.

Um por um, todos foram soltos. Jay mal ouviu o barulho das algemas antes de puxar a mim e a Blue contra ele. Minha mão tremeu quando foi levantada até seu rosto. Fui tocá-lo, mas hesitei. Ele agarrou-o e pressionou-o contra sua bochecha. Então ele se abaixou e me beijou forte e rápido.

"Minha garota," Goon disse com voz rouca.

Rowan assentiu. "Maya, você e Jared o levam para sua filha."

Paulie observou Goon de perto enquanto ele tropeçava atrás deles.

"Ele vai ficar bem. Não somos todos tão fodidos quanto Sam — disse Rowan a Paulie.

"Você vai me perdoar se eu não acreditar em você." Paulie olhou para ele.

Rowan fez uma careta. "Justo. Pelo que vale, sinto muito pela sua perda."

Paulie olhou para ele, em silêncio.

Rowan suspirou. "Temos médicos aqui. Faremos um check-up de todos vocês e os acompanharemos de volta aos seus veículos."

Sam balbuciou e Rowan olhou para trás. "Dave, tranque ele e qualquer um que sinta necessidade de defendê-lo."

Um homem alto e musculoso assentiu e agarrou Sam pela nuca, empurrando-o em direção ao prédio.

Várias pessoas encararam seus seguidores até que se dispersassem.

"Quem foi?" Paulie perguntou baixo.

Rowan olhou para ele. "Quem? "

"Seu atirador?"

Rowan suspirou e esfregou a testa. "Charlie?"

Um homem magro fumando um cigarro virou-se e ficou rígido.

"É ele?"

Rowan assentiu.

"Somos militares", disse Paulie em voz baixa e ameaçadora. "Policiais, bombeiros, veteranos condecorados. Nossas mulheres são inocentes, assim como nossos filhos."

Rowan olhou para Paulie com cautela.

"Não atire neles", alertou Paulie.

Uma compreensão crescente se filtrou no rosto de Rowan. Ele observou nosso grupo um por um, sua cautela se transformando em uma espécie de tristeza solene. Olhei para Jay. Ele estava olhando para o homem, Charlie. Assim como todos os outros homens do nosso grupo.

Rowan assentiu uma vez, decididamente.

Mais rápido do que eu conseguia rastrear, Paulie pegou a lâmina do cinto de Rowan e a jogou no ar.

O cigarro caiu no chão antes de Charlie.

Continua...

Em breve

Caçado: Desafie os Devastados Livro Três